Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 55.º/19 014 4$00

SEGUNDA-FEIRA 29 MARÇO 1976

COMUNISTAS E SOCIALISTAS VÃO PEDIR EM ESPANHA UM GOVERNO PROVISÓRIO

. MADRID, 29 (ANOP e R) — Os partidos Socialista e Comunista espanhóis projectaram firmar hoje uma aliança formal pedindo um Governo provisório que possa romper completamente com o regime.

O pacto é um golpe infligido aos reformistas governamentais, chefiados pelo ministro do Interior, Manuel Fraga Iribarne, que tem tentado isolar os comunistas e tornar os socialistas numa «oposição legal».

Fontes bem informadas declararam que um comunicado das esquerdas seria emitido durante uma conferência de Imprensa, hoje, à noite, rejeitando tentativas do Governo do rei Juan Carlos de introduzir reformas graduais na estrutura de instituições criadas pelo falecido generalíssimo Franco.

A nova aliança, que pedirá um Governo provisório e eleições para uma Assembleia Constituinte, será conhecida como Coordenação Democrática — revelaram as mesmas fontes. A designação foi escolhida evidentemente para evitar recordações da Frente Popular cuja vitória na consulta às urnas nos anos 30 conduziu à revolta nacionalista, à guerra civil e ao derrubamento da República pelo general Franco.

A aliança reúne os dois agrupamentos da oposição, a Junta Democrática, dirigida pelos comunistas, e a Plataforma Democrática, dominada pelos socialistas.

Assinam também o documento conjunto partidos à esquerda dos comunistas como o dos Operários e a Organização dos Trabalhadores Revolucionários, maoístas, e agrupamentos à direita dos socialistas, incluindo os democratas-cristãos da esquerda e os sociais-democratas.

As mesmas fontes disseram que alguns dos signatários terão de procurar a ratificação do documento pelos congressos dos seus partidos. Notaram, porém, que a aliança seria apoiada pelos dois maiores movimentos sindicais da oposição, a União Geral dos Trabalhadores, controlada pelos socialistas e as «Comissões Operárias» inspiradas pelos comunistas.

Mais provas da polarização da política espanhola tornaram-se ontem patentes quando um dirigente da extrema-direita declarou num comício em Madrid que os seus homens «iriam para as ruas».

No comício, que atraiu mais de duas mil pessoas, discursou, no meio de aplausos, Blas Pinar, o presidente do grupo denominado Força Nova.

Encontro Melo-Chissano depois de 3 de Abril

. Já se encontra na Europa o ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Moçambique, Joaquim Chissano, que proximamente se avistará com o seu colega português, major Melo Antunes, a fim de examinarem as relações entre os dois países.

Joaquim Chissano está actualmente em Sófia, à frente de uma delegação moçambicana que assiste ao 11.º Congresso do Partido Comunista da Bulgária. Em princípio a delegação moçambicana permanecerá na capital búlgara até final da presente semana.

Espera-se que o encontro entre os dois ministros se possa realizar imediatamente após o termo dos trabalhos do Congresso (depois do dia 3, portanto), uma vez que as consultas de Joaquim Chissano com o seu Governo,

Continua na pág. 20

C.D.S. APOSTA NUM PLENO

«Jogar para ganhar» — eis o «slogan» do C.D.S. surgido no seu Encontro Nacional da Póvoa de Varzim, à beira do casino. Dirigentes sublinharam a «grande participação» das bases, cujos automóveis e motociclos «sport» não deixam lugar a dúvida

(Pág. 5)

PARA EVITAR DÚVIDAS

Chefes militares garantem defesa da Constituição

. Os chefes de Estado-Maior dos três ramos das Forças Armadas afirmaram, em declarações prestadas ao «DN», que garantirão o cumprimento da Constituição que vier a ser aprovada.

Ramalho Eanes, responsável máximo do Exército, sublinhou que «o que a Constituinte estabelecer será o que o Exército fará respeitar», Morais da Silva, chefe do Estado-Maior da Força Aérea considerou que o ramo militar a que superinente garantirá o cumprimento da Constituição», enquanto que o almirante Souto Cruz, declarou que diligenciará para que a «Armada garanta o rigoroso cumprimento das decisões que vieram a ser tomadas pela Assembleia Constituinte».

As posições dos três chefes militares adquirem assinalada importância, nomeadamente numa altura em que algumas organizações e dirigentes políticos, desencadeiam uma crescente campanha, no sentido de que seja considerada a possibilidade de revisão constitucional pela Assembleia da República. Tal campanha, desenvolvida por partidos como o C.D.S. e o P.P.D., além de alguns dirigentes do P.S., visa, segundo outras forças políticas, caso do P.C.P., do M.D.P. e parte dos deputados socialistas, adquirir, através dessa revisão, a cobertura legal para a recuperação capitalista e consequenteliquidação das principais conquistas do 25 de Abril.

liquidação das principais conquistas do 25 de Abril.

O general Ramalho Eanes frisa ainda nas declarações citadas, que tal possibilidade de revisão apenas seria válida «se garantisse o que a Constituição tem de mais avançado e progressivo» e que, no caso de vir a ocorrer, efectuar-se-ia apenas em «condições excepcionais e por órgãos representantivos da legitimidade popular e revolucionária».

O almirante Souto Cruz mais aberto à hipótese de revisão, por considerar que a nossa Constituição «regula em detalhe, talvez por vezes excessivo o funcionamento das instituições democráticas», conclui, no entanto, que a Armada garantirá o «rigoroso cumprimento das decisões que vierem a ser tomadas pela Assembleia Constituinte».

O general Morais e Silva, admitindo que «com o correr do tempo surjam problemas se o mecanismo de intervenção constitucional for rígido» e que tal facto poderia «conduzir a um impasse» nas relações entre o Governo e Assembleia da República, advoga a inclusão nas disposições finais da Constituição de uma fórmula que permitisse possíveis alterações, mas que deveria obedecer a «princípios rígidos» que «impedissem sucessivas alterações e a perda das conquistas mais importantes alcançadas pelo povo português através desse diploma».

Registe-se que também o brigadeiro Franco Charais, comandante da Região Militar do Centro, em declarações que publicamos na página 2 diz que «as Forças Armadas vão procurar que o poder político cumpra o que se encontra consignado na Constituição». Charais sublinha ainda que «os elementos das Forças Armadas não estão na disposição de se subordinarem ao poder político, esquecendo o que está expresso na Constituição».

PARTIDOS EM S. BENTO

(PÁG. 20

MINEIROS EM GREVE

GRUPO C.U.F. REUNIDO

(Pág. 9)

20 PÁGINAS

RAMIRO VALADÃO JÁ ESTÁ NO BRASIL

. Ramiro Valadão, antigo presidente do Conselho de Administração da RTP, que aguardava em liberdade o resultado do recurso interposto para a Relação, já se encontra no Brasil.

Como noticiámos na altura, Ramiro Valadão foi condenado em quatro anos de prisão, com perdão de metade da pena, faltando-lhe cumprir quatro meses menos seis dias de cadeia. Quando do julgamento publicámos no «DL» uma fotografia sua com a seguinte legenda: «Ramiro Valadão, ex-presidente da RTP, foi ontem condenado na Boa-Hora mas imediatamente posto em liberdade depois de depositar 200 contos de caução. Promete não se ausentar do País». Podemos acrescentar que Ramiro Valadão se fixou na Baía.

Ele bem prometeu que ficava por cá...

Nacional

Política de A a Z

OS RELATÓRIOS PROMETIDOS

De «relatórios preliminares» andamos já desiludidos, decepcionados. E andamos cansados de esperar pelos «relatórios definitivos». Os de «28 de Setembro», os de «11 de Março», foram — segundo tudo indica — lançados a «ganhos e perdas». Relativamente aos acontecimentos de «25 de Novembro» está prometido um relatório completo. Em diversas ocasiões, a promessa tem sido renovada. E, em vários tons, com piscadelas de olho e eleições à vista, têm-nos falado de relatórios sectoriais. E o que seria mais picante — na perspectiva eleitoral — de um relatório sobre as responsabilidades ou implicações civis. Um colega da tarde, chegou mesmo, no que considerou ser uma demonstração de competência profissional, a dar-nos a primícia de um desses relatórios sectoriais. Um leitor, pessoa atenta mas muito desconfiada, aventou a hipótese de que tais relatórios — os sectoriais e o definitivo — estariam guardados para serem utilizados como «bombas eleitorais». Viriam a ter a «carga política» que as «sondagens» aconselhassem. Todavia — segundo corre — há telhados de vidro. Ninguém quer tomar a iniciativa de lançar a primeira pedra.

Com efeito, não são raros os portugueses que supõem que a publicação das «verdades» relativas aos acontecimentos de Novembro revelem, à clara luz do dia, as «mentiras» dos acontecimentos de Março.

OS RELATÓRIOS ESQUECIDOS

Estão esquecidos, ou foram adiados indefenidamente, alguns relatórios que em muito poderiam contribuir para a clarificação da actual conjuntura política e cuja divulgação se impunha em vésperas de eleições para a Assembleia da República. Referimo-nos, particularmente, aos relatórios sobre as actividades do E. L. P., as estruturas organizacionais e as infiltrações do M. D. L. P., as apreensões de armamento e o tráfico de armas, os atentados terroristas, as fugas, as fontes de financiamento de certos partidos e grupos políticos de «direita», de alguma Imprensa e da actividade exterior de conhecidos activistas políticos.

Não se estranhará, por certo, que alguns observadores políticos defendam a ideia de que o M. D. L. P. — e o próprio ex-general António Spínola — serviriam de cortina protectora de mais profundas e comprometidas diligências. Pergunta-se, portanto, se não será ocasião de publicar um relatório sobre os contactos de políticos portugueses, dirigentes ou membros influentes de partidos legalizados e de vocação governamental, com elementos importantes do M. D. L. P.?

O RELATÓRIO DE VASCO LOURENÇO

Numa entrevista recente e rica de conteúdo informativo, o brigadeiro Vasco Lourenço afirmou: «Um dos perigos que se verificaram logo após o 25 de Novembro e que nós tivemos de enfrentar foi o avanço da direita, pois esta embandeirou e havia muita gente nessa altura convencida que a situação existente era a anterior ao 25 de Abril de 1974.» E Vasco Lourenço vai mais longe, interrogado sobre ter tido lugar, em 25 de Novembro, uma «tentativa de contragolpe», respondeu: «Neste momento assistimos até, na campanha de «justificação» do 11 de Março, à utilização do artifício, inqualificável de pretender denegrir o próprio 25 de Abril para valorizar o 16 de Março, porque muitos dos que entraram no 16 de Março estariam depois envolvidos no 11 de Março ou disso foram acusados — uns bem, isto é: com razões, outros injustificadamente, na sequência do contragolpe que então também existiu...» E o brigadeiro Vasco Lourenço que é homem «sem papas na língua» acrescenta: «Claro... que há quem (convém-lhes) pretenda fazer acreditar que no 11 de Março não houve nenhum «golpe», e fazer esquecer coisas que evidentemente não podem explicar: o bombardeamento do R. A. L. 1, os acontecimentos na G. N. R., com a prisão do comandante por elementos que nem sequer ali prestavam serviço, etc.»

Levanta Vasco Lourenço, nestas suas declarações ao semanário «O Jornal», algumas questões graves que não poderão ser iludidas com piruetas verbais: a) a «direita» pretendeu tirar partido dos acontecimentos de «25 de Novembro», pretendeu «soluções externas» e Vasco Lourenço esclarece quais: «bombardearmos o Ralis ou a base dos pára-quedistas de Tancos»; b) houve em «25 de Novembro» uma «tentativa de contragolpe»; c) há quem intente apagar a memória dos acontecimentos de «11 de Março» de 1975.

Sobre todos os pontos, o «capitão de Abril» Vasco Lourenço, deve à opinião pública um relatório esclarecedor. Os segredos são hoje um perigo pessoal e público, as meias-verdades são insuportáveis.

QUANDO AS ACUSAÇÕES SE REPETEM

Disse Vasco Lourenço: «E é também sintomático que algumas das acusações que nos estão a ser feitas agora são iguais a outras que foram feitas antes do 11 de Março — e que até sairam na «Manchete» do Rio de Janeiro, decerto pelo mesmo «autor» ou pelos mesmos «autores». Assim vão aprendendo os «capitães de Abril» a sua classe primária de política. Alguns aprendem bem, outros são (um pouco) renitentes à lição da experiência. Tudo correria da melhor maneira — o nosso calvário cívico e o deles calvário escolar — se um povo se não impacientasse e não reivindicar, no quotidiano, que um fácil «golpe de Estado» se desentranhasse nas concretas consequências de uma difícil «Revolução».

E aqui reside o desentendimento: os «capitães» mudaram da «guerra» para a «paz», e o povo queria mudar do «fascismo capitalista» para a democracia e para o socialismo.

ÁLVARO CUNHAL EM PORTIMÃO

"Profundo golpe de Estado" é objectivo da reacção

«A reacção está fazendo tudo para praticar um profundo golpe de Estado, pois não lhe convém a ordem democrática, tendo contribuído para desencadear greves. Os reaccionários desencadeiam a desordem e acusam depois os comunistas às Forças Armadas e ao Conselho da Revolução, procurando assim provocar uma acção de repressão contra o P. C. P. no sentido de o aniquilar», afirmou ontem em Portimão o secretário-geral do P. C. P., Álvaro Cunhal, no decorrer de um comício que reuniu cerca de 10 000 pessoas, concentradas no Largo 1.º de Maio, em frente aos Paços do Concelho.

Além do secretário-geral do P. C. P. estiveram ainda presentes, José Vitorino, da Comissão Política; Carlos Barnabé, Maria Luísa Ernesto e Nélson de Freitas, da U. E. C. de Portimão, e Cesário Martins, da comissão concelhia do P. C. P.

No seu discurso Álvaro Cunhal referiu-se aos grandes sacrifícios que ele e outros militantes do P. C. P. fizeram, ao tempo que passaram nas prisões por defenderem a liberdade, e salientou a necessidade de defender as eleições para a Assembleia da República, a Reforma Agrária e as nacionalizações já efectuadas.

Aludindo depois à situação dos retornados Álvaro Cunhal, depois de assinalar que «muitos deles nascidos e criados em Angola, já podem voltar para onde nasceram, mas têm de olhar para aquele país com a devida compreensão, como um país independente, com as suas leis próprias, as quais têm de ser respeitadas por todos os membros daquela nova sociedade» afirmou que eles foram enganados pelos partidos da direita.

Depois, e referindo-se com humor às notícias propaladas sobre caixotes de armas desembarcados não se sabe onde, destinados a armar o povo revolucionário, afirmou que se «alguém revistasse as muitas casas dos reaccionários era possível que tais armas viessem a ser encontradas».

COMÍCIO EM ALCÁCER

Na sua digressão pelo Sul, Álvaro Cunhal esteve também em Alcácer do Sal, onde, falando aos trabalhadores, denunciou todas as mentiras que têm servido para atacar a Reforma Agrária. Socorrendo-se de números e exemplos, como é o caso da Cooperativa de Casebres, o secretário-geral do P. C. P. salientou que as terras cultivadas passaram de 120 hectares em 1974, nas mãos dos agrários, a 500 hectares actualmente, nas mãos dos trabalhadores, as 400 ovelhas existentes nessa altura passaram agora para mais de 100, sem contar com os 700 borregos onde não os havia e 34 porcas criadoras, tudo isto resultado do esforço dos trabalhadores.

«E depois os reaccionários agrários, o C. D. S., o P. P. D. e outros partidos reaccionários, e infelizmento não só, infelizmente também alguns que deviam usar outra linguagem, que deviam falar a linguagem da verdade porque se dizem antifascistas, democratas e mesmo socialistas, dizem que com a Reforma Agrária foi a desordem nos campos, desceu a produção, arruinaram-se unidades agrícolas... Todos sabem em Alcácer do Sal que assim não foi. Que com a Reforma Agrária se produziu mais, que se vai produzir mais do que se produzia quando as terras pertenciam aos agrários».

Cunhal alertou depois para as próximas eleições afirmando que se os partidos da direita conseguissem uma maioria na Assembleia da República, uma das primeiras leis que fariam seria anular a Lei da Reforma Agrária, e referiu-se à necessidade de o Partido Socialista antes das eleições «dizer muito claramente com quem se vai aliar depois das eleições».

Mais adiante o secretário-geral do P. C. P. disse: «Nós estamos dispostos a esquecer ofensas, a esquecer calúnias, a esquecer ataques, desde que haja homens, mulheres, jovens, que, pensando de forma diferente de nós comunistas, estejam dispostos a lutar connosco, ombro com ombro, pelos objectivos fundamentais comuns, em defesa dos interesses dos trabalhadores, em defesa da liberdade, em defesa da Reforma Agrária, em defesa da Revolução portuguesa. Estamos dispostos a unirmo-nos a todos que queiram lutar connosco».

SÁ CARNEIRO EM FARO

"Estamos fartos de revoluções — a revolução está feita"

«No campo e na cidade, P.P.D. é liberdade» — disse Francisco Sá Carneiro ontem em Faro, no uso da palavra durante um comício do P.P.D. e na sequência de uma série de sessões que esta organização levou a efeito este fim-de-semana no Algarve: além de Faro, Portimão, Tavira e Lagos. — E dizemos mais — prosseguiu o secretário-geral do seu partido —, dizemos que já estamos fartos de revoluções. A revolução está feita. Agora, o que é preciso é fazer as reformas próprias, é resolver os problemas concretos do povo.» Antes, Sá Carneiro declarara para a multidão: «Não somos um partido revolucionário: somos um partido democrático.»

. O secretário-geral do P.P.D. fez o elogio da social-democracia, apontando para o exemplo dos países onde esse é o sistema em vigor. «Os países do Norte e do Centro da Europa são desenvolvidos porque entraram na social-democracia» — considerou. Verberou aqueles que dizem não ter o seu partido implantação nas classes trabalhadoras. «É curioso que quem diz isso, normalmente, é trabalhador de nome, tem carteira de trabalhador mas trabalhar é que não trabalha — garantiu Sá Carneiro. — Para desmentir isso, bastaria, entretanto referir o apoio que o P.P.D. encontrou nestes contactos que teve no Alentejo e no Algarve. Os mesmos são suficientes para me convencer que os trabalhadores portugueses apoiam a social-democracia e sabem que é a social-democracia». Referiu exemplos e um exemplo concreto: — «Sabem-no os pescadores com quem fomos comer uma caldeirada, alguns dos quais ao pé de mim, trabalharam anos em Bremen e sabem muito bem como funcionam, em benefício dos trabalhadores, os governos sociais-democratas e os partidos sociais-democratas. Mas também sabem o que encontram cá.»

. «Queremos a social-democracia e lutar contra o fascismo e o social-fascismo» — disse, noutro passo do seu discurso, o secretário-geral do P.P.D. Insurgiu-se contra o facto de correrem filmes de Cuba e da U.R.S.S. na Televisão e afirmou que, se Portugal pós-25 de Abril se tivesse articulado em contactos com os países capitalistas ocidentais em vez de procurar contactos com os países socialistas, a situação política no nosso país seria hoje outra.

Sá Carneiro esteve ainda e falou em comícios do P.P.D. em Portimão, Tavira e Lagos. O P.P.D. realizou outro comício no Algarve, em Vila Real de Santo António. Sá Carneiro não esteve presente, e a sessão ficou assinalada por alguns confrontos entre adeptos do P.P.D. concentrados na sessão e manifestantes. Também o comício em Lagos, não decorren sem alterações: Sá Carneiro foi vaiado, por alguns dos presentes que um matutino de Lisboa na sua edição de hoje diz que estavam «munidos de grossos cabos de enxada». Todavia, não chegou a haver incidentes.

SEPARATISTAS MADEIRENSES

"Ninguém consegue calar a voz da Flama"

FUNCHAL, 29 — A organização separatista Flama acaba de distribuir um comunicado, sob o n.º 8/76, através do qual faz cerrado ataque à projectada Sociedade Financeira e de Desenvolvimento da Madeira.

Afirmam os separatistas ser falso que o assunto esteja aberto à discussão pública, já que «os principais representantes do Povo madeirense (a Flama) não participam do debate». Acrescenta-se a certo ponto que, apesar de tudo, «Ninguém consegue calar a voz da Flama».

Ainda a propósito da criação da referida Sociedade Financeira, a Flama «dá o seu acordo à posição assumida pelo P.P.D. e C.D.S.».

Prossegue o comunicado: «Não votes em nenhum partido que seja contra a independência da Madeira. Vota nos partidos que mais favoreçam a independência da Madeira».

APELO DA JUVENTUDE SOCIALISTA

Entretanto, a Juventude Socialista emitiu um comunicado apelando para as forças progressistas no sentido de cerrarem fileiras contra o avanço da direita.

Considera a J. S. que a direita manobra os órgãos da Informação e membros da actual Junta Governativa, de tal forma que a «Pérola do Atlântico» se poderia chamar o «Inferno do Atlântico».

Não hesitando em colocar Flama, P.P.D. e C.D.S. ao mesmo nível, a Juventude Socialista afirma que a situação «está pior que no tempo da velha senhora».

URGENTE
HAB. 2 ASSOALHADAS
S. SEBASTIÃO
Resp. a este jornal
ao n.º 1633

post scriptum

Símbolos

Acabo de ler nos jornais que o Supremo Tribunal de Justiça deliberou não atender o recurso interposto pelo P. C. P., quanto ao litígio sobre símbolos que opõe aquele Partido ao M. R. P. P.

Segundo o Supremo Tribunal e confirmado depois pelo Conselho da Revolução, não existe semelhança nos símbolos!

Rigorosamente, não foi só o P. C. P. que foi atingido pela deliberação do Supremo e do C. R., mas sobretudo o povo português.

Sim, porque constitui uma grave falta de respeito por este povo, induzi-lo deliberadamente em erro e, de modo particular dar aos mais humildes que, infelizmente nem ler sabem, a possibilidade de votarem num partido que não é aquele que pretendem, pois não resta dúvida de que hão-de registar-se muitos enganos porque os símbolos, quer queiram quer não, são mesmo muito semelhantes.

Sérgio Manuel Vilarinho Montez — LISBOA

Antagonismo ou eleitoralismo?

Vi e ouvi na Televisão Portuguesa o senhor doutor Mário Soares afirmar:

«Quero que fique bem assente que o P. S. não fará qualquer aliança — quer antes, durante ou depois das eleições — com o P. C. P.»

Não garanto que tenham sido, textualmente, estas palavras, mas o sentido foi-o.

Li ontem no jornal que a lista afecta à J. S. tinha ganho as eleições para os corpos directivos da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa.

Esta vitória só foi possível devido ao apoio da U E. C.

Que se passa?

Será que as bases através e principalmente, das suas juventudes que estão a mostrar o caminho correcto para a unidade de esquerda necessária a fazer barreira ao avanço declarado da direita?

Artur Adelino Canha da Piedade — LISBOA

Ratoeiras

Nos fins do ano passado, a entidade que tem a cargo os Serviços de Trânsito na cidade de Lisboa, mandou proceder à implantação de pesados e inestéticos paralelipípedos de betão, solidamente presos aos pavimentos da Rua do Ouro e da Rua Augusta, marginando os passeios do lado direito, certamente com a finalidade de alargar as faixas destinadas à circulação de peões.

Dado que aqueles paralelipípedos de betão possuem uma altura exagerada, já se têm verificado inúmeras quedas de pessoas, inclusive crianças, que despreocupadas circulavam nas novas faixas que lhes foram reservadas, sem tomarem a devida atenção às autênticas «ratoeiras» ali existentes.

Como se encontram localizados bem dentro da faixa de rodagem e sem sinalização adequada, dão também origem frequentemente a acidentes de viação, como se pode constatar através da observação de variadíssimas mossas e sulcos, esculpidos no betão pelos veículos que neles vão embater.

Será que qualquer dia teremos ainda de lamentar a ocorrência de um acidente de trágicas consequências?

A dar-se este facto a quem atribuir as culpas?

Chega a parecer inacreditável que o autor de tal projecto não se tenha apercebido dos graves inconvenientes da sua obra!

Não seria mais estético e funcional, proceder ao alargamento da área destinada aos peões, utilizando a típica calçada à portuguesa, que aliás já existe no local, mas que infelizmente não foi tomada como modelo?

Creio que poderia haver várias soluções válidas com vista à resolução do problema, mas não restam dúvidas de que se foi escolher a pior delas, a que consegue oferecer menores condições de segurança, quer para os peões quer para o trânsito de veículos e ainda a que coloca em xeque a capacidade de imaginação criadora do seu autor.

Mário Mota de Magalhães — LISBOA

Reformados

Fala-se muito em retornados, mas nada se diz acerca dos reformados. É verdade que todos nós precisamos de viver, tanto retornados como reformados e também é verdade que todos fomos vítimas do fascismo e agora do capitalismo «democrático», mas até os nossos camaradas operários que estão em actividade, que podem lutar e ganhar o seu pão de cada dia, se esquecem de nós. Os reformados não têm quem trate da sua situação.

Estou reformado com 3000$70, mas há camaradas meus só com 2000$00. Lutamos muito para sobreviver e enfrentar a subida selvagem do custo de vida. Depois de 55 anos de trabalho, sempre no nosso país — e trabalho especializado num sector tão importante como é o da construção naval — eis-me reduzido à situação de poder comer apenas uma vez por dia, e mesmo assim mal, pois o dinheiro mal chega para medicamentos, renda de casa, etc., e minha mulher não me pode ajudar por não ter direito a qualquer pensão, apesar de ter trabalhado na Fábrica da Indústria de Cortiça: é que nunca descontou para a Caixa de Previdência, pois não existia nesse tempo.

Fui caldeireiro de ferro na construção metálica e construção naval, de competência profissional geralmente reconhecida. É justo que me reduzam à situação de total abandono em que agora me encontro, sem meios nem recursos, depois de 55 anos de trabalho produtivo?

António da Silva Neto — CARNAXIDE

DESENVOLVIMENTO E FELICIDADE

J. Lajinha Serafim

Ao homem não aborrece o trabalho; o homem, por natureza, é activo e condena a preguiça. Mas o homem não pode, de forma nenhuma gostar do trabalho que lhe não interessa ou que não percebe e, muito menos, do que o magoa ou o fere na sua dignidade e liberdade. A época do trabalho alienado está mesmo a terminar. Cada um deseja apenas fazer e só fará trabalho socialmente útil. É a utopia. Os movimentos das massas operárias e componesas apontam no sentido de menos, mais agradável e mais consciente trabalho.

Cada vez se sente mais a necessidade de uma humanização da tecnologia que sirva todos os homens, e não só os de algumas nações imperialistas, e os torne a todos mais desafogados e mais felizes. Está certo afirmar, com Malraux, que todas as sociedades humanas contribuíram para a actual civilização e até parafraseá-lo dizendo que todos os homens têm contribuído para a riqueza existente, que, infelizmente, está, em muitos lugares, apenas na mão de alguns.

O homem não é uma máquina. Não subsiste, não vive, se apenas forem satisfeitas as suas necessidades fisiológicas. Ele necessita de alegria, amor, ternura e razão, e de liberdade e justiça autêntica também. É verdade que a Religião lhe deu sempre a «válvula de escape» para estas necessidades e constituiu-se num sistema espiritual, completo necessário à sobrevivência. Mas a sua eficácia desapareceu; as ideias de Nietzsche sobre a classe inferior, amparada por Deus, ruiram com o fascismo. Os homens de todo o mundo são hoje muito mais iguais e muito mais livres. Quer se queira quer não, o espírito de Helsinquia, da Paz e da Cooperação vai-se implantando em todo o mundo.

A necessidade de uma expressão para o futuro foi, até há pouco, o homem satisfazer, especialmente, nas letras, na pintura, na escultura, na música e na própria dança, mas hoje também a deve redescobrir na ciência pura, no saber desinteressado e no novo humanismo científico. Por outro lado parece também altamente importante afirmar, com Fromm, que «os que pensam que os conflitos humanos, tal como se exprimem numa peça de teatro grego, ou de Shakespeare, ou num bom romance de Tolstói, Dostoyevsky, Vítor Hugo (ou Romain Roland), desaparecem no dia em que se satisfaçam as necessidades de todos, estão tão enganados como os que imaginam que é o luar que produz o amor...». O «homo economicus» continua perfeitamente válido mas a sociedade de consumo está em falência.

Não pode deixar de se aceitar que as contradições do mundo capitalista actual constituem desafios cada dia mais importantes para o artista e o filósolfo que têm de interpretar e comparar esse mundo de hoje com o do passado e portanto ajudá-lo na sua mudança. Mas, por outro lado, verifica-se que as relações entre economia, ciência, tecnologia, creatividade e imaginação são cada vez mais importantes e que as três primeiras matérias estão perdendo o seu aspecto interesseiro. Também se constata que a creatividade artística tradicional de tipo intuitivo está num processo de crise e que os principais ramos da filosofia actual bebem cada vez mais nas descobertas científicas, nas conquistas da lógica matemática. O mesmo se pode dizer que acontece relativamente à filosofia social tradicional. Não temos dúvida em afirma que o processo epistemológico das ciências sociais evoluiu desde Marx até agora. No entanto, as bases do Materialismo Dialéctico, como os pensamentos, observações e dictames de Lenine mantêm-se actuais. A experiência soviética, tão positiva, é fulcral nos novos raciocínios, ainda que a chinesa também tenha de ser considerada. Mas as tragédias e recuos da Europa e da América, os frustrados progressos e as contradições, cada vez maiores, da sociedade tecnológica também são elementos fundamentais de análise. É que as sociedades americana e da Europa Ocidental são as que ainda detêm maiores riquezas, produto do devir histórico, quer se queira, quer não.

A sociologia tem, nos nossos dias, uma fecunda raiz e uma nova fonte de conhecimentos nos processos creativos da ciência e até no desequilíbrio (décadas atrás diziamos na dinâmica) que as riquezas técnicas impuseram à sociedade. Mais que isso, as formas sociais das classes dominantes e dominadas transformaram-se: o operariado aburguesou-se, o «Capitão de Indústria» perdeu os criados, o ensino superior (dantes sinónimo de aristocracia) quase se proletarizou nos países de classes mais ricas e os estudantes transformaram-se na fracção radical dessas sociedades. No entanto, os verdadeiros e novos revolucionários que o futuro pode antever aí são afinal, na ideia de Marcuse, os próprios cientistas, os intelectuais e os professores. Será, ao que parece, na associação destes com a classe operária, da qual provenham os estudantes mais esclarecidos e mais adiantados, que poderá, talvez, a sociedade depositar as esperanças e a eles entregar a transformação e o comando do mundo de amanhã. Eles, trabalhadores científicos, melhor que ninguém (com mais obrigação ainda que poetas, artistas, filósofos e homens de acção) sabem o que fizeram de mal e poderão determinar os movimentos da humanidade. Continuamos, com Sócrates, a acreditar que o bem vem do conhecimento e temos fé nos verdadeiros e esforçados cientistas da nova geração. Se eles não se aperceberem da sua enorme força social e das motivações transformadoras que hoje possuem, então sim, no mundo de amanhã só podemos divisar o caos e a anarquia. Claro que não se chegará aí, porque a Humanidade não é constituída por suicidas...

O prestígio da ciência e da técnica já é hoje contestado (como não o era há duas décadas apenas) ainda que elas dominem todo o mundo actual e vão dominar o do futuro. Essas actividades são parte essencial da natureza humana que busca o saber e o progresso, e quase sempre tem resolvido bem os seus problemas. Mas as forças económicas e políticas tradicionais, e até outras que o não são, apossaram-se da ciência e da técnica para aumentar a riqueza e o poder de alguns apenas, sem se preocupar das tremendas e perniciosas consequências de que estamos a sofrer e do pesadelo destrutor que paira sobre nós.

Nos movimentos da juventude irreverente e contestatária que sucedeu ao negativismo e alienação do pós-guerra (consubstanciado inicialmente no anti-racionalismo e no existencialismo), talvez possamos encontrar uma elegia que é intrínseca dos melhores idealismos; os do amor, da beleza, da amizade, da paz, da bondade, da ternura, da compreensão e entreajuda humana, da liberdade, do êxtase perante o amor e a natureza e a sua interpretação científica ou metafísica, e de tantos outros motivos de felicidade individual e colectiva. O movimento «hippy» não foi uma alienação.

Quase todos os cientistas do presente apresentam-se com atitudes bem diferentes dos do passado e, frequentemente também, com uma posição diferente da do cidadão comum. Em geral, «permanecem afastados dos problemas correntes e do dia-a-dia e estão convencidos, e quantas vezes vaidosos, da sua pureza profissional, a qual só perdem, raramente, devido a necessidades económicas». Essas atitudes merecem revisão urgente; antes que acabe o século...

Os engenheiros e outros técnicos (nos quais incluiremos economistas, médicos, advogados) e profissionais (administradores, operários especializados) tendem a ficar, total e exclusivamente, absorvidos pelos problemas da sua profissão, como se a destilação de petróleo, o novo código civil, a produção de remédios ou mesmo o tratamento de uma doença constituíssem tudo quanto a Humanidade tem que fazer; e o seu alheamento e desconhecimento sociais chega, por vezes, a constituir um verdadeiro problema, pois quase sempre a sua actividade profissional tem repercussões fundamentais e primárias na vida e nos destinos da sociedade. À força de, na escola, serem estimulados nas atitudes introspectivas da sua profissão, eles só ficam a olhar para dentro do círculo da sua própria actividade. E na profissão gastam toda a sua energia, o que só é para lastimar. Não é com pouca frequência que nós notamos que o espírito de sacrifício pelas causas públicas, a convicção profunda do idealismo do bem e o desejo de lutar por esse idealismo são atributos e acções que poucos destes «técnicos» ou «cientistas» possuem ou querem tomar. Existe, com frequência, sobretudo nos países mais avançados e também noutros já à retaguarda como o nosso, a sensação de um aparente excesso de cientistas e letrados recém-formados em relação aos lugares que estão disponíveis. É uma sensação parcialmente errada. Todos e mais que todos os cientistas e humanistas jamais sobrarão. Técnicos para o serviço de causas e interesses privados, esses sim, sobram.

Logo que o homem dos países mais atrasados e mais pobres conseguir vencer os inaceitáveis e, sob todos os pontos de vista, reprováveis sistemas políticos ditatoriais que até hoje persistem em dominar os povos (fascismos, socialismos nacionalistas, oligarquias, plutocracias, etc.) e que rejeite, de «motu proprio», os atractivos alienantes da sociedade de consumo (em que o único interesse é produzir para consumir e desperdiçar mais) e crie total consciência (o 25 de Abril, o 1.º de Maio, o 28 de Setembro portugueses são datas a reter), o Terceiro Mundo passará a liderar, não há dúvida.

Entretanto, é necessário desconfiar dos cientistas, intelectuais, filósofos e políticos sem esperança, cujo desespero pessoal os levou para o radicalismo e para propostas violentas e caóticas de revoluções desumanas. Poucos desses homens têm a felicidade como objectivo e a esperança como critério.

A maior parte deste artigo foi escrito em 1973 para introito a uma conferência que não se chegou a realizar. Pouco soubemos agora acrescentar. Outras partes dessa conferência não realizada serão publicadas, se possível.

JLS

GRAHAM GREENE LANÇA DESAFIO AOS DUVALIER

«Estou disposto a voltar ao Haiti e se puderem provar-me que as coisas mudaram, como o afirmam os Duvalier e os seus aliados, contarei a toda a gente o que vir. Mas é preciso que estejam à minha espera no aeroporto os meus amigos Fred e Renaud Baptiste, prisioneiros políticos há seis anos.» (1) O escritor americano Graham Greene que, no seu livro, «Os Comediantes», traçou sem concessões um quadro da família Duvalier, lançou este desafio a 12 de Março durante uma conferência de Imprensa realizada em Londres.

O escritor acha que a Imprensa internacional fez um grande silêncio sobre o problema haitiano. Segundo ele só se lêem artigos de elogio e pouco sérios na Imprensa americana «como se se tratasse de publicidade paga».

«Papa Doc» denunciara em 1968 Graham Greene num libelo dirigido às embaixadas do Haiti. O escritor recordou que no passado mês de Maio a família Duvalier inaugurou em Port-au-Prince um grandioso mausoléu em memória de «Papa Doc» e que custou 2 por cento do orçamento nacional.

Ao mesmo tempo o Governo haitiano anunciava que a fome reinava a nordeste do país.

(1) Os irmãos Baptiste dirigiam em 1963 um grupo de guerrilha no Norte do Haiti. Depois de terem combatido com os constitucionalistas na República Dominicana em 1965, voltaram ao Haiti em 70, com catorze homens, para tentar derrubar o regime Duvalier. Ambos foram capturados em Fevereiro de 1970 e desde então ficaram presos sem julgamento. O mais velho, Fred, teria enlouquecido em consequência de torturas, na prisão de Fort-Dimanche, na capital.

(«Le Monde»)

Nacional

Novo complexo de matérias plásticas

A indústria das matérias plásticas deverá ter um grande desenvolvimento no nosso país, em resultado do acordo estabelecido entre a Companhia Nacional de Petroquímica e uma sociedade química francesa de capitais públicos-C.D.F. Chimie __, para construir e explorar diversas unidades de produção daquela matéria-prima.

A importância do empreendimento poderá facilmente ser avaliado atendendo aos montantes das importações das matérias plásticas: 1.667.665 contos em 1972; 2.498.335 contos em 1973; e 3.933.881 em 1974.

Esta petroquímica de olefinas que utilizará basicamente a nafta produzida pelas refinarias de Matosinhos e Sines, poderá influenciar a balança de pagamentos. Com efeito, o complexo representará para o País, nos primeiros dez anos de funcionamento, uma entrada líquida de divisas da ordem dos 44 milhões de contos, se o investimento for predominantemente estrangeiro, ou de 55 milhões de contos se tiver maioria nacional.

Não são conhecidos, no entanto, os termos do acordo de molde a podermos avaliar em que a dependência do capital estrangeiro ficará a nova indústria.

Ainda segundo os elementos fornecidos, o volume de emprego para todo o complexo ascenderá a cerca de 2200 postos directos de trabalho. Além disso à construção e montagem corresponderão cerca de 9000 homens/ano.

A indústria de plástico em Portugal ocupa actualmente cerca de onze mil trabalhadores, e as restantes indústrias, que utilizam matérias plásticas, cerca do dobro.

Governo define intervenção nos salários e preços

A criação de um Conselho Nacional de Política de Rendimentos e Preços, decidida em Conselho de Ministros, foi já oficializada através da publicação, em suplemento ao «Diário do Governo», da resolução ministerial que está na base da sua formação.

Em introdução, refere a resolução do Conselho de Ministros que «a par de outras medidas já tomadas ou em vias de o serem, nomeadamente no domínio do planeamento da produção, dos investimentos e do emprego, e no da repartição do rendimento, entende o Governo que se impõe, desde já, estabelecer as directrizes gerais de uma política de salários e preços».

A intervenção do Governo na definição de uma política nacional de salários e preços é justificada, segundo a resolução, por várias ordens de razões, entre as quais é apontada a necessidade de «assegurar a não-deterioração do poder aquisitivo das classes de menores rendimentos e garantir um salário mínimo compatível com a satisfação das necessidades fundamentais dos preços vigentes».

Como medidas de carácter prioritário, propõe o Governo, entre outras, a fixação de um salário mínimo nacional, em proporção com o custo de satisfação das necessidades essenciais avaliadas aos preços vigentes, a adopção do mecanismo de actualização do salário mínimo e valores das pensões inferiores em função do eventual aumento do custo de vida, a estabilização dos preços de um conjunto de bens fundamentais; a garantia de abastecimento de bens de alimentação essenciais; e a correcção das desigualdades dos níveis salariais existentes, mediante a fixação de uma grelha de salários a elaborar.

O Conselho Nacional de Política de Rendimentos e Preços, agora criado, será constituído por representantes do Governo e das associações sindicais e patronais, e bem assim por peritos, e funcionará junto da Presidência do Conselho.

Entre outras, terá as funções seguintes: definir e propor ao Governo o nível de massa salarial dos vários sectores de actividade, compatível com os encargos de produção do respectivo sector, e a necessidade social de formação de um fundo comum destinado à expansão da capacidade produtiva nacional; e acompanhar regularmente o nível de abastecimento relativo ao conjunto dos bens de consumo, matérias-primas e subsidiárias que forem julgadas essenciais.

GRUPO DE TRABALHO

Entretanto, e por despacho do Primeiro-Ministro, foi nomeado um grupo de trabalho ao qual competirá, no prazo de vinte dias, apresentar ao Governo uma proposta para a composição do Conselho Nacional de Rendimentos e Preços, o processo de designação dos seus elementos, as bases gerais do seu funcionamento e uma estimativa dos recursos necessários.

O grupo, que funcionará junto do gabinete do Primeiro-Ministro, é composto pela dra. Maria Manuela Silva, pela dr.ª Odete Esteves de Carvalho e pelo eng. Eduardo Gomes Cardoso.

Semana começa com cerveja mais cara

Desde as 8 horas de hoje, quando os serviços de abastecimento da Sociedade Central de Cervejas iniciaram a sua actividade, esta bebida passou a custar mais caro. O preço do litro agora é de 15$80 e os três decilitros da garrafa normal a valer 7$50. Os aumentos sobre os preços praticados anteriormente foram de 4$30 e 1$50, respectivamente.

O Conselho de Ministros autorizou a alteração há alguns dias como reflexo do acréscimo de 2$00 no imposto de transacção e de 2$30 no custo de produção. Pelo menos a explicação dada foi esta.

Sobre o aumento da cerveja muitas coisas são ditas: uma delas, por exemplo, explica que a razão para a demora em tornar pública a subida do preço da cerveja foi evitar o açambarcamento da bebida, pois os serviços de distribuição não funcionam durante o fim-de-semana. Outro pensamento afirma que o aumento virá em proveito da indústria vinícola. Entretanto, os trabalhadores do ramo não estão de acordo com os aumentos registados, e lembra-se que a indústria da cerveja é das mais lucrativas.

CARNE E LEITE AUMENTAM NO PRODUTOR

Enquanto isso, o secretário do Estado do Comércio Alimentar anunciou que os preços da carne e do leite vão aumentar no produtor, sem reflexos, entretanto, para os consumidores.

A notícia foi dada durante um colóquio sobre a comercialização dos produtos agrícolas, na Escola Bento de Jesus Caraça, em Évora, na última sexta-feira.

O dr. Mário Baptista disse ainda que o preço do pão não deve subir e que as importações de produtos alimentares não ultrapassam 50 por cento das necessidades de consumo. Fez uma análise das actuais estruturas de comercialização e dos problemas criados pela existência de intermediários e anunciou a entrada em funcionamento da Rede Nacional do Frio, além da passagem da Junta Nacional dos Produtos Pecuários a empresa pública.

Produtores de madeira: ultimato ao Governo

O plenário nacional de agricultores e produtores de madeira, reunido em Agueda no sábado passado, decidiu que serão postas barragens às portas das fábricas de celulose se, dentro de um prazo de 30 dias, o Governo não atender favoravelmente as reivindicações feitas pelos produtores de madeira que contemplam a subida imediata do preço do pinho e do eucalipto para seiscentos escudos por estere, o seu escoamento das matas e uma maior rapidez no pagamento.

As centenas de produtores que participaram no plenário elegeram ao mesmo tempo uma nova comissão que representará os produtores de todo o país e deverá apresentar uma exposição ao Governo sobre a grave crise em que se encontra a indústria da madeira, no sector da produção e escoamento.

Durante a reunião foram feitas críticas aos diversos Governos provisórios: «O Governo fascista» __ afirmou-se no plenário __ «explorou-nos durante muitos anos. Este é um facto, mas depois do 25 de Abril ainda não veio nenhum outro Governo que fosse capaz de fazer algo por nós __ os pequenos agricultores». Também as importações de madeira da Rússia foram severamente criticadas por «contribuirem para as dificuldades presentes».

Além das citadas exigências, os produtores pretendem que seja urgantemente feito um estudo, com a sua participação activa, com vista a uma melhor exploração das madeiras e da sua exportação.

Caso o Governo não atenda às reivindicações formuladas imediatamente a seguir às eleições, os produtores organizarão barragens nas fábricas, impedindo a entrada das madeiras e a saída das pastas.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIA

ESCOLA PAULO VI

Convocam-se todas as profissionais pela Escola Paulo VI para um plenário a realizar no **dia 30 de Março pelas 21 horas,** na sede do Sindicato dos Professores, Rua das Gaivotas, 6, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto 1

informações importantes

Ponto 2

medidas de luta a tomar

A COMISSÃO DIRECTIVA

MOVIMENTO UNITÁRIO DOS TRABALHADORES INTELECTUAIS PARA A DEFESA DA REVOLUÇÃO

HOJE

E TODAS AS 2.as FEIRAS

ASSEMBLEIA POPULAR

QUE SE PASSA NOS LICEUS?

TEATRO VASCO SANTANA

grande cabeleireiro de senhoras EVA, lda.

manicuras, pedicuras, esteticistas, massagistas, sauna, boutique e um simpático serviço de refeições ligeiras e cafetaria.

É UM CABELEIREIRO PARA AS SENHORAS QUE TÊM POUCO TEMPO E QUE QUEREM GASTAR POUCO DINHEIRO

Pr. Marquês de Pombal, 1 e R. Camilo Castelo Branco, 23 LISBOA

BROTHER

MÁQUINAS DE TRICOTAR

uma sensacional criação japonesa. A máquina que tem recursos para a ajudar a ganhar dinheiro. Peça uma demonstração sem compromisso aos representantes:

ELECTRIPORTO

Rua Rodrigues Sampaio, 193 Telefone, 29238 — PORTO

Em Lisboa: R. dos Anjos, 21-A—Tel. 532251

Consulte o Agente da sua localidade. Se não o encontrar, escreva-nos.

BOUTIQUE OBJECTOS DECORAÇÃO

delfim RUA CASTILHO, 34

CARTAZES EXECUÇÃO RÁPIDA A PRETO OU A CORES

Consulte os serviços comerciais da RENASCENÇA GRÁFICA

R. LUZ SORIANO, 44

Telef. 321154/5 320271/2/3 320229

Sociedade «ESTORIL»

LINHA DE CASCAIS

AVISO

Para execução de trabalhos na via, relacionados com a passagem inferior de Algés, na noite de 29 para 30 de Março (Segunda para Terça) no troço Belém-Algés, a circulação de comboios, das 22 às 5.30 horars, far-se-á apenas por uma das vias, com os atrasos daí resultantes.

Um programa económico que prevê largamente a recuperação dos grandes monopólios e latifundiários é, em síntese, uma das propostas do «Manifesto Eleitoral» do C. D. S. apresentado ontem na Póvoa de Varzim. Os correligionários aprovaram.

C.D.S. NA PÓVOA DE VARZIM

"Jogar para ganhar..."

. «Pela primeira vez um grande partido nacional discute com ampla participação das bases um programa do Governo e a estratégica eleitoral», afirmou Freitas do Amaral aos jornalistas no final do Encontro Nacional do C.D.S. realizado no fim-de-semana na Póvoa do Varzim, e que *registou a presença de cerca de 500 delegados* ou congressistas.

O Encontro, que culminou com um comício realizado ontem à tarde na praça de touros daquela vila, aprovou o Manifesto Eleitoral do C.D.S. que no domínio económico prevê o regresso em massa à iniciativa privada o que, para muitos observadores, não traduz senão a vontade da recuperação capitalista encabeçada por este partido.

Aliàs Freitas do Amaral criticaria durante o comício o próprio VI Governo por continuar — disse — «uma política claramente aventureirista, não recuperando a iniciativa privada, nem repondo a justiça nos casos em que fora claramente violada, nem alterando os moldes desastrosos de gestão do sector público».

«200 TÉCNICOS»

Quer o Manifesto Eleitoral quer o tom dos discursos do comício (com Galvão de Melo) assentam fundamentalmente na crítica aos «dois anos de Governo de esquerda» desde o 25 de Abril, a proposta para 4 anos de um Governo centrista e a apresentação de um documento económico, denominado «o plano global de reconstrução do País», elaborado, segundo o prof. Amaral, por 200 técnicos.

O documento ataca frontalmente a Reforma Agrária, critia as nacionalizações, a descolonização e a política externa.

Galvão de Melo, além de afirmar, durante a sua intervenção no comício, que Vasco Gonçalves e Costa Gomes tinham sido manobrados pelo P.C.P., considerou que o que se pretendia no 28 de Setembro era «um protesto do autêntico povo de Portugal contra as manobras traiçoeiras do comunismo internacional».

Entre os «slogans» mais gritados na praça de touros é de sublinhar o «paz sim, mas digna. E pão... se possível com alguma manteiga». O ex-assistente de Caetano afirmou ainda na conferência de Imprensa que o lema eleitoral do C.D.S. será «jogar para ganhar»...

POPULARES "NÃO DEIXARAM"

P.C.P. impedido de reabrir C.T. em Olhalvo

Ao contrário do que tinha sido anteriormente anunciado, não chegou a realizar-se ontem a sessão destinada a assinalar a reabertura do centro de trabalho do P.C.P. em Olhalvo. Populares mobilizados (não se sabe por quem, podendo no entanto calcular-se por que interesses) impediram não só que o P.C.P. reabrisse o seu centro de trabalho naquela localidade mas ainda que alguns dirigentes do partido (Carlos Brito, Margarida Tengarrinha e Manuel Pedro, por exemplo) tivessem acesso ao centro da vila, interceptando-os à entrada. Militantes comunistas locais foram objecto de perseguições ou de provocações. Os populares mobilizados para o trabalho de impedir que o P.C.P. realizasse a sua sessão ajuntaram-se desde madrugada à entrada de Olhalvo. A intervenção da G.N.R. impediu que os incidentes tivessem consequências de maior gravidade e evitou que os dirigentes comunistas fossem perseguidos (Margarida . Tengarrinha agradecer-lhe-ia depois), mas não pôde permitir que a reabertura do centro de trabalho se realizasse. Impedidos de fazer aqui a sessão anunciada, os dirigentes do P.C.P. fizeram um comício improvisado à entrada.

O centro de trabalho do P.C.P. em Olhalvo fora destruído por um ataque terrorista em Janeiro último na sequência de uma campanha psicológica levada a efeito não se sabe ao certo por quem, mas produzida pode-se calcular por que interesses. Meios: panfletos sem assinatura nem indicação de local de factura. Idênticos meios foram utilizados para este fim-de-semana. Um comunicado anónimo instigava a população conta o P.C.P. e contra o propósito de este partido reabrir na vila o seu centro de trabalho. «Está o povo de Olhalvo disposto a que novamente o P.C.P. venha a ter a sua sede nesta localidade?» — perguntava-se na breve folha volante posta a circular na véspera. Segundo «O Século» de hoje, «a população respondeu negativamente»: «As gentes de Olhalvo (esteve) contra a presença dos comunistas» — diz, à largura de cinco colunas um título na primeira página. Já segundo «O Diário», foram «forças reaccionárias» que «impediram a reabertura de um centro de trabalho de um partido progressista».

No breve comício improvisado que os dirigentes do P.C.P. realizaram à entrada de Olhalvo e na impossibilidade de a realizarem no centro de trabalho reaberto, Carlos Brito falou e dirigiu severa argumentação contra dois partidos políticos com forte implantação local: o P.P.D. e o C.D.S.

Dois "activistas" em liberdade

. Segundo informação da Direcção dos Serviços Prisionais Militares, a nós prestada esta manhã, abandonaram Caxias e Alcoentre, no último sábado, seis informadores da ex-P.I.D.E./D.G.S., um subinspector, um inspector-chefe e um director de serviço.

Outros dois indivíduos (Jorge de Penaguião Celestino Soares Cavalieri e José Manuel de Almeida Lima) foram também postos em liberdade. O primeiro encontrava-se detido por ser possuidor de armas de guerra e de explosivos; e o segundo por se ter dedicado a actividades terroristas.

BRIGADEIRO CHARAIS

Para as Forças Armadas a Constituição é o Pacto

«Os elementos das Forças Armadas não estão na disposição de se subordinarem ao poder político, esquecendo o que está expresso na Constituição» — afirma o brigadeiro Franco Charais numa entrevista concedida ao «Jornal de Notícias» e publicada na edição de ontem deste diário portuense. O comandante da Região Militar do Centro sustenta uma tese ou uma posição a assinalar. Diz ele: «A partir de agora, para as Forças Armadas, a Constituição é a tal plataforma de que se falou». Charais refere-se ao Pacto assinado entre o M.F.A. e cinco partidos políticos, e acrescenta: «Não estou preocupado com a hipótese do resultado das eleições ser favorável a forças de direita. As Forças Armadas não se subordinarão, em termos de execução, antes vão procurar que o poder político cumpra o que se encontra consignado na Constituição. Assim o Governo terá que governar em termos correctos. Mas, de qualquer maneira, estou convencido de que não se corre esse risco, porque continuo a ser de opinião que o resultado das eleições não vai ser muito diferente do obtido nas eleições de 25 de Abril do ano passado. E digo isto porque penso que se não muda de ideias políticas num ano».

O brigadeiro Charais pronuncia-se ainda sobre a atitude possível das Forças Armadas em relação a uma eventual vitória das forças de direita nas próximas eleições e assegura: «Pelo que me é dado aperceber dentro das Forças Armadas, isto é, pelo estado psicológico dos oficiais, sargentos e praças, a predisposição é para apoiar todo o espírito que presidiu a esta revolução e, portanto, o cumprimento dos artigos da Constituição que vai ser agora promulgada».

Outro tema: Spínola. Charais fala acerca da eventualidade de um regresso do ex-general ao País e considera-a, além do mais, desnecessária ou inútil. E diz: «A nação, de uma maneira geral já evoluiu politicamente e, portanto, sabe muito bem que o ex-general Spínola encararia a governação do País quase como se se tratasse de comandar um quartel de Cavalaria. Portanto o Povo Português sabe que ha muitos outros homens dentro do País que terão melhores características para o dirigir. O ex-general Spínola não é necessário. Aliás — e estes dois anos de revolução mostraram-no bem — o Povo Português já deixou de acreditar em figuras carismáticas. Já se apercebeu de que no lugar de Presidente da República tem é de estar uma pessoa de muito bom senso, capaz de fazer jogo entre as forças políticas, sem permitir que elas *andem à pancada* umas com as outras. Não é, pois, de militares de chicote na mão que se precisa nesses lugares de direcção».

Franco Charais: as F.A. vão exigir do Governo (qualquer que ele seja) respeito pela Constituição. Mas o respeito pela Constituição passa pelo respeito ao Pacto

POLÍTICOS E OPERACIONAIS

Entretanto, e numa entrevista concedida ao programa do EMGFA transmitido ontem pela Radiodifusão Portuguesa, o comandante da RMC pronunciou-se contra a distinção entre militares políticos e militares operacionais: «Os políticos são operacionais e os operacionais são políticos» — diz Charais.

Charais fala dos recentes exercícios militares levados a efeito por iniciativa do seu comando na RMC. «Estes exercícios constituem 'uma desmistificação da tentativa de divisão entre os militares operacionais e políticos, pois, pessoalmente um militar está envolvido em problemas políticos» — disse. «Estes exercícios são demonstração de que me preocupo com a eficiência operacional das unidades (...); nestes exercícios colaboram muitos oficiais, sargentos e praças. Pois em todo esse conjunto eu devo dizer que há políticos e operacionais. Portanto, devo concluir que os políticos são operacionais, e os operacionais são políticos. Estar a tentar separar os militares e tentar atribuir-lhes uma classificação é antentica manobra divisionista.

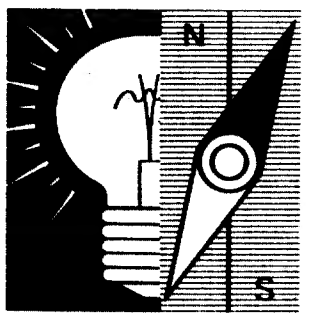
C.P.P.C. promove Assembleia da Paz

A Assembleia Portuguesa da Paz decorrerá em Lisboa nos dias 15 e 16 de Maio próximo, como foi anunciado no II Encontro Nacional do Conselho Português para a Paz e Cooperação no passado sábado.

No encontro, foi aprovado um projecto de estatutos e definido o funcionamento orgânico do CPPC. Entre outras iniciativas a realizar por aquele organismo em Portugal, foram divulgadas, além da Assembleia as notícias da realização de um colóquio internacional sobre o Médio-Oriente e de Apoio à luta dos povos árabes em Coimbra, a 13 e 14 de Maio, e de um seminário internacional sobre segurança e cooperação europeias, no Porto, nos dias 17 e 18.

Também no sábado, partiu para a União Soviética uma delegação do CPPC que, a convite do Conselho para a Paz Soviético, se desloca àquele país para uma visita de uma semana, integrada num programa de intercâmbio da organização da opinião pública de diversos países com diferentes regimes políticos económicos e sociais.

ELECTRICIDADE E MAGNETISMO



Um curso de 4 meses
Aulas essencialmente práticas.

Se tens o 1º ciclo liceal
Se queres iniciar-te no mundo da Electrónica, inscreve-te.

Horário: 21 às 23 h. - 6 horas semanais.

Informações e inscrições das 9 às 23 horas

INFORMAX

Instituto Português de Informática
Rua Castilho, 61, 4.º-Esq. – Lisboa
Tel. 56 10 60

SINDICATO NACIONAL DO PESSOAL DA INDUSTRIA DE DOÇARIA DO DISTRITO DE LISBOA

R. da Rosa, 188, 3.º Dt.º LISBOA

AFINAL, COMO É? DIRIGIDO ÀS AUTORIDADES DO NOSSO PAÍS

No jornal «O Sol» o qual não merece sequer que este Sindicato faça uso do direito concedido pela Lei de Imprensa vinha inserida uma reportagem com fotografia e tudo a que deram o título:

BATALHA DA PRODUÇÃO
MINEMA «Mais uma fábrica a caminho da falência»

Iniciavam a reportagem nestes termos:

O que se passa na fábrica Minema é um caso entre muitos. É um, entre muitos, dos casos que denunciam as injustiças que nos trouxe a «Revolução dos Cravos». É apenas mais um exemplo flagrante das «amplas liberdades» que «o povo conquistou» naquela madrugada de Abril de há dois anos. (Que «raiva» devem ter algumas pessoas ao maravilhoso 25 de Abril, aceitamos, o que já não compreendemos muito bem é porque «O Sol» já não está ao pé do diabo).

Os próprios gerentes da firma nos contaram tudo aquilo que por lá se tem passado. Ouvimos João Medeiros e António Curado, os dois homens que tudo têm feito para defenderem o que lhes pertence e que lhes custou tantos sacrifícios — a fábrica Minema, de indústrias alimentares.

AQUI VAMOS NÓS, SINDICATO, ESCLARECER:

1.º — a designação da firma não é Minema mas sim Mimena — Indústrias Alimentares com sede e/ou instalações em Forte da Casa-Caniços-Vialonga;

2.º — quando António Curado, nada fez. nem se sacrificou pela Mimena, pelas simples razões de que sendo um guarda-livros em «part-time» teve a desdita de, coincidindo com o início da sua colaboração à firma, sofrer um ataque de «gota» que o reteve até há poucos dias na cama. Lamentamos a sua doença mas não aceitamos, por inexistentes, os seus sacrifícios. Por outro lado, também desconheciamos que a Mimena pertencesse ao senhor Curado, talvez lhe tenha saído o Totobola ao senhor Medeiros sairam-lhe 3000 das P.M.E.

3.º — Quanto a sacrifícios do senhor Medeiros a única coisa que o mesmo tem feito em «prol» da firma é fazê-la sofrer uma administração desastrada e passar cheques sem cobertura. É natural, o senhor Medeiros com direito a reportagem com fotografia no jornal «O Sol» (onde é que havia de ser?) sente-se «vedeta» e acha-se no direito de passar «autógrafos».

Seguidamente o senhor Medeiros começou por falar do seu passado (deve ter posto as pessoas todas a chorar) afirmando ter sido sempre um democrata.

Diz o Sindicato, que rico «democrata de meia tijela» nos saiu o senhor Medeiros. A sua «democracia» leva-o a tudo isto:

— Não pagar aos trabalhadores
— Não pagar aos fornecedores
— Não pagar Previdência, Desemprego e Sindicatos tudo isto depois de beneficiar «democraticamente» dum empréstimo das P.M.E. no valor acima citado, chegando ao ponto de não fazer entrega à previdência, desemprego e sindicatos do valor descontado no salário dos trabalhadores (onde é que estará o dinheiro das P.M.E., isto é, do Povo português). Aproveitamos para esclarecer que um financiamento de 1000 contos já seria um exagero para a dimensão da firma afinal parece que 3000 não chegam.

Mais adiante diz o senhor Medeiros ter preferência pelo regime deposto em 25 de Abril (na tal madrugada que dá «galo» a muita gente).

Diz o Sindicato, não que não há-de ter!!!

Mais, diz o senhor Medeiros que iria seguidamente referir-se ao assunto que lá os levara: «É muito triste ver que nos querem **tirar** aquilo por que nos **sacrificámos e onde temos todo o nosso dinheiro**. Actualmente, estamos com bastantes — muitas, mesmo — dificuldades financeiras, o que não sucederia se esta **revolução fosse justa. Mas não é. É uma revolução que não diz nada. Que os Sindicatos apenas querem acabar — e para isso já falta pouco — por destruir, por completo, o País. Os homens têm que deixar os seus «tachos», o lugar arranjado «por um amigo», têm que começar a ser homens. E neste País ainda ninguém tentou sê-lo»**.

Obs. o destacado é nosso.

Diz o Sindicato:

Mas quem é que quer tirar alguma coisa ao senhor Medeiros, até porque, nada tem, o pouco que está pago na Mimena foi feito com dinheiro do povo portugues.

Concordamos, quando o senhor Medeiros diz que a revolução não é justa, porque se o fosse as pessoas como ele seriam presas.

Com que então os Sindicatos só querem é destruir o País. Seu irresponsável. Já está esquecido de toda a colaboração que esta Associação lhe prestou a partir de Agosto/75 quando pela primeira vez foi solicitada a intervenção da I.G.T. em virtude do seu não pagamento aos trabalhadores de salários e subsídios de férias, isto pouco depois de obtido o tal empréstimo, já se esqueceu das inúmeras deslocações deste Sindicato à firma e a sua casa, colaborando, corrigindo, sugerindo a reconversão da firma, procurámos até colaborar na aquisição de uma máquina indispensável a essa reconversão dada a sua impossibilidade de a obter através do crédito, que não tinha.

«Tacho», bem senhor Medeiros, se o senhor fosse um trabalhador responsável nós cediamos-lhe o nosso «tacho» que consiste em 9 horas diárias de trabalho na fábrica e mais 3 ou 4 no Sindicato, sendo estas últimas de «borla».

Os homens têm que começar a ser homens. Senhor Medeiros o senhor é um brincalhão que pensa ou julga ser a imagem de um povo, mas não é. SEU PALHAÇO.

Seguidamente entra na reportagem o senhor António Curado dizendo relatar «pormenorizadamente» o que se tem passado na fábrica: «A nossa sociedade (bravo senhor Curado foi promovido) tem 23 empregados e representa um investimento de três milhões de escudos (senhor Curado a fábrica é a «gorjeta» dum empréstimo concedido pelo POVO PORTUGUÊS naquele montante) singrando a mesma devido a um trabalho aturado de gerência (desastrada gerência queria o senhor Curado dizer, desastrada) as dificuldades surgiram a partir de Agosto/75 por insubordinação do pessoal (qual insubordinação, senhor Curado, será insubordinação participar à I.G.T. os salários que lhes eram devidos e não pagos?) agravando-se essa situação a partir de Fecereiro deste ano (Senhor Curado nessa na adquirida pela Mimena única forma da mesma ser obtida por ausência de crédito da entidade patronal isto mesmo depois de vários meses sem receberem ordenado e sempre a trabalharem, será isto interferência e insubordinação, Senhor Curado o senhor é um brincalhão. SEU LACAIO). Mais diz o senhor Curado que o pessoal perdia muitas horas em reuniões (pois perdia senhor Curado tentando receber os salários que lhes eram devidos e não pagos, aliás na última reunião realizada, em princípios deste mês, na I. G. T., onde o senhor não estava presente por se encontrar doente o que lamentamos só não compreendemos são os seus «sacrifícios» e conhecimento «pormenorizado» daquilo que não viveu, procurou-se mais uma vez resolver o assunto de comum acordo estabelecendo-se normas de pagamento com sacrifício dos trabalhadores, normas essas que o senhor Medeiros, mais uma vez, não cumpre e, não cumpre, ao que parece porque não quer porquanto no dia 23 do corrente os sócios da firma «parece que já são mais» deslocaram-se à fábrica e o senhor Curado disse que ainda não tinha sido paga a prestação vencida no dia 20 porquanto os TRABALHADORES ainda não TINHAM DESPEDIDO um seu colega por exigência do senhor Medeiros que o tinha admitido mas que exigia aos trabalhadores o seu despedimento e mais se não o despedissem ele não pagava e não comprava matérias-primas e fechava a fábrica. Um «democrata» o senhor Medeiros. No entanto outro dos actuais sócios e/ou gerentes solicitou aos trabalhadores que continuassem a trabalhar até 29 do corrente, mesmo sem receberem no sentido de se realizarem fundos. Como os Sindicatos só querem (na opinião do «democrata» Medeiros) destruir o País e por outro lado os trabalhadores da Mimena são insubordinados foi resolvido em conjunto e a conselho deste Sindicato que continuassem a trabalhar mesmo sem receber o que (há muito) lhes é devido. Diz o senhor Curado que foi ao M. T. pedir para serem atendidos. Perguntamos nós: quererão fazer mais alguma acta para como, habitualmente, não cumprirem. É capaz de ser vício. E basta.

Terminamos esclarecendo o senhor Medeiros que os Sindicatos não pretendem, de forma nenhuma, destruir o País, antes pelo contrário, tudo fazem no sentido de o engrandecer e defendendo, isso sim, os trabalhadores que representam dos Medeiros que, infelizmente, saudosos do regime anterior, por aí andam.

A DIRECÇÃO

Nacional

Forças da Madeira contestam programas de ensino

Chegada a informação ao M.E.I.C. de que na Madeira o bispo organizara centros de apoio pedagógico para os ensino primário básico e secundário unificado, responsáveis do Ministério da Educação e Investigação Científica mostraram-se naturalmente preocupados. Havia uma incursão nos seus domínios, concretamente na Secretaria de Estado de Orientação Pedagógica. Contactado, o presidente da Junta Governativa e governador da Madeira, brigadeiro Azeredo, achou correcta a intromissão da Igreja nos textos de ensino oficial.

Pelo que sabemos o brigadeiro Azeredo na sua resposta aos responsáveis do M.E.I.C. teria considerado que os programas do Básico violentavam a consciência dos madeirenses e que não cultivavam os valores da história e da tradição. Acusava os programas de sectários e de influências comunistas. A título de exemplo, observava que nos programas do primário em vez de aparecer Afonso Lopes Vieira que toda a gente conhece aparecem autores seleccionados só por serem comunistas. Mário Castrim e Bernardo Santareno teriam sido os nomes citados.

Mas este movimento de contestação aos programas, em acção concertada, atingiu também o continente. No Norte do País professores ameaçam regressar aos programas anteriores a 25 de Abril. Face às pressões pensa-se já criar uma Comissão para a Revisão de Programas.

ALERTA À POPULAÇÃO

Ainda da Madeira chega-nos um comunicado distribuído à população madeirense sobre o que se passa no Liceu Nacional do Funchal. É assinado pela Comissão Dinamizadora pró-Sindicato de Professores do Liceu Nacional do Funchal e denuncia «uma política de boicote e destruição das estruturas democráticas que foi intentada, com êxito, no presente ano lectivo, no Liceu Nacional do Funchal, pelas forças mais reaccionárias».

A situação apresenta-se: «Depois de um processo demagógico de boicote às primeiras eleições para a Comissão Coordenadora da Associação de Estudantes (C.C.A.), surge a actual comissão, sob o signo do apartidarismo. No entanto, a difusão da ideologia separatista tem preocupado mais alguns elementos da C.C.A., do que os interesses dos estudantes. Note-se que os delegados de turma, retiraram já todo o apoio à C.C.A. pelo não cumprimento do programa a que se comprometeram, elegendo até uma comissão de inquérito a toda a sua actividade». Também as transformações nas estruturas democráticas atingiram os professores. Se não, vejamos: «Os professores que faziam parte do Conselho de Gestão de 1974/75 logo no início do presente ano lectivo foram contestados por professores que, votando eleições para aquele órgão, não apresentaram nenhuma lista, criando um ambiente de instabilidade. Depois de um longo e atribulado processo foi eleito um Conselho de Gestão do qual recentemente se demitiram alguns professores e uma aluna, alegando, entre diversas causas, a impossibilidade de trabalho por pressão de elementos ligados a movimentos ilegais, terroristas-separatistas».

O desenrolar destes acontecimentos não se pode isolar do que se passa na Madeira. Denuncia o terceiro ponto do comunicado «a situação repressiva, criada aos professores desta escola, considerados progressistas: bombas, ameaças, danos em automóveis, listas negras de professores a sanear a bem ou a mal, etc.».

Na sequência do exposto, pergunta a comissão dinamizadora: «Qual o critério usado para a nomeação de um vogal do M.E.I.C. para a Junta Governativa da Madeira que, pelo que nos é dado conhecer, sempre desenvolveu actividades ligadas à administração colonial? Como se compreende que ocupe tal cargo, sem que para tal tenha sido consultada a população escolar, a quem até hoje continua a ignorar?»

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

PUB

MILHARES DE LEITORES POR MINUTO

Técnicamente, as oficinas da Renascença Gráfica são das mais actualizadas da Europa. Das suas rotativas saem diáriamente milhares de exemplares de publicações e cartazes, a um novo ritmo de produção e de acabamento. Economia, quer isto dizer. E novas possibilidades de criar Imaginação e Leitores.

Serviços Comerciais da Renascença Gráfica, SARL

R. Luz Soriano 44 — Lisboa Telef. 321154/5-320271/2/3

Geral

Veículos militares sul-africanos abandonam definitivamente território angolano na zona de Ruacana, consagrando assim a vitória do M.P.L.A. sobre os invasores

Pretória tenta transformar derrota em vitória (diplomática)

PRETÓRIA, 29 — (F.P., R., «DL») — Os últimos soldados sul-africanas que ainda permaneciam em território angolano, regressaram ao meio-dia de sábado ao seu país, encerrando, na retirada, a fronteira que haviam violado em fins do ano passado. O abandono de Angola ocorreu depois de sucessivas derrotas sofridas pelos invasores, os quais acabaram encurralados no seu último reduto — a zona do complexo hidroeléctrico de Ruacana.

As tropas da África do Sul seguiram num combóio de cerca de 100 veículos — camiões, blindados ligeiros, jeeps e «Land Rovers» — aos quais seguiam atreladas peças de artilharia de campanha. Trinta e cinco quilómetros a jusante do rio Cunene, na barragem de Ruacana, o combóio desfilou perante o ministro da Defesa sul-africano, Piet Botha, que se encontrava acompanhado do comandante-chefe do Exército da África do Sul, general Malan e de outras altas patentes militares.

«É o fim de um capítulo e espero que seja o início de um melhor», disse na altura o ministro Botha dirigindo-se aos soldados.

Em Pretória, a propaganda oficial pretende transformar esta derrota militar numa vitória diplomática, já que com este gesto, que foi pressionado pelos próprios aliados ocidentais da África do Sul, se pensa chamar agora a atenção internacional para a presença de tropas cubanas em Angola. Tal presença, contudo, além de apoiada pela maioria dos países africanos, não tem qualquer aspecto ilegal, já que foi solicitada pelo Governo legítimo de Angola, formado pelo M.P.L.A.

FACE A DERROTA IMINENTE

Smith recruta mercenários portugueses

SALISBÚRIA, 29 — (R/«DL») — Portugueses estão a ser integrados no exército rodesiano a fim de auxiliarem as forças racistas a combaterem os nacionalistas do Conselho Nacional Africano (ANC). Entre os recrutados contam-se agentes da ex-P.I.D.E./D.G.S., comandos, para-quedistas e elementos dos G.E. e G.E.P. (Grupos Especiais e Grupos Especiais Pára-Quedistas), além de muitos ex-membros da O.P.V.D.C. (Organização Provincial de Voluntários e de Defesa Civil). Incluem-se ainda mercenários que serviram nas hostes de Holden Roberto e Jonas Savimbi, em Angola, até à derrota daqueles exércitos fantoches.

Cursos intensivos de inglês estão a ser ministrados pelo Exército rodesiano aos recém-recrutados, os quais vão engrossar os grupos mercenários constituídos no período que antecedeu a independência de Moçambique, com a finalidade de obstarem à tomada do poder pela Frelimo. Para a formação destes grupos, contribuiu largamente o empresário Jorge Jardim, na altura residente do Malávi e actualmente vivendo nas Canárias, que do exterior manobrava um agrupamento político branco, formado em Moçambique após o 25 de Abril e designado por «Convergência Democrática». Os líderes de fachada deste autoproclamado partido político, fugiram de território moçambicano após a rebelião reaccionária de 7 de Setembro de 1974, refugiando-se muitos deles na Rodésia.

A utilização de portugueses pelas forças racistas rodesianas não é nova, remontando às primeiras incursões armadas em território moçambicano, realizadas sobretudo no período compreendido entre Maio e Dezembro de 1974. Também os agentes da extinta P.I.D.E./D.G.S., que lograram escapar-se para a Rodésia, foram integrados na polícia política de Ian Smith e colocados muitos deles em áreas próximas da fronteira com Moçambique.

Segundo a agência «Reuter», um porta-voz da comunidade portuguesa, que não quis ser identificado, comentando a nova integração de estrangeiros no Exército rodesiano, declarou: «Considerávamo-nos uma força efectiva tanto em Angola como em Moçambique, antes de sermos «vendidos» pelo Governo de Lisboa. Considerávamos-nos entre os homens mais experientes do Mundo no combate contra a «guerra terrorista».

A reacção portuguesa instalada na Rodésia vai ter em breve o seu próprio órgão de informação diária, o jornal «A Voz Portuguesa na Rodésia», que terá inicialmente uma tiragem de 6000 exemplares.

NECROLOGIA

ROBERTO PAIS DE SOUSA

Da Basílica da Estrela para o Cemitério dos Prazeres realizou-se esta manhã o funeral do sr. Roberto Pais de Sousa, de 86 anos, natural de Campo de Besteiros. Funcionário aposentado do Instituto Superior Técnico, era casado com a sr.ª D. Maria da Soledade de Sousa e pai dos srs. João Matos de Sousa e Augusto Baptista de Sousa.

TRIPLO EMBAIXADOR

Ao dr. Mário Neves, embaixador de Portugal em Moscovo, e também acreditado na República Popular da Mongólia, foi agora concedido «agréement» pelo Governo da Coreia do Norte, facto que se insere na política de racionalização e compressão de despesas oportunamente preconizada por Melo Antunes.

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

DIA 30 DE MARÇO DE 1976

CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia Geral Ordinária do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal, para o dia 30 de Março de 1976, pelas 21 horas.

Esta Assembleia terá lugar em Barreiro na colectividade «Os Penicheiros» sendo a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Destituição e substituição de dirigentes;
2 — Aprovação do relatório e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal.

IMPORTANTE:

A Assembleia terá início à hora marcada com qualquer número de presenças sendo indispensável a apresentação do cartão de sócio.

NÃO FALTES!

Barreiro, em 8 de Março de 1976

O Presidente da Assembleia Geral

CTT

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

SERVIÇO TELEX

2.º feira, 29 de MARÇO
a partir das zero horas

DEIXE DE UTILIZAR O DISCO MARCADOR
na marcação do número do posto telex pretendido

UTILIZE SEMPRE O TECLADO
mesmo na marcação de um número da rede nacional

SIGA AS NOVAS INSTRUÇÕES
de estabelecimento de comunicações

Se ainda não recebeu as instruções, TOME NOTA do procedimento geral e exclusivo de marcação de números telex:

Marque no teclado, o número completo nacional ou internacional e termine pela tecla (?)

Nacional

Alguma coisa vai mal no Ministério do Comércio Interno

O ministro Magalhães Mota tem sido pródigo em entrevistas: desde a primeira ao «Jornal Novo» até à última de que temos conhecimento, na revista do Clube das Donas de Casa (n.º 281, de Março de 1976), lá vai espalhando os seus conceitos de humanismo e as suas teorias acerca de Galileu, narrando pachorrentamente o que foi e há-de ser a sua actuação no Ministério do Comércio Interno.

Passada a fase em que culpou tudo e todos os que o antecederam no alto cargo que desempenha e os Governos de que afinal fez parte o dr. Magalhães Mota, resolveu «arrumar a casa».

Vejamos em que termos se referia o ministro a esta momentosa questão na referida entrevista publicada no «Jornal Novo»: «Só se consegue funcionar num Ministério com pessoas de confiança política» e ao ser-lhe perguntado se «essa competência PPD... não acabará por perturbar de alguma forma os poderes», o ministro responde sem se perturbar «primeiro penso que não há essa hipótese de injecção PPD»... «mas eu penso que se ela existir, se fará em termos bastante diferentes do comportamento e ligação com outras injecções partidarias que se veirificaram».

O dr. Mota, referia-se então ao Ministério do Comércio Interno de que era titular havia pouco tempo. Daí para cá, não se resolveram os problemas, atamancaram-se, esconderam-se, denunciaram-se como sendo manobras «contra-revolucionárias» da linha derrotada no 25 de Novembro: todos estamos bem lembrados dos escândalos dos adubos e da batata — nenhum Governo de Salazar se arriscou a ir tão longe entregando o exclusivo da importação da batata de semente aos importadores privados.

Fizeram-se duas reformas do Ministério e deixaram-se por resolver todos os problemas que verdadeiramente importavam à comunidade. A questão dos preços: quem os controla e fiscaliza? Todos sabemos que os preços fixados pelo M. C. I. não são respeitados. A «rede nacional do frio» para quando o seu arranque? Os problemas dos comerciantes: quatro meses após o ter nas mãos, o ministro põe mais uma vez à discussão o «Estatuto do Comerciante», depois de já ter sido alterado, corrigido e aprovado por quantas associações de comerciantes existem; para quê protelar por mais tempo a publicação deste diploma? (são os próprios interessados a fazer a pergunta).

Ainda é cedo para fazer o balanço global da actividade do ministro mas um aspecto tomou ele a peito e esse foi o da destruição sistemática de um incipiente aparelho estatal que tentava a custo corrigir as anomalias e as distorções do comércio nacional e então aqui foi profundo como em nenhum outro campo: suspendeu as direcções da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, da Junta Nacional dos Vinhos e da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, instaurou um inquérito à Direcção-Geral de Preços, demitiu o director-geral da Fiscalização Económica, demitiu a comissão administrativa dos supermercados e, finalmente, há dias, sispendeu e mandou instaurar inquéritos a cerca de uma centena de trabalhadores da Direcção-Geral do Comércio Interno por terem feito uma reunião dentro das horas de serviço. Neste campo sim, o ministro demonstrou uma elevada capacidade realizadora e um espírito verdadeiramente empreendedor.

Teria atingido os seus objectivos? Teria conseguido encher o Ministério de competência P. P. D.? Suspeitamos que, apesar de tudo, tenha ficado aquém dos seus propósitos, porque efectivamente não conseguiu levar até às últimas consequências o seu assalto e colocar o Ministério integralmente sob controlo partidário — falta de quadros do seu partido?

Como poderá então encarar-se a nomeação para director-geral do Comércio Interno de um pedagogo? (é o «Povo Livre» que o diz, referindo-se ao quarto candidato às próximas eleições legislativas pelo círculo de Coimbra).

A propósito de toda esta situação, lembremo-nos de uma anedota atribuída ao dr. Marchueta, governador civil de Lisboa até ao 25 de Abril e por coincidência também director-geral do Comércio (vitalício), que numa reunião com comerciantes, quando estes se queixavam das suas dificuldades e as atribuíam à desenfreada concorrência junto da «lei da oferta e da procura», declarou peremptório: «Meus amigos, se a questão está nessa lei, digam-me a data da sua publicação, que isso revoga-se no próximo Conselho de Ministros...»

SÁ MOTA

MINISTÉRIO DO COMÉRCIO INTERNO

GABINETE DO MINISTRO

Exmº. Senhor
Director-Geral do Comércio Interno

URGENTE

L I S B O A

Sua referência | Sua comunicação de | Nossa referência | Lisboa

ASSUNTO Reunião ilegal, realizada dentro do horário de trabalho. 5431 27 MAR 1976

Relativamente ao vosso ofício nº.2024/1., de 18 do corrente, cumpre-me transcrever o despacho exarado pelo Senhor Ministro do Comércio Interno:

"URGENTE.
Instaure-se o competente processo disciplinar a todos os participantes na reunião que ficarão desde já e preventivamente suspensos.
A Secretaria-Geral promoverá a designação de inquiridor".

----------20.MAR.76----------

----------Ass.) Magalhães Mota----------

Com os melhores cumprimentos.

O CHEFE DO GABINETE,

Reacção de Gabinete a uma alegada «reunião ilegal»

NOTA OFICIOSA

Reorganização do sector dos vinhos

Da Secretaria de Estado do Comércio Externo recebemos, para publicação, a seguinte nota oficiosa:

«A Secretaria de Estado do Comércio Externo, dando continuidade à sua política de informação, vem abordar mais alguns assuntos de interesse público.

1) Comissão de Reorganização do Sector dos Vinhos do Porto e Douro

Nomeada por despacho interministerial de 8 de Dezembro de 1975, esta comissão em face de algumas dificuldades iniciais, veio a arrancar em pleno, em princípios deste ano, tendo iniciado a auscultação exaustiva dos representantes da produção e o comércio, dos partidos, das autarquias, dos trabalhadores e das associações de classe, para a análise da situação em que se encontra a região demarcada do Douro e da problemática dos vinhos do Porto e Douro de que a região depende quase em absoluto.

Foram criados vários grupos de trabalho, que através de uma metodologia adequada aos objectivos e as limitações de tempo e meios humanos, estão a apresentar os resultados do estudo, diagnóstico e revisão de projectos e propostas para o sector de vinhos e para a região.

Para além da concretização dos objectivos que lhe foram cometidos, da elaboração de projectos e do apontar de soluções para os graves problemas conjunturais e estruturais que afectam uma das regiões menos beneficiadas de Portugal, a comissão de reorganização do sector do vinhos do Porto e do Douro tem vindo a proporcionar um valioso apoio a esta Secretaria de Estado, principalmente no que diz respeito à apreciação de casos e propostas que exigem actuações e soluções imediatas.

Os problemas da exportação de vinho do Porto, principalmente para certos mercados europeus, foram alvo de estudo aturado, tendo sido apresentadas a esta Secretaria de Estado, propostas concretas que levarão a uma melhor coordenação e definição de políticas tendentes a concertar os esforços e diversos departamentos governamentais e entidades privadas.

A necessidade de uma profunda reconversão e reorganização das estruturas de uma região, implica a preparação de propostas de institucionalização e de reestruturação dos meios adequados de apoio e de desenvolvimento, bem como organismos adaptados ao tempo político e integrados no espaço económico-social que devem servir.

Dentro desta orientação, estão em preparação, com o I. V. P., uma proposta de transformação do Instituto do Vinho do Porto em Instituto dos Vinhos de Porto e Douro para discussão até ao fim do mês corrente. A proposta encara a deslocação parcial dos serviços para a região demarcada do Douro e a criação do núcleo do instituto de Enologia do Norte, com sede no «país vinhateiro».

Outras tarefas têm ocupado esta comissão, tais como: estudo da comercialização directa pela lavoura devidamente organizada: definição de uma política de promoção do vinho do Porto; levantamento das potencialidades de exportação dos vinhos de pasto da região demarcada do Douro, da produção e das adegas cooperativas, da operação de troca de vinhos, coordenação de negociações com a CEE no que respeita ao certificado de origem, revisão de taxas e imposto de transacção sobre o vinho do Porto e as aguardentes.

Uma das tarefas mais importantes foi, sem dúvida, a colaboração prestada na elaboração do projecto eleitoral que assegurará a realização de eleições livres para os órgãos directos da Casa do Douro, dentro de poucas semanas.

2) Real Companhia Velha e Real Vinícola

A intervenção estatal e a situação destas empresas tem vindo a ser objecto de análise e estudo por parte desta Secretaria de Estado do Comércio Externo. Entretanto, terminou o mandato da comissão administrativa nomeada em Setembro de 1975 e entrou em funções em 5 do corrente, uma nova C. A., apoiada por uma equipa de gestores especializados, que irão preparar a necessária reestruturação e relançamento daquele grupo produtor-exportador. A esta Comissão Administrativa, composta pelo dr. José Eduardo Lopes Palma, sr. Luís Almeida Oliveira e dr. José Manuel Serrano Vivtória, sendo os gestores, o dr. Jorge de Almeida de Policarpo, eng. técnico António Dias Teixeira e António Augusto Correia respectivamente do pessoal, qualidade e quintas, para além da missão enunciada, foi concedido um prazo de 90 dias para apresentar propostas de reformulação da política comercial das empresas, por forma a chegar-se a uma solução definitiva dos actuais problemas. Procurar-se-á fazer justiça a quem a merece e conciliar os diferentes interesses em jogo, desde o interesse nacional (aquele grupo já representou 25 por cento das exportações portuguesas e 15 por cento do mercado interno de vinho do Porto) aos dos trabalhadores das empresas, passando pelos da Banca, da lavoura e dos accionistas.»

SHER — Sociedade Hidro-Eléctrica do Revué, S.A.R.L.

CAPITAL: 250 000 000$00

OBRIGAÇÕES

AMORTIZAÇÕES SORTEADAS EM 23 DE MARÇO CORRENTE

Nos termos dos anúncios oportunamente publicados, procedeu-se na data acima referida, para o efeito da amortização prevista para 1 de Abril próximo, aos sorteios relativos às emissões que se indicam, tendo-se obtido os seguintes resultados:

EMISSÃO DE 40 000 CONTOS — 1956 — 5 %

Títulos de 100 obrigações n.ºs: 58, 114, 148, 186, 199, 250, 313, 387 e 426

EMISSÃO DE 35 000 CONTOS — 1957 — 5 %

Títulos de 1 obrigação n.ºs: 92, 174, 318, 319, 448, 469, 479, 638, 708, 823, 826, 853, 922, 930, 958, 978, 984, 1047, 1069, 1083, 1156, 1199, 1220, 1242, 1266, 1281, 1404, 1406 e 1412.
Títulos de 5 obrigações n.ºs: 1538, 1565, 1632, 1649, 1661, 1697, 1730, 1760, 1766, 1803, 1853, 1894, 2030 e 2080.
Títulos de 10 obrigações n.ºs: 2099, 2108, 2123, 2154, 2235, 2294, 2357, 2392, 2423 e 2437.
Títulos de 50 obrigações n.ºs: 2604, 2613, 2645 e 2670.
Títulos de 100 obrigações n.ºs: 2760, 2812 e 2820.

EMISSÃO DE 65 000 CONTOS — 1959 — 5 %

1.ª FASE

Títulos de 1 obrigação n.ºs: 8, 166, 176, 330, 627, 716, 767, 819, 842, 863, 870, 913, 1004, 1062, 1093, 1128, 1287, 1309, 1336, 1430, 1483, 1515, 1559, 1638, 1647, 1875, 1976, 2048, 2202, 2245, 2299, 2416, 2421, 2460, 2516, 2548, 2591, 2598, 2671, 2691, 2693, 2697, 2739, 2837 e 2871.
Títulos de 5 obrigações n.ºs: 2948, 3085, 3098, 3192, 3405, 3425, 3441, 3457, 3564, 3567, 3611, 3706, 3737, 3784, 4062, 4063, 4068, 4166, 4254, 4298, 4303, 4344, 4453, 4529, 4537, 4549, 4553, 4565 e 4591.
Títulos de 10 obrigações n.ºs: 4661, 4720, 4744, 4793, 4962, 5003, 5019, 5037, 5132, 5175, 5226, 5293, 5367 e 5377.
Títulos de 100 obrigações n.ºs: 5454 e 5457.

2.ª FASE

Títulos de 1 obrigação n.ºs: 5574, 5610, 5667, 5683, 5766, 5985, 6123, 6147, 6161, 6193, 6198, 6228, 6243, 6312, 6320, 6354, 6381, 6426, 6470, 6488, 6502, 6539, 6676, 6707, 6722, 6754, 6769, 6799, 6835, 6872, 6917, 7130, 7212, 7250, 7328, 7468, 7707, 7814, 7843, 7936, 8016, 8064, 8234, 8284, 8342, 8351, 8369, 8734, 8844, 8852, 8861, 8926, 8952, 8975, 8983, 9009, 9082, 9163, 9250, 9382, 9408, 9421 e 9487.
Títulos de 5 obrigações n.ºs: 9521, 9554, 9557, 9579, 9639, 9644, 9650, 9714, 9721, 9776, 9837, 9922, 10 006, 10 067, 10 134, 10 2203, 10 215, 10 423, 10 448, 10 499, 10 506, 10 571 10 648, 10 705, 10 790, 10 799, 11 057, 11 086, 11 149, 11 175 e 11 209.
Títulos de 10 obrigações n.ºs: 11 293, 11 328, 11 338, 11 375, 11 553, 11 597, 11 608, 11 639, 11 642, 11 656, 11 712, 11 734, 11 835, 12 104, 12 088, 12 114, 12 116, 12 324, 12 368, 12 479, 12 484, 12 500, 12 504, 12 610, 12 624, 12 704, 12 815, 12 845, 12 895 e 12948.
Títulos de 100 obrigações n.º: 12 989.

EMISSÃO DE 15 000 CONTOS — 1967 — 6 %

Ttítulos de 100 obrigações n.ºs: 117 e 133.

JUROS

Na mesma data de 1 de Abril, vencer-se-ão igualmente juros de todas estas emissões com os valores líquidos a anunciar antes do início do pagamento respectivo.

Lisboa, 23 de Março de 1976

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Caminhos de Ferro Portugueses

EMPREENDIMENTO FERROVIÁRIO DE SINES

CONCURSO PÚBLICO

PONTE SOBRE O RIO SADO
PONTE SOBRE A RIBEIRA DA MARATECA

1 — PRORROGAÇÃO DO PRAZO PARA ENTREGA E ABERTURA DAS PROPOSTAS

Avisa-se por este meio que a data limite de entrega foi adiada para as 17 horas do dia 11 de Maio de 1976 procedendo-se à abertura das propostas às 15 horas do dia 12 de Maio de 1976.

2 — ESCLARECIMENTOS AO PROCESSO DE CONCURSO

2.1 — Propostas de variantes ao prazo base de execução das Pontes.

Em referência ao número 10.2 do Programa de Concurso esclarece-se que os concorrentes que, para além da proposta de base pretendam apresentar propostas com variantes do prazo, deverão fazê-lo tendo em atenção as duas hipóteses seguintes para cada uma das modalidades:

Modalidade A — Ponte do Sado e Marateca.
14 (catorze) e 17 (dezassete) meses após a consignação dos trabalhos para a ponte do Sado devendo a ponte da Marateca estar concluída ao fim de 12 (doze) e 15 (quinze) meses após a mesma data.

Modalidade B — Ponte do Sado.
14 (catorze) e 17 (dezassete) meses após a consignação dos trabalhos.

Modalidade C — Ponte da Marateca.
12 (doze) e 15 (quinze) meses após a consignação dos trabalhos.

Esclarece-se mais que só serão admitidas propostas de variante que obedeçam aos prazos acima indicados.

2.2 — Esclarecimento a concorrentes.
Foi prestado um esclarecimento, solicitado por um dos concorrentes, cuja cópia foi anexa ao processo de concurso e está patente para consulta na Equipa de Projecto de Sines, Direcção de Equipamento, Avenida da República, n.º 66-1.º-Dt.º, em Lisboa.

O Presidente da Comissão Administrativa da C. P.
a) Eng. **Amílcar Marques**

Turismo português promovido em Espanha

Durante esta semana o Centro de Turismo de Portugal em Madrid vai lançar uma campanha promocional, ao mesmo tempo que realiza uma exposição sobre os aspectos turísticos. Uns dias de gastronomia portuguesa no Hotel Meliá-Castilla e a projecção de um filme publicitário que tem por título «Portugal, País de Férias e Turismo», nos cinemas mais importantes de Madrid, Barcelona e outras cidades, também fazem parte da campanha, que tem por «slogans» «Portugal mais perto» e «Portugal sem fronteiras».

Segundo o correspondente da ANOP em Madrid, Manuel Lopes, «estão sendo realizados os estudos necessários para negociação, com as autoridades espanholas, dos termos e do âmbito que terá o referido acordo».

Trabalho

J. PIMENTA

Ultimato ao Governo com hipótese de greve

Um ultimato ao Governo e a entrada em greve eram duas das formas de luta que os trabalhadores da J. Pimenta discutiam esta manhã em plenário. Presentes, algumas centenas de trabalhadores. À hora de fechar o nosso jornal ainda não se tinha procedido à votação. A comissão de trabalhadores lia as últimas cartas enviadas ao Governo. «Não podemos admitir que uma empresa com cerca de 2500 trabalhadores esteja a parar gradualmente», afirmou um dos elementos da C. T.

Quais os principais problemas com que se debatem os trabalhadores da J. Pimenta? Por diversas vezes, já foram enviados relatórios ao Ministério da Habitação. Sem resposta. Num comunicado, os trabalhadores relatam:

. «A empresa encontra-se sob intervenção estatal ao abrigo do Decreto-Lei 660/74 na sequência da fuga do ex-presidente do Conselho de Administração, João Pimenta, deixando atrás de si uma empresa depauperada, saqueada, com um «deficit» de 650 mil contos.

«Após a fuga de João Pimenta», prossegue «os trabalhadores conseguiram transformar uma empresa praticamente parada, numa empresa que neste momento, após a angariação de obras, nomeadamente Olivais e Quinta do Mocho-Sacavém, já tem trabalho para cerca de três anos. Depois de salientar os problemas com que se debatem, «tendo sobre os ambos todo o «deficit» «herdado» da ex-administração», refere-se no comunicado a situação actual da empresa.

«Temos fogos para vender no valor de dezenas de milhares de contos, mas a sua venda torna-se impossível em virtude dos mesmos se encontrarem hipotecados à Banca e os trabalhadores não desejarem colocar novos clientes em situação semelhante à dos antigos.» Quanto à compra de casas para alojar os retornados, um elemento da C. T. perguntava esta manhã, porque não se adquiriam as da J. P. em adiantada fase de construção?

Por último, como já foi sublinhado, os trabalhadores da J. P. estão convictos que «a solução para a empresa passa necessariamente pela concretização do Projecto de Reconversão».

Projecto esse que tem deparado com a lentidão e a burocracia dos serviços governamentais.

C.U.F. e Lisnave paradas

— plenários em todo o Grupo

As fábricas da CUF do Barreiro e os estaleiros da Lisnave paralisam esta tarde, durante duas horas, que os trabalhadores aproveitarão para discutir a situação política e formas de actuação perante a ausência de resposta, por parte do Governo, às reivindicações apresentadas em final de Fevereiro. Este movimento estende-se a todas as empresas do Grupo CUF (cerca de 60), estando previstos plenários no fim do dia de trabalho.

Num encontro das comissões de trabalhadores do Grupo, o mês passado, decidiu-se exigir a criação de um fundo de apoio a algumas empresas do grupo, que se encontram em situação deficitária (designamente a Globotel e a Hotal), e a confiscação dos bens da família Melo, acusada de desvio de técnicos e da prática de desfalques no Brasil, que afectam as empresas do Grupo CUF.

Estas reivindicações ainda não obtiveram resposta, embora o Governo tenha autorizado o pagamento dos ordenados em atraso nas empresas que se encontram em dificuldades, dependentes da Sogefi. As formas de luta a adoptar serão decididas hoje, competindo à coordenadora das comissões de trabalhadores do grupo compilar os resultados, a apresentar posteriormente em plenário de CTs.

No Barreiro, os trabalhadores estão reunidos desde as 16 horas, devendo analisar a situação da Imprensa, o aumento do custo de vida, e pronunciar-se sobre os ataques à Reforma Agrária. Participam, como convidados, Pitacas Antunes, José Saramago, eng.º Júlio Martins (da CRARA), e o nosso camarada de Redacção Mário Castrim.

ALJUSTREL

Pirites em greve

. Os mineiros do Sul começaram, hoje, a cumprir uma greve que, no caso das Minas de Aljustrel, afecta noventa por cento da produção, como forma de protesto pelo facto de até ao dia 26 não terem sido aprovadas as novas tabelas salariais propostas pelos trabalhadores no Contrato Colectivo agora em discussão.

Esta greve poderá prolongar-se e vir a afectar o fornecimento de pirites alentejanas a diversos ramos da indústria. Os mineiros do Sul, através de um seu porta-voz, disseram-nos, esta manhã, que continuarão a greve até verem atendidas as suas pretensões: «Eles dizem que a indústria mineira está em crise mas nós não acreditamos nisso. Estamos a pressionar o Governo a ver se eles arranjam sítio onde ir buscar a «massa» para nos pagarem...»

. Algumas regalias já foram conquistadas pelos mineiros nas negociações deste contrato que, abrangendo em grande parte um sector nacionalizado, corre por intermédio da Associação das Indústrias Mineiras. Assim, está consagrado o mês de férias em contraposição aos vinte dias que lhes eram concedidos até agora.

A luta agora é pelos ordenados. Para um indiferenciado de superfície, o Sindicato propõe que passe de 4500 para seis mil escudos. Um mineiro de 1.ª, que trabalha portanto na profundidade, e já tem muita experiência, passaria de 7100 escudos para 8750. Mas dizem-nos do Sindicato dos Mineiros do Sul, sedeado em Aljustrel, «o nosso caso não é igual em todo o lado aqui no Sul».

De acordo com essa fonte, haveria casos em que um mineiro de 1.ª ainda ganha quatro ou cinco contos, como acontece nas minas de salgema em Loulé.

OFICINAS GERAIS

PROBLEMA RESOLVIDO

..O Conselho da Revolução, através do Decreto-Lei 218/76, acaba de resolver a situação de mais de 800 mulheres, pertencentes ao pessoal externo das Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento.

Por várias vezes, chamámos a atenção para o facto destas mulheres se encontrarem sem trabalho, e a maior parte delas, depois de mais de 50 anos de trabalho para as Oficinas Gerais, terem ficado sem qualquer reforma.

A solução encontrada pelo Conselho da Revolução vai de encontro às aspirações destas trabalhadoras.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Setúbal e Braga paralisam no dia 1

. Enquanto os três mil trabalhadores da construção civil do distrito de Beja se mantinham esta manhã em greve, tanto em Braga como em Setúbal os trabalhadores continuam na disposição de começar a paralisação do trabalho a partir do dia 1, caso até essa data não seja aprovado o contrato colectivo do ramo, na forma como se encontrava elaborado, desde Novembro do ano passado.

No entanto, em Beja realizava-se esta manhã um plenário dos trabalhadores do sector com o objectivo de serem explicados aos trabalhadores, os pontos de vista da Comissão Negociadora do Contrato Colectivo Vertical da Construção Civil que, na reunião efectuada no sábado, manteve a sua posição de não aceitar a greve, afirmando que forças reaccionárias de direita estão a aproveitar esta greve. De qualquer forma, a continuação, ou não, desta greve no distrito de Beja, ficará dependente das decisões que forem tomadas em plenário.

Por sua vez, em Setúbal, a direcção sindical indica que terá de dar cumprimento às decisões dos trabalhadores e que estes já se pronunciaram pelo início da greve, no dia 1 de Abril, caso até lá não sejam aprovadas as tabelas salariais que se encontram em causa.

Em Braga, de acordo com informações que nos foram prestadas, esta manhã, no Sindicato respectivo, «os trabalhadores estão muito abalados com as atitudes da Comissão Negociadora». O facto é, no entender dos trabalhadores do distrito (dez mil), o bastante para entrarem em greve, também eles no dia 1.

na forja

9 SUSPENSÕES NO I.N.E.

Os trabalhadores do Instituto Nacional de Estatística realizaram esta manhã uma assembleia geral onde foi examinada a situação criada com a suspensão de 9 dos seus camaradas e pelo que é classificado como «controlo policial do Instituto». Encontra-se também nas pretensões dos trabalhadores do I. N. E. um caderno reivindicativo, que já foi aprovado, cujos pontos fundamentais são o subsídio de almoço e a luta contra o desemprego. Ao que parece, a luta por este caderno reivindicativo foi a causa da suspensão dos nove trabalhadores.

Numa assembleia realizada no passado dia 26 foram repudiadas as manobras da comissão directiva, ficou decidido prosseguir com as formas de luta já encetadas e foi exigido da comissão directiva a retirada das forças da P. S. P., estranhas ao serviço, para que tudo volte à normalidade. Um comunicado dos trabalhadores do I. N. E. acusa o subsecretário de Estado Carlos Filipe e a comissão directiva, de suspenderem o secretário da comissão de trabalhadores, da suspensão de um camarada, da mesma comissão e da suspensão dos responsáveis pelos serviços que se solidarizaram com a luta.

Os trabalhadores exigem a ocupação de 31 lugares no serviço, por funcionários que tiveram que abandonar os seus cargos para a prestação do serviço militar obrigatório e que actualmente recebem pelo Quadro-Geral de Adidos, afirmando que há espaço, verba e necessidade de pessoal no I. N. E. O comunicado aponta essa exigência como a causa da presença da Polícia nas instalações do Instituto.

PREVIDÊNCIA: ENCONTRO NACIONAL EXIGE REVISÃO

A revisão do esquema actual de benefícios da Previdência, com a criação de um Serviço Nacional de Saúde e de um Instituto de Gestão Financeira e a participação dos trabalhadores na gestão e controlo da Previdência, são algumas das resoluções tomadas no decurso do I Encontro Nacional da Previdência, realizado este fim-de-semana em Coimbra.

Participaram na reunião cerca de 1800 pessoas em representação de 178 comissões de trabalhadores, 144 sindicatos, 313 comissões de delegados sindicais, diversas cooperativas agrícolas, comissões administrativas de Caixas de Previdência, federações, uniões distritais e locais, etc.

O Encontro promovido pela Intersindical, caracterizou-se pela unidade e foi precedido de consultas sobre os temas debatidos, que abrangeram cerca de 800 mil trabalhadores.

CARREGADORES DO FUNCHAL IMPÕEM 8 HORAS

Em assembleia geral extraordinária, os carregadores e descarregadores de terra do porto e distrito do Funchal, deliberaram que, a partir de 1 de Abril próximo, só trabalharão oito horas por dia.

Os mesmos trabalhadores reivindicam, por outro lado, o ordenado mensal de 10 mil escudos e lembram que os riscos da profissão, na origem de elevado número de diminuídos físicos, já causaram, nos últimos dois anos, a morte de três carregadores.

Sublinhando que não se encontram em greve, os trabalhadores insistem, contudo, neste ponto: só trabalharão oito horas por dia (incluindo domingos e feriados) o que, de resto, perfaz um número de horas superior ao horário máximo nacional.

«AVISO» AOS PATRÕES: VIDREIROS VÃO PARAR

«Para avisar os patrões», os trabalhadores vidreiros vão paralisar a partir da tarde de quarta-feira, para fazer aprovar a tabela salarial do contrato colectivo de trabalho vertical, que se arrasta há mais de um ano.

A decisão foi tomada em plenário, onde foi analisada a posição a tomar face à contraproposta apresentada pelo patronato.

Os vidreiros pretendem obter o aumento dos vencimentos mais baixos, sobretudo dos trabalhadores não diferenciados, que auferem 5100 escudos, de forma a acompanhar o aumento do custo de vida.

«Temos de estar preparados para uma luta séria, mas não podemos tomar decisões emotivamente», afirmou, na altura, um dirigente do Sindicato dos Vidreiros, cuja direcção está preparada para «desencadear todos os tipos de luta que forem necessários para fazer respeitar a tabela salarial que acha minimamente justa».

Assim, na quarta-feira, os vidreiros paralisam no momento em que começarem as negociações. A paralisação prossegue na quinta-feira, podendo converter-se em greve geral se o patronato não aceitar o clausulado proposto.

Nacional

Esperanças, críticas, bastidores partidários

Texto de LOURDES FÉRIA

Campos de Evora em tempo de Reforma Agrária

«Lamento e não concordo que um jornal de Lisboa venha a Évora procurar pequenos agricultores no café «Arcádia», para lhes fazer entrevistas. E ainda afirme que encontrou homens de cara tisnada pelo sol e de mãos calejadas. Ora bem... não é no café «Arcádia» que andam os pequenos agricultores. Com isto, não quero dizer, que um pequeno agricultor não frequente esses lugares. De vez em quando, fora das horas de trabalho.» — Assim falou um pequeno agricultor. Dos autênticos. Daqueles que sempre trabalharam a terra com as suas próprias mãos.

O seu nome: António Grenho. Um dirigente da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores. Um pequeno agricultor que se integrou no esquema do trabalho colectivo da terra. Pertence à Cooperativa de Sousa da Sé, uma cooperativa que teve uma história atribulada. Uma história de tiros e agressões — onde a violência dos agrários se manifestou com a sua verdadeira face.

«A Cooperativa de Sousa da Sé começou com pequenos agricultores e alugadores de máquinas. Ao princípio tínhamos 940 hectares de terra. Por necessidade, ocupámos mais tarde a herdade do Pombal que há 15 anos não era fabricada. Eram terras sem qualquer futuro. Resolvemos também tomar uma propriedade do grande agrário dr. José Martins Andrade. Uma propriedade onde havia apenas gado bravo. A partir de 15 de Julho, com um aval do Centro Regional da Reforma Agrária e das entidades militares, ocupámos o restante. Ficou tudo legal. No entanto alguns empregados do agrário da sua confiança, e outros pagos por ele fizeram-nos uma emboscada na hora de trabalho. Atingiram um trabalhador com balas de carabina. Apanhados de surpresa tivemos de recorrer a algumas espingardas caçadeiras que tínhamos no monte».

Esta é a história da Cooperativa de Sousa da Sé, situada a 8 quilómetros de Évora. Actualmente a vida da Cooperativa corre normalmente. Vivem nela 25 famílias.

«Chamámos alguns trabalhadores rurais para se associarem a nós e agora já não há distinção entre os assalariados rurais e pequenos agricultores».

António Grenho faz parte de uma Comissão de Análise do Centro da Reforma Agrária que tem por função resolver os problemas dos pequenos agricultores.

«Defendemos os pequenos agricultores desde que sejam pequenos agricultores de facto. Há muitos que se aproveitam como tal e não são. Temos de analisar qual foi a sua exploração agrícola até à data. Alguns possuem uma horta de três hectares de regadio, viveram sempre bem e criaram os seus filhos sem dificuldades. Agora pretendem que o Centro lhes dê mais terra. Para alargarem a sua actividade agrícola. Nós, da Liga, estamos contra isso. Eu, como delegado da Liga apresentei o caso ao ministro da Agricultura que disse para estudarmos a situação dos pequenos agricultores, fazermos fichas do que eles pretendiam e enviar um duplicado das fichas para o Ministério. Têm aparecido tipos, na Liga, que nunca conheci ligados à terra. Isto é uma manobra mas não sei quem está por detrás dela. Por isso recomendei, no Centro que, sempre que a Brigada de Análise saia para o campo, vá acompanhada por um elemento da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores e de outro, do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas».

A Liga dos Pequenos e Médios Agricultores do distrito de Évora conta, neste momento, com cerca de 4 mil aderentes. Muitos agricultores que tinham reservas em relação à Liga estão a aproximar-se dela. Uns por oportunismo. Outros porque se aperceberam das vantagens de se unirem numa organização de classe, independente dos agrários.

«Temos travado grande luta. A nossa classe é difícil. Hoje muitos dos que diziam mal de nós já se inscreveram como sócios da Liga. A Comissão de Análise pensa em entregar a terra aos pequenos agricultores mas com a condição de que eles estejam dispostos a trabalhá-la, juntamente com as suas famílias. Agora, entregar a terra para eles depois se tornarem burgueses e contratarem trabalhadores rurais não pode ser...»

Pequenos agricultores e seus familiares assistem a uma reunião

PEQUENOS BURGUESES

Catarino, pequeno agricultor, 7 hectares de terra (metade de sequeiro e metade de regadio), no concelho de Arraiolos, membro da Liga, acrescentou:

«A maior parte dos pequenos agricultores aspiram em ter mais terra para contratarem assalariados rurais. Eu estou filiado porque acho importante estarmos organizados. Sou aliado dos trablhadores rurais. Colaboro com as cooperativas naquilo que posso. E elas colaboram comigo. Dão-me palha e esterco. Emprestam-me máquinas, tractores e reboques. Alguns pequenos agricultores se tivessem ao lado dos trabalhadores rurais tinham tudo quanto queriam deles mas esses pequenos agricultores sempre se sentiram superiores aos trabalhadores rurais. São muito individualistas. Eles atacam os homens das cooperativas. Mas porquê? Porque são pequenos burgueses que brigam pela posse da terra para terem um automóvel enquanto os trabalhadores rurais andam de bicicleta a pedais ou de motorizada.»

AS COOPERATIVAS DE S MANÇOS

Em S. Manços há duas cooperativas agrícolas. Duas concepções diferentes da colectivização da terra. Objectivos que não se confundem. Por isso mesmo sempre prevaleceu em S. Manços uma certa rivalidade entre os elementos que fazem parte das cooperativas. Rivalidade essa fomentada pelos dirigentes da cooperativa rotulada de «não comunista».

Em conversa com Valadas, delegado da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores, dinamizador da cooperativa «Unidade de S. Manços» apurámos:

«Temos cerca de 3500 hectares ocupados e a cooperativa funciona lindamente. Nela trabalham 120 pessoas. Muitos pequenos agricultores não encaram bem as cooperativas porque desconfiam dos trabalhadores rurais. Se houve problemas no arranque da cooperativa? Não muitos. Conseguimos máquinas através do Centro da Reforma Agrária. Temos 7 tractores novos e 2 usados. Temos 208 vacas e 350 ovelhas criadeiras e 150 porcos. Créditos? Também nos foram concedidos. Estou convencido que a nossa cooperativa é das que vai dar mais produção».

Valadas abordou ainda a questão dos pequenos agricultores e o papel da Liga no processo da Reforma Agrária:

«Alguns pequenos agricultores querem ficar separados dos trabalhadores rurais. Quanto a mim é um erro. Tem de se concretizar uma aliança firme senão qualquer dia criam-se outra vez agrários. Temos de combater o divisionismo para levarmos para a frente uma Reforma Agrária que sirva os trabalhadores agrícolas e os pequenos e médios agricultores. A Liga arrancou com uma certa força mas ultimamente desceu um pouco por falta de assistência do Governo. Aderiram à Liga alguns pequenos e médios agricultores motivados pela dificuldade em arranjar créditos. É preciso cuidado e muita atenção pois alguns podem tentar infiltrar-se, na Liga, com a intenção de a destruir. Eu penso que a Liga devia fazer um inquérito à vida de certas pessoas».

A propósito de outra cooperativa de S. Manços, a tal «não comunista» Valadas, afirmou:

«Um agrário de S. Manços chamado Francisco Murteira convidou os seus assalariados e outros indivíduos que eram negociantes de gado, carpinteiros... enfim de profissões que não têm a ver com a agricultura para fundarem uma cooperativa. Dizem que a deles é dos socialistas e a nossa é dos comunistas. Isso não passa de uma mentira. Cada um tem a ideia que quiser. Condenamos que se faça política dentro das cooperativas. Na Unidade de S. Manços importa apenas que os trabalhadores sejam progressistas. Não andamos a inquirir qual é o partido dos trabalhadores. Não devemos correr atrás dos partidos. Temos, sobretudo, de olhar para a produção... Lamentamos que alguns trabalhadores tenham capitulado perante as manobras divisionistas do agrário Francisco Murteira. Foi ele que dividiu o povo de S. Manços. Por causa dessas atitudes há famílias que se odeiam... É de facto lastimoso.»

OS TRABALHADORES NÃO OPTAM LIVREMENTE

Procurámos em Évora trocar impressões com elementos responsáveis da secção do Partido Socialista, naquela cidade. Pois eles têm uma palavra a dizer. Sobre a aplicação da Reforma Agrária. E disseram-na.

A nossa posição coincide com a do camarada Lopes Cardoso que definiu muito bem como se há-de processar a estabilização da Reforma Agrária. Nós pensamos que as directrizes do ministro devem ser cumpridas mas isso não se tem verificado. O camarada Lopes Cardoso já afirmou na televisão que terão de ser feitas desocupações e que os direitos dos pequenos agricultores devem ser respeitados. Aconteceram, porém, ocupações selvagens. Alguns pequenos agricultores, com meio hectar de terra, viram a sua propriedade ocupada pelas cooperativas. «Por exemplo na Torre dos Coelheiros...»

Segundo os militantes responsáveis do PS com quem contactámos, é negada a liberdade dos trabalhadores nas cooperativas: «Vivem sob a coacção, e ameaça constante dos comunistas».

«Alguns trabalhadores vivem debaixo da coacção só pelo simples facto de não pertencerem ao partido de Álvaro Cunhal. O problema mais grave é que os trabalhadores agrícolas não querem ceder o direito de reserva nem desocupar as propriedades. Não estamos de acordo com a orientação do Partido Comunista. Aliás como foi determinado pelas cúpulas do nosso partido. Como vê, as bases estão com as cúpulas... O PC não é um partido democrático e não respeita o direito de reunião e associação. Nós temos sido impedidos de fazer sessões de esclarecimento. Se as autoridades não tomarem precauções, não sabemos como será possível desenvolver a nossa campanha eleitoral, em liberdade, aqui no Alentejo».

A aliança entre pequenos e médios agricultores, por um lado, e trabalhadores agrícolas, por outro, concretizou-se em inúmeras assembleias unitárias

Valadas, da cooperativa «Unidade de S. Manços»

Os militantes responsáveis do partido das maiorias não se mostraram apenas preocupados com o desenrolar da sua campanha eleitoral no Alentejo, manifestaram igualmente inquietação pela política dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas.

«Nós gostaríamos de convidar um jornalista para assistir a uma sessão de esclarecimento nossa aqui no Alentejo. Certamente se aperceberiam, através das queixas dos trabalhadores, de que não existe liberdade. Ainda outro dia, em Oriola, os trabalhadores se queixaram da forma como são tratados pelos dirigentes sindicais. Achamos que os sindicatos não deviam dominar os trabalhadores mas sim servi-los. Nós sabemos que nos meios rurais, num reino de cegos, quem tem um olho é rei. Os trabalhadores são arrastados por aqueles que falam melhor ou por indivíduos mais politizados, ao serviço de certo partido. Não há uma livre opção para os trabalhadores. Muitas vezes não concordam com certas coisas mas deixam-se levar...»

(Os responsáveis do PS não se identificaram mas exigiram ao repórter do «DL» que se identificasse).

UM OUTRO SOCIALISTA

Ouvimos António Campaniço, membro do Secretariado do PS, da secção de Évora, que assumiu uma opinião divergente dos seus camaradas. Ei-la:

«Penso que a Reforma Agrária tem de ir para a frente. Não corresponde a moldes perfeitos. Aconteceram alguns atropelos devido à actuação demasiado radical do Partido Comunista mas também digo que se não fosse o PC não se teria feito a Reforma Agrária. É verdade que o CRRA e as Forças Armadas não agiram, muitas vezes, correctamente. Perderam o controlo da situação. E até houve ocupações incentivadas por membros das Forças Armadas que deviam ter tido mais calma.»

António Campaniço descortina claramente quem são os inimigos da Reforma Agrária:

«Os que atacam a Reforma Agrária são os latifundiários, os intermediários, os parasitas. Alguns pequenos agricultores também se queixam. Mas só alguns. Muitos comentários que se fazem sobre a Reforma Agrária não passam de deturpações. No Norte andam a dizer que as terras foram ocupadas selvaticamente. É mentira. Houve desvios e erros mas os factos não são como os pretendem apresentar os inimigos da Reforma Agrária.»

António Campaniço acrescentou:

«Em S. Manços há duas cooperativas. Uma é de feição socialista e outra de feição comunista. Consta que a vida da socialista está a correr regularmente e que, pelo contrário, a comunista só tem vivido à base dos subsídios. Mas eu não sei se é verdade pois não conheço a escrita dos homens da cooperativa comunista.»

A propósito do «consta» dissemos ao António Campaniço que «constava» que o Partido Socialista, no Alentejo, era o partido dos latifundiários.

«Nós temos uma mobilização fraca. Apenas quando vêm aqui os grandes dirigentes políticos é que se consegue uma boa mobilização. De facto acontece que alguns latifundiários e médios agricultores se encostam ao PS nessas alturas: das manifestações. Eu acho que isso dá uma péssima imagem do partido. Alguns desses que se intitulam pequenos e médios agricultores tinham rendimentos superiores a uns bons milhares de contos. Mas dentro da nossa sede nunca os lá vi. Aparecem nos comícios e nas manifestações. Quando um dia encontrar latifundiários, no Partido Socialista, peço imediatamente a minha demissão.»

António Campaniço trabalha num escritório de uma firma de máquinas agrícolas. Um homem socialista. Um outro socialista.

Separatistas dos Açores procuram apoio

F.L.A. ameaça criar dificuldades nas eleições dos E.U.A.

"O Governo de Washington terá de considerar as nossas reivindicações"

A organização separatista F.L.A. — «Frente de Libertação dos Açores» — confiou uma entrevista ao «Diário de Lisboa». Aqui, a F.L.A. faz declarações cuja importância deve ser reduzida à dimensão exacta das forças separatistas dentro e fora do arquipélago. Resta saber até que ponto a arrogância dos «fla's» pode ser levada a sério. Por exemplo: Para quando, nas previsões da F.L.A., a Independência dos Açores? — «Essa pergunta deve ser dirigida ao Governo Português, pois ele está em melhores condições de informar por quanto tempo ainda poderá resisitir à F.L.A.».

Pelas resposta da F.L.A. a outras questões abordadas nomeadamente o caso da Base das Lajes, poderá supôr-se que os independistas mantêm negociações com elementos do Governo dos Estados Unidos da América, já que — dizem — a F.L.A. considera que os acorodos estabelecidos entre Portugal e os E.U.A. não vinculam os açorianos.

A entrevista que passamos a reproduzir, com um alto dirigente da F.L.A., foi obtida em circunstâncias muito especiais. A sua publicação deriva do facto de se tornar útil saber, concretamente, o que se propõem os «fla's» cuja actividade, nos Açores, é sobejamente conhecida. Eles editam postais, bandeiras, autocolantes, panfletos diversos, emblemas, «correm» com militantes de partidos progressistas. E fazem manifestações, sempre que o acham oportuno. Um pormenor os distingue, às vezes, da sua congénere FLAMA da Madeira. É que, nos Açores, reclama-se a Independência em língua inglesa: «Azores — Independence Now!!!»

«A MAIORIA DOS QUADROS SÃO SOCIALISTAS»

— Diz a F.L.A. que «antes os americanos que os comunistas». Quer explicar melhor esta posição?

— A F.L.A. nunca disse em tempo algum «antes os americanos que os comunistas». A única referência aos americanos e feita aos açorianos que residem na América e Canada, o que é completamente diferente.

— A F.L.A. desencadeia nos Açores uma forte campanha contra as organizações de esquerda. Pretende a F.L.A. que a direita, apoiada numa experiência de 48 anos, e que sabe o que interessa aos Açores?

— A F.L.A. não considera a esquerda, direita ou centro, na sua periclitante relatividade, como essenciais à Libertação do povo açoriano. A direita que se pretende apresentar na pergunta, com 48 anos de experiência, é uma direita portuguesa, e portanto estrangeira, em nosso modo de ver as coisas. A título de esclarecimento poderia dizer-se que os actuais dirigentes da F.L.A. consideram a esquerda portuguesa uma das menos hábeis e esclarecidas da Europa. E, já agora, a direita desse país, peca pelo mesmo.

A maioria dos quadros da F.L.A. são neste momento socialistas e lamentam que, de todos os movimentos esquerdistas neste mundo, só o português não apoie o aparecimento de mais uma pátria, contra o escandaloso e infindável colonialismo português.

Os açorianos lamentam que a coerência da esquerda soçobrou perante os imperialismos marxista e capitalista, abaico dos quais essa esquerda coloca o destino deste povo trabalhador, pequeno mas muito honesto.

«LÓGICA A SEMELHANÇA DO C D S COM A F.L.A.»

— Quais são os partidos — ou partido — que a F.L.A. poderá eventualmente apoiar nas eleições para a Assembleia da República?

— A F.L.A. não apoia nem apoiará qualquer partido português em eleições para uma assembleia portuguesa, logo estrangeira. Pode é dizer-se que a Frente de Libertação hostilizará todo e qualquer partido que seja uma ameaça para essa mesma libertação.

— Parece evidente uma certa identificação da F.L.A. com o C.D.S. açoriano. Até que ponto?

— O C.D.S. açoriano tem procurado identificar-se com o povo açoriano, lógico portanto que apareçam semelhanças desse partido nos Açores com certos objectivos da F.L.A. Mas a Frente de Libertação sabe que tal identificação se deve apenas à circunstância de o C.D.S. ser um partido de oposição. No Poder, a direita será (como sempre) a maior inimiga da independência do nosso povo.

«A F L A negoceia COM OS E U A»

— Numa perspectiva independentista parece claro que a Base das Lajes continuaria a ser muito importante para a economia dos Açores. Estariam nas previsões da F.L.A. novos acordos com os E.U.A.? Em que condições?

— A F.L.A. mantém negociações, neste momento, com o Governo dos E.U.A. sobre a base das Lajes. De resto, um alto dirigente da F.L.A. já fez saber aos Governos de França e Estados Unidos que qualquer acordo estabelecido entre estes países e o Governo colonialista português não vinculava os açorianos que, logo após a independência, os denunciará incondicionalmente.

A nossa colónia na América, que representa cerca de 500.000 eleitores, é a garantia de que o Governo deste país, por razões internas, terá de ter em consideração as nossas reivindicações. Estamos aptos a criar dificuldades eleitorais a qualquer político americano em pelo menos três Estados da União.

— Admitindo que a F.L.A. estabeleceu já contactos internacionais com vista à futura «Independência», espera das diversas nações e nomeadamente dos E.U.A. o necessário apoio? Concretamente, qual a posição da América quanto à «Independência» dos Açores?

— Sem comentários.

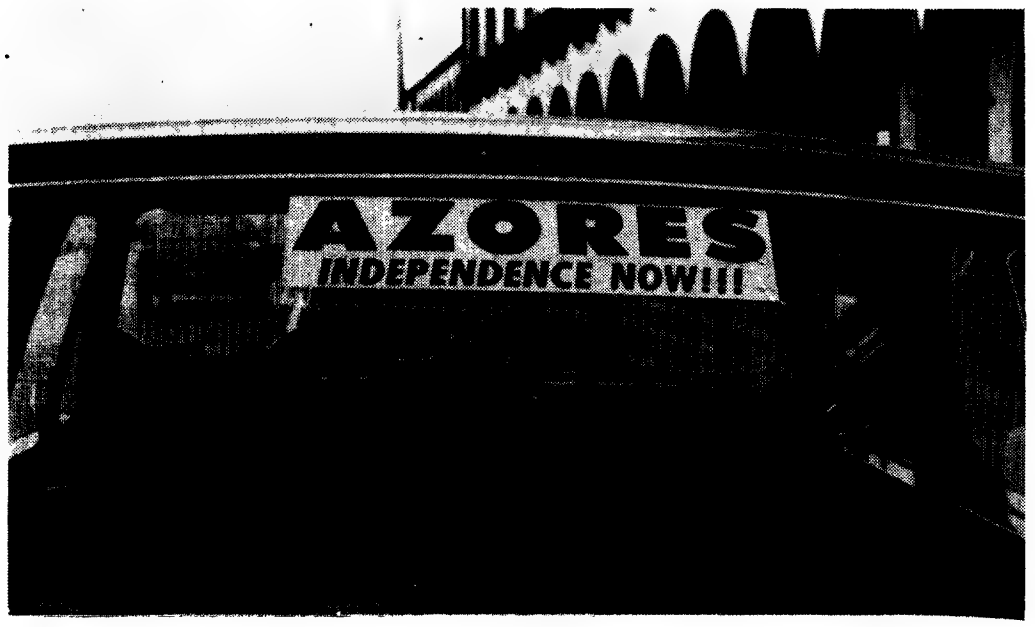
— Quanto atingiu a campanha de angariação de fundos lançada na América pelo «Comité Açores 75»?

— Sem comentários.

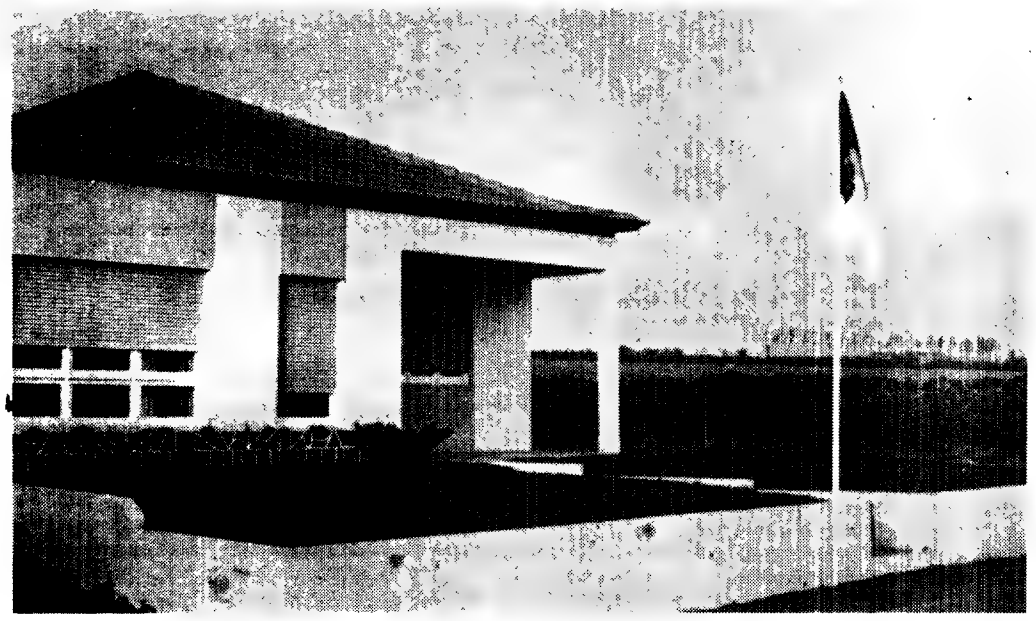
— Para quando, segundo as previsões da F.L.A., a «Independência» do arquipélago?

— Esta pergunta deverá ser dirigida ao Governo Português, pois ele está em melhores condições de informar por quanto tempo ainda poderá resistir à F.L.A.

(Entrevista concedida por um dos encarregados do «Departamento de Informação da F.L.A. em Ponta Delgada», que acumula as funções de responsável pelo «Planeamento da Actividade da F.L.A. em S. Miguel»)



A lei é explícita: os estrangeiros não podem fazer política em Portugal. Tratar-se-á do carro de um açoriano «retornado»?



Março de 1976: uma casa, um mastro, uma bandeira. A da F.L.A.

Na fachada do Palácio da Justiça de Ponta Delgada (S. Miguel)

CARRIS

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

A CARRIS INFORMA:

«PASSES» SOCIAIS

A fim de facilitar ao público a aquisição dos bilhetes de transporte para ABRIL, destinados ao cartão de identificação de assinante, foram criados Postos de Venda, além dos já existentes, que funcionam nas cabinas dos Controladores e nos horários que a seguir se indicam:

Das 9.00 às 19.00 horas

— Campo Pequeno
— Estrela (eléctricos)
— Moscavide

Das 12.00 às 15.00 e das 16.00 às 19.00 horas

— Algés
— Benfica
— Gomes Freire
— Graça
— Poço do Bispo
— Rato
— Rossio (autocarro na placa central, frente ao teatro)
— Sete Rios

ESTES POSTOS FUNCIONAM DE 29 DE MARÇO A 3 DE ABRIL.

NOTA: — Os cartões de identificação de assinante só podem ser requisitados nos postos principais de Santo Amaro, Arco do Cego, Santa Justa e Cabo Ruivo, que funcionam no horário das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 19.000 horas, de 2.ª a 6.ª feira.

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro

Aos trabalhadores-beneficiários do Distrito de Aveiro

Como forma de incentivar a participação dos trabalhadores-beneficiários na gestão democrática da Previdência Social (e, futuramente, num sistema integrado de Segurança Social) se dá público conhecimento do Regulamento aprovado por esta Comissão Administrativa para a criação de COMISSÕES DE TRABALHADORES-BENEFICIÁRIOS (para apoio e aperfeiçoamento da gestão dos Postos Clínicos) :

REGULAMENTO

1.

A Comissão de Trabalhadores-Beneficiários é um órgão eleito em Plenário de Trabalhadores-Beneficiários da área abrangida pelo Posto Clínico e reconhecido pela Comissão Administrativa da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro.

2.º

A Comissão de Trabalhadores-Beneficiários, composta por um número de membros adequado à área e população abrangidas, tem como finalidade intervir no funcionamento do Posto Clínico em tudo o que diga respeito aos trabalhadores-beneficiários, de modo a conseguir a progressiva melhoria dos serviços prestados.

3.º

A esta Comissão poderão agregar-se trabalhadores do próprio Posto, se o desejarem e a Comissão de Trabalhadores-Beneficiários julgar conveniente.

4.º

A Comissão de Trabalhadores-Beneficiários reunirá normalmente uma vez por semana e extraordináriamente quando as circunstâncias o justifiquem. Para tais reuniões poderá convocar os funcionários do Posto Clínico que entenda necessários, desde que não advenham prejuízos para os serviços.

5.º

De igual modo terá acesso livre às instalações do Posto Clínico, nas horas de funcionamento, podendo solicitar as informações e esclarecimentos que repute de interesse. Esta actividade deverá ser prosseguida sem perturbação da vida do Posto Clínico (especialmente dos actos médicos) e com a indispensável urbanidade e espírito de persuasão.

6.º

As alterações a introduzir na orgânica do Posto Clínico que não se traduzam em aumento de despesas ou diminuição de receitas poderão ser tomadas pela Comissão e pelos Serviços, por consenso. Não se verificando este (ou se a medida a tomar implicar aumentos de encargos) a Comissão proporá, por escrito e de modo fundamentado, tal medida à C. A. da Caixa de Previdência de Aveiro.

7.º

Dada a amplitude das actividades a desenvolver, promoverá a Comissão de Trabalhadores-Beneficiários contactos regulares com a Comissão Administrativa da Caixa. Igualmente promoverá, pelas formas que entenda mais eficazes, o esclarecimento e consciencialização dos utentes.

8.

O presente Regulamento será completado e aprofundado logo que a experiência recolhida o permita.

Dado que a aprovação deste Regulamento provocou alguns mal-entendidos junto de certos sectores de funcionários dos Postos Clínicos, enviou esta Comissão Administrativa a cada um desses trabalhadores o seguinte

ESCLARECIMENTO

Recebeu esta Comissão Administrativa actas de reuniões efectuadas nalguns Postos Clínicos pelos trabalhadores em serviço nos mesmos relativas à criação e funcionamento das COMISSÕES DE TRABALHADORES-BENEFICIÁRIOS.
Não pondo em causa a legitimidade de os trabalhadores reunirem para discussão de matérias que lhes digam respeito, entende esta C. A. fornecer os seguintes esclarecimentos :

A — O reconhecimento e regulamentação das COMISSÕES DE TRABALHADORES-BENEFICIÁRIOS não foi ideia desta C. A. (embora com ela esteja inteiramente de acordo) mas sim decisão do Plenário Nacional das Comissões Administrativas das Caixas de Previdência, não se tendo feito mais do que dar seguimento prático a tal deliberação que se insere na via para a gestão democrática da Previdência e Acção Médico-Social.

B — Até esta data, e tanto quanto é do conhecimento desta C. A., apenas se formou a C. T.-B. do PC de Ovar, depois da realização de algumas Assembleias de Trabalhadores-Beneficiárrios.

C — É evidente que os trabalhadores dos Postos Clínicos, como trabalhadores-beneficiários que são, têm toda a liberdade para participar em tais Assembleias, cumprindo-lhes, como aos demais, eleger e eventualmente serem eleitos para a C. T.-B. Na qualidade de trabalhadores de determinado Posto Clínico poderão ser agregados à C. T.-B. se o desejarem e a Comissão o permitir.

D — Esta Comissão Administrativa exprime o seu total respeito pela vontade, democraticamente expressa, dos trabalhadores de cada Posto Clínico. Mas o respeito pela vontade de algumas centenas de trabalhadores não nos faz esquecer igual respeito por cerca de meio milhão de outros trabalhadores deste distrito que, através das suas organizações de classe, aprovaram a criação das C. T.-Bs. E é esse meio milhão de trabalhadores que nos paga os nossos salários.

E — Para concluir este esclarecimento, duas perguntas : será o pessoal de limpeza, administrativo e de enfermagem que não respeita horários e que, nalguns casos, ganha em dois ou três dias o que outros trabalhadores não ganham num mês? Não sereis vós, trabalhadores dos Postos Clínicos, irmãos, pais, parentes de todos os restantes trabalhadores? Quem tem medo da participação dos trabalhadores-beneficiários na vida dos Postos Clínicos?

Deixamos este esclarecimento à vossa ponderação.

Convida esta Comissão Administrativa os dirigentes sindicais, delegados sindicais, comissões de trabalhadores e trabalhadores-beneficiários em geral a promoverem, na área de cada um dos Postos Clínicos deste distrito, assembleias de trabalhadores-beneficiários (activos e reformados), tão amplas quanto possível, para debate e eleição da respectiva Comissão de Trabalhadores-Beneficiários, que terá importância decisiva na resolução dos problemas dos utentes. A sua criação foi aprovada, após discussão, por numerosas organizações sindicais.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Estrangeiro

Congresso do P.C. Búlgaro

Acelerar o desenvolvimento científico-técnico

Após 85 anos de existência e 42 de poder, o Partido Comunista Búlgaro reúne hoje o seu XI Congresso. Como acontece com todos os outros Partidos Comunistas, também no caso deste a reunião do Congresso desempenha um papel importantíssimo na formulação das rarefas e objectivos programáticos do partido, na elaboração da sua linha geral, na generalização e assimilação teórica da sua experiência, na descoberta das perspectivas para o desenvolvimento da sociedade e na mobilização das massas para consecução prática dos ideiais socialistas.

Sob as condições do capitalismo e da luta clandestina, os congressos do P.C.B. estudavam as questões básicas ligadas ao chamamento das massas à revolução, à construção e desenvolvimento da aliança operária-camponesa, à luta política contra as classes dominantes e o fascismo, pela vitória da revolução proletária. Mas, por mais importante que tenha sido o papel dos Congressos antes da conquista do poder, em 1944, a verdade é que quando o partido búlgaro assumiu as funções dirigentes da vida nacional, a importância destas reuniões aumentou consideravelmente. O lugar central dos Congressos passou a ser ocupado pelos problemas da transformação socialista do país; pelas questões básicas da sua vida política, económica e cultural; pela elevação contínua do papel dirigente e orientador do partido no desenvolvimento da sociedade. As resoluções dos congressos tornaram-se um programa, um manuel de acção não só para as organizações partidárias, não só para os comunistas, mas também para todas as organizações sociais, para todos os trabalhadores. Na história da Bulgária socialista permanecerão como etapas importantes no desenvolvimento do partido e do país o V Congresso (1948) com a história relatório de Jorge Dimitrov (grande obreiro da revolução socialista búlgara) que delineou as ideias-mestras da construção da sociedade socialista na Bulgária. Os quatro congressos anteriores ao que hoje se inaugura (VII, VIII, IX e X) concretizaram e completaram o desenvolvimento desta linha, introduzindo consequentemente as normas leninistas sobre os princípios da vida partidária e da direcção do partido para a edificação de uma sociedade socialista desenvolvida. O XI Congresso dará continuidade a esta linha, de complementação da construção da base material-técnica do socialismo.

DITADURA DO PROLETARIADO

No dia 9 de Setembro de 1944, a revolução socialista triunfou na Bulgária, tendo sido derrubada a monarquia fascista. Dai a quatro anos, no citado relatório de Dimitrov o regime da República Popular da Bulgária foi definido como uma ditadura do prolearíado («O Estado democrático popular é o Governo do povo, da grande maioria do povo sob a direcção da classe operária»).

Logo a seguir à vitória da revolução, o P.C.B. consolidou a direcção da classe operária como força capaz de esmagar a oposição das classes exploradores derrotadas, de realizar as mudanças políticas, económicas e culturais e de reconstruir o país segundo uma linha socialista.

O Partido Agrário da Bulgária teve também importante papel na administração do país sob a condução do P.C.B., facilitando a edificação do socialismo. A formação e existência da Frente da Pátria, que reuniu nas suas fileiras a classe operária, o campesinato, e a «intelligenzia» progressita, tornou-se a pedra angular da democracia socialista, coordenando os esforços do P.C.B., do P.A.B. dos intelectuais e dos sem partido em todas as esferas da vida.

A experiência do programa da reconstrução socialista da Bulgária provou uma vez mais os laços indissociáveis que existem entre democracia e socialismo. O empenhamento da classe aperária na gestão dos assuntos do país é um elemento essencial da reconstrução socialista.

O plenário do P.C.B. reunido em Abril de 1965 trouxe grande incentivo às iniciativas criadoras do partido e do povo com vista a maior expansão e desenvolvimento da democracia socialista. A partir de então, a reconstrução socialista da Bulgária conheceu intenso desenvolvimento teórico e prático, culminando no trabalho do X Congresso em 1971, que aprovou o programa do partido para a edificação de uma sociedade socilista desenvolvida. A participação activa da classe operária no Governo do Estado, na construção económica, na criação de instituições culturais, na melhoria do aparelho de Estado e no estabelecimento de um efectivo controlo do povo sobre as suas funções — são elementos essenciais para o cumprimento das tarefas nacionais.

O sistema integrado da democracia socialista tem na Frente da Pátria, nos sindicatos, no Komsomol (União das Juventudes Comunistas de Dimitrov), nas uniões artísticas, nas associações científicas, nas cooperativas os seus principais componentes.

OS PLANOS QUINQUENAIS

Nesta economia planificadas que se inspirou na experiência da URSS, para a edificação do socialismo, os planos quinquenais têm um papel decisivo. No dia 1 de Janeiro deste ano, o povo búlgaro conheceu os resultados económicos conseguidos com a aplicacão do sexto plano quinquenal. As previsões do plano foram ultrapassadas nos índices básicos — rendimento geral, produção industrial, trabalhos de construção e montagem, transportes, comércio de retalho. Também no palno anual para 1975 se colheram óptimos resultados: em relação a 1974, o rendimento nacional cresceu 9 por cento, a produção industrial, 9,9 por cento a produção agrícola, mais de 7 por cento, e o rendimento real da população, 5,6 por cento.

A aceleração do progresso científico-técnico é a tarefa central a que o povo búlgaro, sob a orientação do Partido Comunista, vai meter ombros no próximo quinquénio. «A nova etapa em que entrou a edificação da sociedade socialista no nosso país, a necessidade de resolver o problema estratégico do desenvolvimento rentável da economia na base de uma intensificação global, do ulterior aperfeiçoamento das relações sociais, da cultura espiritual e da integração socialista internacional, a emulação e a luta entre os dois sistemas socioeconómicos mundiais exigem que passemos com maior amplitude e profundidade acelerar o progresso científico e técnico, a converter a ciência numa actividade altamente eficiente» — lê-se nas «Teses do C.C. do P.C.B. sobre as orientações fundamenais para o desenvolvimento da ciência e do progresso técnico durante o VII quinquénio», documento distribuido em 22 de Janeiro deste ano« para que todos os comunistas e todos os trabalhadores tenham a possibilidade de conhecer estas teses e de exprimir as suas opiniões e propostas».

Seis prinipios básicos regem a política científica da Bulgária: concentração das forças da frente científica nas tarefas fundamentais do desenvolvimento socioeconómico do país, assimilação e utilização rápidas das descobertas científico-técnicas contemporâneas mundiais, implantação acelerada dos resultados científicos, encurtando o caminho do laboratório à produção, passagem de toda a frente científica a um desenvolvimento intensivo, planificação real dos objectivos e das tarefas de correlação científica entre as investigações fundamentais, as aplicadas e as elaborações, resoluta e constante aplicação da linha de aproximação em todos os sentidos com a U.R.S.S., colaboração e integração com os países membros do Comecon, nos domínios da ciência e da tecnologia.

Até ao ano de 1990, o povo búlgaro terá tarefas muito concretas a desempenhas. Tarefas que se cumprirão na certeza de que os objectivos a alcançar estão assegurados no futuro e têm em vista a melhoria de toda a comunidade. A alienação, a exploração, a opressão desapareceram para sempre da terra búlgara. Em vez do trabalho alienante para enriquecimento de uma casta privilegiada, os búlgaros têm à sua frente o labor exaltante da melhoria da sociedade socialista, na mira de uma etapa que dia a dia mais se aproxima: a do comunismo.

A. N.

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA
DEPART. DE CONFECÇÕES
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

Estrangeiro

O general argentino Videla assume hoje a presidência

BUENOS AIRES, 29 — (R) — O general Jorge Rafael Videla, chefe do Estado-Maior do Exército, prestará hoje juramento como oitavo presidente militar da Argentina em cerca de 30 anos.

Será investido às 19 horas locais (22 de Lisboa) durante uma cerimónia breve e simples na Casa Rosada, o palácio do Governo no centro de Buenos Aires.

Um gabinete, formado por seis companheiros de armas do general Videla e dois civis, nomeado ontem, à noite, prestará também juramento.

Os civis são um rico homem de negócios e agrário, José Martinez de Hoz, que vai sobraçar a importante pasta da economia, e um professor de matemática, Ricardo Bruera, que será o ministro da Educação.

Os outros seis cargos no gabinete estão divididos igualmente entre oficiais do Exército, Marinha e Força Aérea.

O general Videla, de 50 anos, um oficial de Infantaria, manterá o seu posto como comandante do Exército e continuará também a pertencer à junta militar de três membros, que ocupou o poder, na quarta-feira passada, destituindo a presidente Maria Estela Perón.

A junta será o principal órgão de planeamento político do país e declarou, na semana passada, que se conservará no poder durante, pelo menos, três anos.

A senhora Perón, sob detenção domiciliária no centro de desportos de Inverno de El Messidor, no sopé dos Andes, declarou a sacerdotes que a visitaram, segundo se afirmou, que não tem dinheiro e que não quer ser expulsa da Argentina.

O jornal «Buenos Aires Herald» diz que isso poderia explicar a razão por que a presidente-viúva sacou um cheque da conta de uma organização de beneficência controlada pelo Estado, no montante equivalente a 800 mil dólares (cerca de 23.200 contos), persuadida aparentemente que nada haveria de mal em «pedir emprestado» aos fundos públicos para liquidar dívidas particulares.

A senhora Perón retirou o cheque e conseguiu o dinheiro noutro lado, após o clamor da Imprensa.

Crê-se que alguns membros das Forças Armadas sugeriram que Maria Estela deveria ser julgada se se conseguisse provar que cometera um crime. Contudo, a opinião da maioria é a de que a junta deveria ser magânima disseram fontes bem informadas.

A junta prometeu a concretização de um programa de reconstrução nacional, particularmente no campo económico.

Desde o golpe de Estado, foram presas entre duas mil a quatro mil pessoas associadas com o Governo deposto ou com organizações subversivas, — informaram círculos militares, mas os detidos seriam libertados se não houvesse acusações concretas contra eles.

Ao contrário de Governo militares anteriores, a junta não proibiu os partidos políticos, embora tivesse afirmado que deveriam permanecer inactivos até novo aviso.

Entretanto, foram mortas, pelo menos, 15 pessoas em recontros com a polícia ou soldados, desde quarta-feira, mas quase nenhum desses incidentes reflectiu oposição armada da ao golpe de Estado — asseveraram observadores.

As vítimas foram guerrilheiros esquerdistas que continuam com a guerra contra as forças de segurança, guerra essa em que estiveram também empenhados durante os 21 meses em que Maria Estela Perón ocupou a chefia do Estado.

Uma greve paralisou na Finlândia a indústria de produtos alimentares e, por esse motivo, os agricultores vêem-se obrigados a destruir para cima de 200 mil litros de leite por dia (Telefoto UPI/Telimprensa)

A população mundial: quatro mil milhões

WASHINGTON, 29 (ANOP) — Hoje à meia-noite, a população mundial deve atingir a cifra de quatro mil milhões — o dobro dos habitantes do planeta há 46 anos — anunciou o Secretariado da População, em Washington.

Este Secretariado, que não manifestou alegria perante o facto, afirmou que o número global de nascimento é demasiado elevado, provocando graves problemas, sob todos os aspectos, à vida futura e «grande preocupação» para a comunidade científica mundial.

Além disso, mais de um terço da população actual está ainda na infância.

O Secretariado da População encontra, porém, uma razão de optimismo no facto de alguns governos estarem empenhados no controlo da natalidade — em ordem a reduzirem o impacto da «explosão demográfica» — e na ligeira diminuição do crescimento populacional registada no ano passado.

«Em cada dia de 1976 nascem aproximadamente 195 mil crianças, para partilharem os recursos do nosso mundo finito», afirma o Secretariado.

Enquanto o planeta se torna cada vez mais populoso, a falta de empregos (mais do que a falta de alimentos) poderá ser o mais sério «ultimato» colocado à sociedade — avisou um perito.

Foram precisos dois a três milhões de anos para que a raça humana atingisse, em 1850, o montante de mil milhões — diz o Secretariado.

Oitenta anos depois, por volta de 1930, a população chegou a dois mil milhões.

Bastaram então apenas 31 anos para que, em 1961, esse número fosse de três mil milhões.

O aumento de três mil milhões para os presentes quatro mil milhões deu-se apenas em 16 anos.

QUEDA DO HOTEL HILTON

Os combatentes de esquerda progridem em Beirute

BEIRUTE, 29 — (R.) — Combatentes esquerdistas libaneses capturaram o estratégico Hotel Hilton do Líbano, colocando-se à distância de tiro do centro cristão da cidade e dando novo ímpeto às exigências para a demissão do presidente Suleiman Franjieh.

Apoiados por comandos palestinianos, os esquerdistas expulsaram os últimos defensores falangistas do Hilton — um edifício de 17 andares — a noite passada após um dia de intensos combates em muitas partes da capital que causaram aproximadamente 125 mortos.

Os esquerdistas disseram também que tinham progredido mais em Beirute Oriental, uma zona dominada por cristãos maronitas. A confirmar-se, isto colocá-los-ia a 400 metros do Quartel-General falangista direitista.

Os seus êxitos levaram o dirigente socialista progressista Kamal Jumblatt que passou a maior parte do dia de sábado a conferenciar com o presidente Hafez Assad sobre as condições para uma trégua na luta, a declarar ontem que a demissão de Franjieh devia ser «imediata e inevitável».

Mas não houve qualquer referência a um cessar-fogo e esquerdistas e direitistas prosseguiram os seus mortíferos duelos de artilharia tanto em Beirute como nas montanhas que dominam a flagelada capital.

Um jornal esquerdista dizia ontem que o termo da luta foi proposto num projecto estabelecido entre Jumblatt e o presidente sírio, que até agora tem resistido às iniciativas para forçar o afastamento do presidente Franjieh.

O primeiro-ministro Rashid Karami teria também apelado para um cessar-fogo e do Cairo surgiu igualmente um apelo do Conselho de Segurança Nacional Egípcio para uma intervenção imediata de forças árabes conjuntas para separar as facções em disputa.

A proposta provocou uma reacção cautelosa dos falangistas libaneses, que disseram estar a aguardar o resultado das tentativas de mediação sírias.

Observadores em Beirute especularam que os esquerdistas e os seus aliados palestinianos talvez desejassem manter a pressão militar por mais alguns dias para assegurar o afastamento de Franjieh e estabelecer posições a partir das quais pudessem ameaçar o centro maronita, a nordeste de Beirute.

ANWAR SADAT NA ALEMANHA

BONA, 29 — (R.) — O presidente egípcio, Anwar Sadat, partiu hoje do Cairo para a Alemanha Ocidental na primeira escala de uma digressão por cinco nações com vista a obter auxílio económico e militar.

O Governo de Bona, que vê Sadat como um elemento moderado e uma figura importante nas perspectivas para afrouxar a tensão no Médio Oriente, dar-lhe-á provavelmente uma recepção acolhedora.

A visita será a primeira à Alemanha Ocidental por um chefe de Estado egípcio.

JORNALISTA DETIDA

CAIRO, 29 — (ANOP) — Uma jornalista egípcia foi detida sob acusações de ter em sua posse panfletos comunistas incitando os trabalhadores egípcios à revolta contra o regime do presidente Anwar Sadat — anunciou ontem a agência noticiosa oficial do Médio Oriente.

Os panfletos contendo o programa do proscrito Partido Comunista Egípcio foram encontrados em poder da jornalista no sábado, quando chegou ao aeroporto do Cairo proveniente do Líbano — disse a agência.

ADMITE SCHLESINGER:

O poderio americano está a decrescer

WASHINGTON, 29 — (ANOP) — «O poderio militar dos Estados Unidos no Mundo de hoje está a decrescer» — declarou o antigo secretário norte-americano da Defesa, James Schlesinger, numa entrevista concedida ao «Reader's Digest».

O movimento das tropas cubanas em Angola é elucidativo da fraqueza dos Estados Unidos desde «o colapso no sueste Asiático» — acrescentou Schlesinger.

«O facto de Cuba, que está apenas distante 90 milhas das nossas costas, se sentir livre para lançar uma operação militar a seis mil milhas de distância é um indicativo do declínio do poderio norte-americano».

Schlesinger, que foi secretário da Defesa entre Julho de 1973 e Novembro de 1975, afirmou que a Europa encara a situação em Angola como agente de influência na balança mundial do poder e como um facto decisivo para o seu próprio futuro.

Uma sondagem à opinião pública efectuada o ano passado na República Federal Alemã demonstrou que as pessoas pensam que a União Soviética se tornará em breve o mais poderoso Estado do Mundo, resultado este exactamente contrário ao obtido numa sondagem levada a cabo na década de 50.

«Não obstante o inebriante ambiente de desanuviamento, a programação conjunta soviéto-cubana em Angola continua a efectuar-se livremente» — disse Schlesinger.

Se os Estados Unidos perderem o valor como aliado para a China, esta poderá ver-se inclinada a restabelecer relações mais amigáveis com a União Soviética», afectando decisivamente o equilíbrio da balança de poder mundial — frisou Schlesinger.

«Por seu turno, o povo norte-americano não é indiferente a este declínio do poder e prestígio dos Estados Unidos, mas não está devidamente informado pelos seus cheges».

Caleidoscópio

■ LONDRES, 29 — (R) — O Exército Republicano Irlandês (IRA) reivindicou a responsabilidade do ataque bombista que na noite de sábado para domingo feriu 85 pessoas, incluindo várias crianças, num centro de exposições londrino.

■ BELGRANDO, 29 — (R) — O presidente Tito da Jugoslávia, de 83 anos, partiu hoje de avião de Belgrado para uma visita de quatro dias à Suécia, como convidado do rei Carlos Gustavo e do seu Governo.

■ MANILA, 29 — (ANOP) — Dois mineiros retidos durante 24 dias por um desabamento numa mina de ouro de Mindanau foram salvos, às últimas horas de ontem, e transportados para um hospital.

MÁQUINA DE LAVAR O CHÃO

USADA — VENDE-SE

«COLUMBUS DIXON» — MOD. GI

● BOM ESTADO
● VOLTAGEM 220/240 AC

VER E TRATAR na Rua Luz Soriano, 44 — LISBOA
TELEF. 32 02 71 / 2 / 3

As Segundas, Terças e Quintas-feiras, às 21.30 horas / Sextas, Sábados e Domingos às 20.30 e 22.30 horas

«TARAN-TAN-TAN NÃO ENCHE BARRIGA!»

UMA BARRIGADA DE RISO EM 2.º MÊS DE ÊXITO! (Não acons. a menores 18 anos)

ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL. 87 42 80

Espectáculos

Crítica de Música

Sonia Kehler: a revelação de Brecht

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

O recital de Sonia Kehler, constituído na base de canções de Brecht com música de Weil e Eisler, e integrado na Semana da República Democrática Alemã que está a decorrer entre nós sugere-me umas tantas reflexões a propósito.

Assim, em primeiro lugar, quero assinalar o valor da contribuição cultural de que a grande cantora (e actriz) de Leipzig é insigne mensageira. Se é certo que outros artistas-músicos da R.D.A., igualmente interessados neste repertório e de craveira interpretativa não inferior, nos têm trazido já, com alguma regularidade, desde o 25 de Abril, o conhecimento vivo da produção poético-musical brechtiana, há que reconhecer, depois deste extraordinário recital de Sonia Kehler, que o carácter das «canções» de Brecht/Weil ou Brecht/Eisler só agora nos foi revelado com todo o seu alcance artístico revolucionário.

Vários factores que determinam as nossas estruturas socio-culturais (inerentes à própria estrutura de uma sociedade capitalista, independentemente do seu grau de crescimento) impedem o acesso das grandes massas a certas manifestações artísticas. E mesmo dentro dos circuitos da chamada «vida musical», de composição social bastante restrita há diferentes graus de interacção entre artistas e público. Temos de levar em conta:

FUNÇÃO ARTÍSTICA E CONSUMO COMERCIAL

— 1) a expansão da música comercial, como música de **consumo** corrente em todas as emissoras, fornecendo padrões de gosto muito baixos, utilizando as fórmulas de construção musical mais atrasadas e simplistas, de todo privadas de potencial expressivo, servindo de suporte a **letras** sem conteúdo literário (quando se trata de canções, pois também há música de salão). Esta autêntica «lavagem ao cérebro» musical a que são submetidas as massas populares nos países capitalistas tem como consequências: a) criar uma falsa ideia da música, no sentido em que ela é negada como linguagem (reduz-se a música à melodia que se assobia ou ao ritmo primário que se bate com o pé); b) destruir as tradições musicais verdadeiramente populares, as quais hoje ainda vivas em certas regiões rurais a não serem devidamente recenseadas e protegidas, acabam por desaparecer, com toda a sua riqueza de conteúdo estético, social e humano, sob a avalancha da mediocridade comercial; c) anular ou restringir a função social efectiva da música criada pelos grandes compositores de todos os tempos, isto é, por aqueles que na sua arte souberam sintetizar e exprimir, através de um poderoso apelo à inteligência e à sensibilidade, o homem e a sociedade na sua permanente transformação histórica. Quando, por exemplo, vemos aparecer, como êxitos comerciais, fragmentos melódicos importados desta ou daquela obra musical (v.g. o tema inicial da Sinfonia n.º 40, de Mozart), sujeitos ao mesmo tratamento da canzoneta ligeira ou da música de salão reduzidos à sua aparência melódica apoiada num ritmo primário, em voga não estamos a assistir a um esforço no sentido de **democratizar** a música (entendida como linguagem expressiva capaz de tocar o homem profundamente), mas antes a mais um investimento de fins lucrativos: Mozart aí já não é Mozart, é uma aparência, um «cliché» totalmente esvaziado de conteúdo, totalmente submerso no contexto da fórmula comercial.

A APARÊNCIA E A ESSÊNCIA

— 2) Depois há a **indústria da cultura**, com os seus critérios não apenas culturais (logo ideológicos) mas também comerciais, podendo estes últimos ou reforçar ou contradizer os primeiros, consoante as exigências do mercado. Nos países capitalistas, a cultura é efectivamente encarada como um mercado, que assenta na existência de camadas da população cujo poder de compra ultrapassa já o nível dos bens de primeira necessidade. No que se refere à música, a indústria da cultura gera também determinados padrões de gosto artístico. Trata-se de escolher, dentro da música dita clássica ou erudita, aquela que mais discos faça vender. Ao exercer tal actividade selectiva, sempre com mira na previsão do lucro, e partindo do pressuposto de que toda a música é um passatempo (tanto mais procurado quanto mais «fácil» e «agradável» ele se oferecer) as grandes empresas editoras fazem incidir o grosso da sua produção naquelas épocas da história da música (v.g. o século XIX) em que sobressaem, na linguagem dos compositores, temas e ritmos «que entram logo no ouvido», de acordo com os hábitos mais arreigados (hábitos que a própria música comercial se encarrega de reforçar». Quer isto dizer que a **indústria da cultura**, como já o notou Adorno, promove também a degradação da atitude do auditor perante as grandes obras musicais, na medida em que o induz a avaliá-las ou a frui-las **à superficie**, a ouvi-las com ligeireza, na sua **aparência** de temas ou ritmos fáceis de trautear, a ignorá-las na sua **substância** ou na sua **essência** de obras de arte dotadas de um conteúdo humano extremamente rico. A natureza da intervenção da indústria da cultura é, assim, um dos factores que se relaciona com o problema do isolamento dos compositores contemporâneos face às grandes massas (as obras musicais contemporâneas exigem cada vez mais radicalmente uma atitude de compreensão da sua substância, dado que na complexa estrutura da linguagem musical são também cada vez menos perceptíveis os elementos capazes de favorecer o equívoco da avaliação superficial atrás referida).

SUBVERSÃO DA IDEOLOGIA BURGUESA

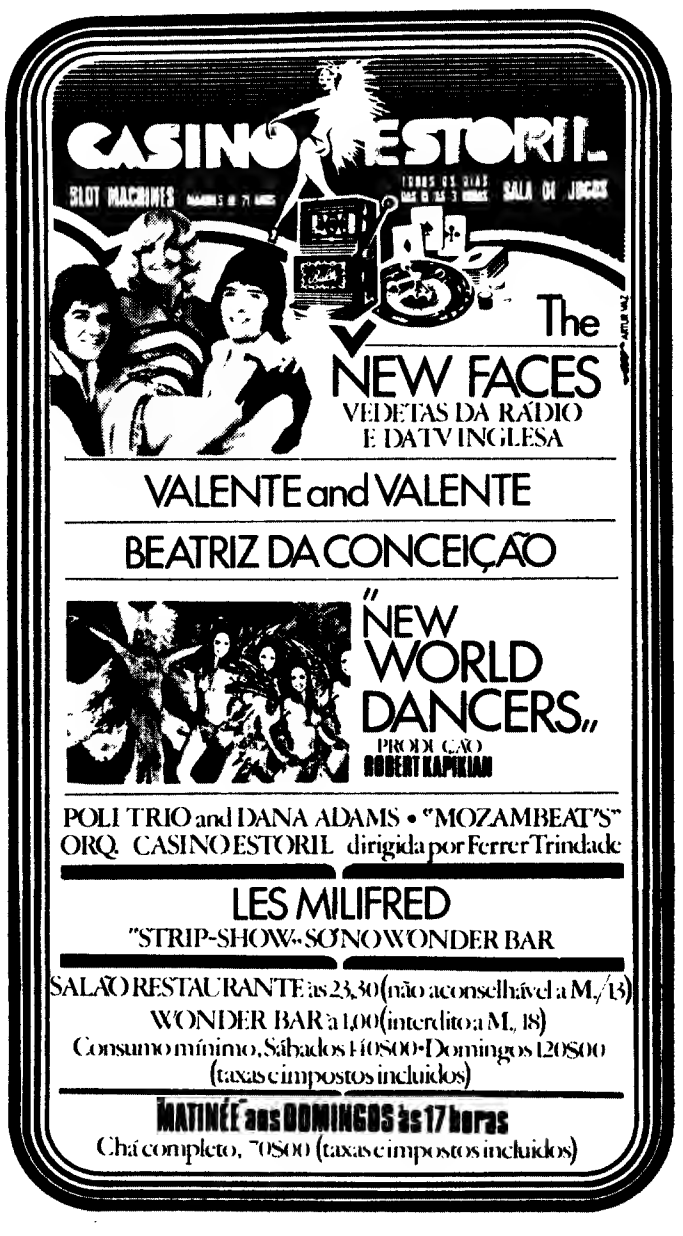
— 3) Finalmente, temos o elitismo, que surge em torno de certos círculos de «entendidos», e que tende a criar uma relação privilegiada entre os artistas representantes de correntes tidas por mais avançadas e um público muito restrito. Estes sectores estão, por assim dizer, **vacinados** contra a acção da música comercial e contra a demagogia da indústria da cultura, mas podem ser vítimas de outro equívoco: o de que só tem relevância estética uma determinada linha de evolução, que se habituaram a estudar e a desenvolver. Os adeptos da escola schoenberguiana, por exemplo, são levados com frequência a tomar posições sectárias, considerando-a quase o exclusivo pilar de toda a música contemporânea. Assim, se se fala de ópera ou de **lied** referem Schoenberg e Alban Berg como grandes transformadores revolucionários, mas ignoram ou marginalizam atribuem uma importância secundária — às experiências de Brecht, Weil e Eisler. Fascinados, em abstracto, com o dodecafonismo, com o serialismo, com a renovação dos métodos de orquestração ou das potencialidades expressivas do timbre, com a invenção do «sprechgesang» (canto falado), não vêem a importância em concreto da contribuição brechtiana, nem dela são capazes de extrair as devidas lições. Consideram Weil e Eisler compositores menores, que se teriam deixado arrastar na banalidade e no convencionalismo dos «clichés» que regem a música ligeira ou música comercial. A esta atitude sectária de certos círculos vanguardistas europeus-ocidentais, que pontificam nos respectivos meios musicais, não serão estranhas certamente considerações de natureza ideológica ou política. No entanto, parece evidente que as criações de Brecht/Weil e Brecht/Eisler oferecem de **novo** e de **revolucionário** o seguinte: a) fazem prevalecer nas canções, não a linguagem musical nem a linguagem literária, mas a **linguagem teatral** resultante da maneira de **dizer** ou de **representar** um texto ao mesmo tempo literário e musical (as canções de Brecht/Weil e Brecht/Eisler são **essencialmente** acção teatral: o que conta é a encenação do poema e da música, e não o poema ou a música em si mesmo considerados); b) neste sentido, trazem um contributo inédito para a evolução do teatro com música, abolindo as fronteiras tradicionais da ópera; c) e fazem a crítica ou a denúncia quer da música comercial, quer da demagogia da indústria capitalista da cultura (através de um mecanismo inverso daquele que transforma temas de Mozart em música ligeira: nas canções de Brecht/Weil e Brecht/Eisler, em vez de uma concessão a certas fórmulas da «música de consumo burguês», há uma **apropriação** dessas fórmulas, para caracterizar aquilo que essa mesma música ideologicamente significa, isto é, para a destruir como veículo da ideologia burguesa).

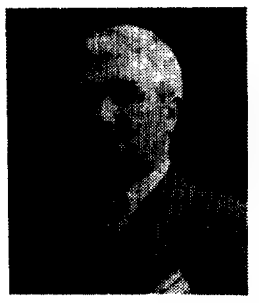
Foi está ordem de reflexões que a simples observação do magistral trabalho de Sonia Kehler no palco do S.Luiz poderia, a meu ver, suscitar, como uma verdadeira revelação, mesmo para quem já julgasse conhecer Brecht, Weil e Eisler. Compreendemos, enfim, **como** é que eles realmente subvertem todos os mecanismos de recuperação da arte (inclusive, da música) pela burguesia!

Eugene Istomim hoje na Gulbenkian

O pianista norte-americano Eugene Istomin, considerado por Pablo Casals «um dos maiores pianistas do Mundo», apresenta-se hoje num concerto promovido pela Fundação Gulbenkian, que terá lugar no seu Grande Auditório às 18 e 30. Do programa constam obras de Bach, Schubert, Debussy e Chopin.

Eugene Istomin tornou-se conhecido internacionalmente quando em 1950 Casals o convidou para actuar no Festival de Prades, em França. Aí conheceu Isaac Stern, tendo ambos tido a ideia de formar um trio, ao qual se juntou o violoncelista Leonard Rose. O trio Istomin-Stern-Rose actuou nas mais diferentes partes do Mundo. Istomin tem-se apresentado com as principais orquestras dos Estados Unidos, da Europa e do Extremo Oriente.





ROBERTO PAIS DE SOUSA

Funcionário aposentado do Instituto Superior Técnico

FALECEU

Sua esposa, filhos, nora e netos, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento, cujo funeral se realizou hoje dia 29 de Março, às 11 horas, saíndo da Basílica da Estrela para o Cemitério dos Prazeres.

Em FARO o DIARIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA-LIVRARIA MAGALHÃES

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

QUESTÃO DE TELESCÓPIO

Fernando Pessa, agora com muito maior actividade no *Telejornal*, apareceu-nos a contar a história de um cometa visto fotografado mercê do cuidado e da atenção do sr. Marcelo Gonçalves Pereira, astrónomo amador. E o Fernando Pessa, cuja maior desgraça é sentir-se sempre na obrigaçao de ter graça, explicou que para fazer uma pausa nas políticas cá da terra, pois então toca a fazer uma viagem até aos astros. E lá fomos ver o cometa que só voltará a ser visto daqui a 15 mil anos. Altura em que, se Deus quiser, já está efectuado na prática, em Portugal, o controlo operário.

Temo que a diversos níveis já estarão pela RTP tentados a embarcar para as viagens austrais. Mesmo quando se resolver a pisar chão firme — como aconteceu naquela brevíssima reportagem à Assembleia Popular de Loures, com entrevista de via reduzida com José Augusto Gouveia, participante daquela Assembleia.

E como poderia ser útil para a nossa experiência colectiva uma entrevista mais desenvolvida. Em poucas palavras porque os segundos cronometrados mordiam-lhe as canelas.

José Gouveia contou-nos o que tem sido o trabalho do povo na região de Loures. Muito se fez aí, através das organizações populares, com a sua iniciativa, com o seu sacrifício, com a sua mão-de-obra. Lá onde não podiam ir as possibilidades das autarquias, ia a força popular. E nasceram ruas, e organizaram-se sistemas de esgotos, e resolveram-se problemas de águas. Quer dizer: Tudo neste País nosso seria diferente se para a Revolução fosse integralmente aproveitada a força motriz do nosso povo.

Loures é um exemplo. Pelo que nos dói o quase tempo nenhum «concedido» à sua Assembleia Popular. Por isso nos dói a pressa de acabar a conversa. Por isso lamentamos ver tão maltratado o problema e, ainda por cima atirado para uma emissão do *Telejornal* de menor audiência, quando nos abeiramos da meia-noite.

Donde se conclui que o *Telejornal* não anda à procura da utilidade. Anda à procura de um alibi. Depois queixa-se, langorosamente, de que em muitos locais lhe fecham as portas...

FREITAS QUER ENFIAR BARRETE

Ora enquanto os astrónomos amadores voltam os seus telescópios para os cometas da quase eternidade, lá no fundo da distância, a Televisão assesta as suas objectivas, para os tempos que já lá vão, com as suas histórias da Carochinha. Outrora, num outrora ainda perto, tinhamos à noite a fricção; agora, temos a ficção. Ficção acontecida lá para mil setecentos e carqueja. Foi sugerido que a história do Barão Moritz de Benjowski, não é assim uma beleza de hortaliça do outro mundo, mas enfim, a gente compreende a Televisão não pode estar sempre a dar-nos obras-primas. Claro.

Simplesmente, o telescópio do *Telejornal* volta-se para o Congresso do Conselho Português para a Paz e Cooperação. Só conseguiu captar umas imagenzinhas, o telescópio era poderoso, lá isso era, mas o Congresso efectuava-se a uma distância de mil milhões de triliões de anos-luz. Se quiserem ter uma ideia aproximada reduzam este número a segundos e multipliquem depois por 300 mil quilómetros.

Louvemos, em todo o caso, o esforço ao Telejornal, que conseguiu captar algumas imagens, o dr. Silas Cerqueira mexia os lábios, o dr. Orlando de Carvalho mexia os lábios. Trata-se de dois antifascistas a quem o nosso povo muito deve, dois nomes que pronunciaremos com respeito quando os Gabrieis Viegas e os Cardeiras e os Pedrosos Marques não forem mais do um simples esque-

Continua na pág 18

Elementos da Seiva-Trupe do Porto vieram anteontem para a rua lembrar à cidade que era o «Dia Mundial do Teatro». Uma série de agrupamentos pertencentes à A.G.I.T. (um dos quais a Seiva) comemorou o seu dia de luta dando espectáculos grátis, com leitura do texto-base da associação e público repúdio da mensagem de Ionesco, considerada «reaccionária»

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE LANIFÍCIOS DO DISTRITO DE CASTELO BRANCO

SEDE EM COVILHÃ

COMUNICADO

REPÚDIO PELO ATENTADO BOMBISTA DE QUE FOI VÍTIMA A **FACULDADE DE ECONOMIA DO PORTO**, LUGAR ONDE SE REALIZOU O 1.º CONGRESSO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS VESTUÁRIO E TAPETEIROS/CORDOEIROS DE PORTUGAL

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Lanifícios do Distrito de Castelo Branco c/sede em Covilhã:

Considerando que a escalada terrorista em Portugal, nomeadamente no Norte do País, atinge proporções assustadoras;

Considerando que as autoridades não conseguem, ou não querem suprimir esta onda de atentados;

Considerando que o atentado bombista à Faculdade de Economia onde se realizou o 1.º Congresso dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário e Tapeteiros/Cordoeiros, é sintomático do avanço da reacção, tentando assustar os trabalhadores para ganhar terreno, o que não conseguirão.

A Direcção dos Sindicatos dos Trabalhadores de Lanifícios do Distrito de Castelo Branco, com sede em Covilhã, vem afirmar:

1 O seu mais vivo repúdio por este acto terrorista, mais uma vez impunemente consentido pelas autoridades nortenhas.

2 O seu mais vivo desejo de que o Governo tome medidas enérgicas que acabem, de uma vez para sempre, com o terrorismo em Portugal, pago pelas forças «fascistas» interessadas em implantar um Governo de terror como nas épocas salazarista e marcelista.

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

Pel'A DIRECÇÃO

Alberto Taborda Martins Oliveira

PUB

Sindicato de Garagens, Postos de Abastecimento, Transportes e Ofícios Correlativos do Centro e Sul

Avenida Almirante Reis, N.º 45-1.º — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 32.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato, para reunir em sessão ordinária; no próximo dia 31 do corrente mês de Março, pelas 21 horas, no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

a) Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas de Gerência de 1974.

b) Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas de Gerência de 1975.

c) Apreciação, discussão e votação do Orçamento para 1976

Desde já se informam todos os associados que os referidos documentos se encontram à sua disposição, para consulta, na Secretaria do Sindicato, dentro do horário normal do funcionamento dos Serviços.

Para tomar parte nos trabalhos da referida Assembleia é necessária e indispensável, a apresentação do respectivo cartão de sócio, devidamente actualizado.

Lisboa, em 15 de Março de 1976

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

a) **Filipe Farias**

Hoje

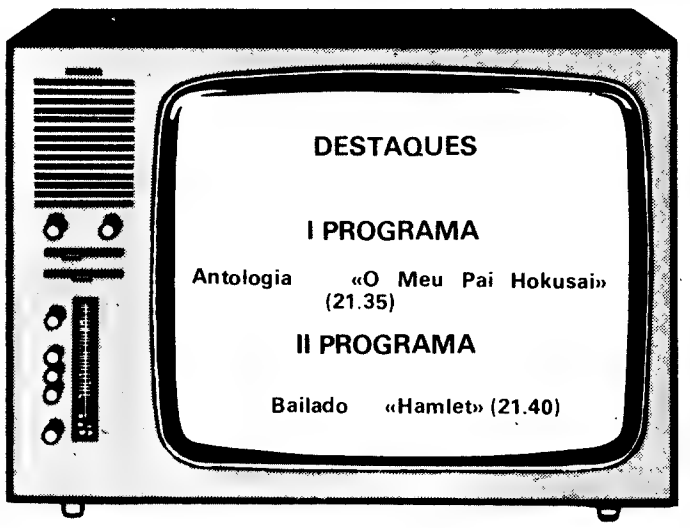
Antologia «O Meu Pai Hokusai»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Espaço Visual** rubrica pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.25 **Teledesporto** rubrica dedicada às actividades desportivas do fim-de-semana.
19.55 **Da Saúde e da Vida** quisto hidático (2.ª parte), pelo dr. Borges Ferreira.
20.10 **Vivendo o Futuro** continuum exposição de nova forma de arte arquitectural Pacemaker Nuclear.
20.30 **Telejornal** 2.ª edição noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **Momento Político**
21.35 **Antologia** «O Meu Pai Hokusai» produção Mainichi Broadcasting System (Japão). Intérpretes: Rentaro Mikuni (Hokusai) e Mariko Okada (Oei sua filha).
23.40 **Telejornal** 3.ª edição

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«Omer Pasha»**
20.25 **Câmara Livre** encontro com a rua um programa de Carlos Rodrigues.
20.50 **«Jovens Rebeldes»** série filmada.
21.40 **«Hamlet»** um bailado dançado por algumas das principais figuras do Teatro Bolschoi, com música de Dimitry Chostakovitch sobre uma das mais importantes e significativas tragédias de William Shakespeare. Realização de Eulakochiwili. Um programa a presentado pelo Departamento de Programas Musicais e Recreativos.
22.10 **Telejornal** em diferido a ediçao transmitida às 20 e 30 no I Programa.



Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** **13.15**: Abertura e Telejornal 1.ª edição; **13.30**: «Dois Anos de Férias»; **13.55**: Logo à Noite. **Ciclo Preparatório TV** **14.10**: Língua Portuguesa (2.º ano); **14.35**: Matemática (1.º ano), **15.00**: Francês (2.º ano); **15.25**: Ciências da Natureza (1.º ano); **15.50**: Educação Visual (2.º ano); **17.10**: Matemática (1.º ano); **17.35**: Língua Portuguesa (1.º ano); **18.00**: Trabalhos Manuais (2.º ano); **18.25**: Francês (1.º ano). **2.º Período** **19.00**: «Wickie, o Viking»; **19.25**: «A Chave Verde»; **20.00**: Ver; **20.30**: Telejornal 2.ª edição; **21.05**: Serie policial «Sweeney»; **22.00**: A Gente que Nós Somos; **22.45**: Telejornal 3.ª edição, **23.00**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Abertura e «Dois Anos de Ferias»; **20.30**: Nome Mulher; **21.15**: TV Jazz Festival de Cascais-75; **22.15**: Telejornal; **22.45**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

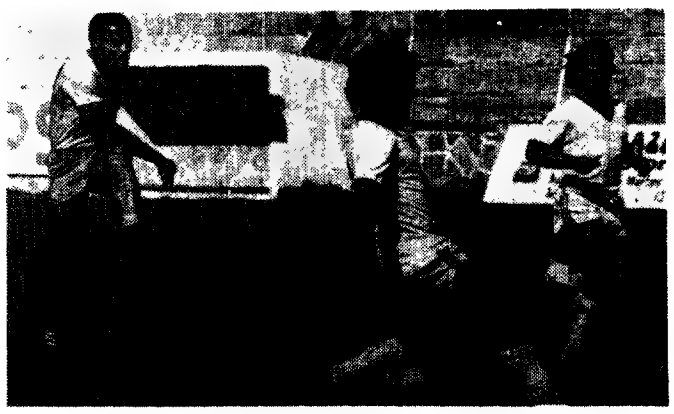
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau 8

Desporto



Clésio chutou bastante: mas foi de cabeça que fez o 3.º golo para o Estoril (de António Medeiros)

Lamego: primeiro rei da "Taça"

Foi preciso chegar o primeiro sorteio a sério, sem congeminações nem arranjos ordenados pelos grandes empórios do futebol, para acontecer «Taça». Assim e de uma assentada: um dos maiores de todos caíu no pelourinho, um até há pouco invencível apanhou dois golos sem retorquir (de um pau-de-arara sem cotação especial), um terceiro divisionário obriga maioral lisboeta a segunda aposta, uma equipa que já usufruiu de largas credenciais baqueou (a zero) em praia do segundo bloco, o actual campeão da classificação nortenha viu-se em palpos de aranha para ultrapassar animosa rapaziada madeirense e, o mais espectacular, sucedeu em Lamego, onde o cotado Beira-Mar (de Fernando Vaz), talvez a lutar exclusivamente pela sobrevivência em andanças de muito ouro, ficou calcado pelo modesto Sporting de Lamego, onde o «capitão» Delfim e seus acólitos não devem cobrar, em mês de trabalho, nada que se pareça com as verbas que importaram a vinda até Aveiro de brasileiros ou outro material arrivista de chuto na bola.

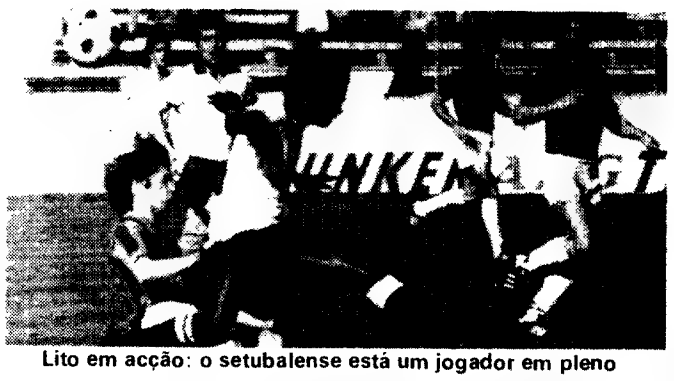
Evidentemente que o leitor, pela nota introdutória, logo notou a quem nos referiamos. Pela ordem: a um Benfica que é, iniludivelmente, a potência futebolística de maior tradição na «Taça» caseira, um Salgueiros que sugere estar a um passo de esgotar todas as suas reservas anímicas e a capacidade que lhe permitiu velejar ufanamente desde Setembro, um Vasco da Gama que transporta Sines até à decisiva na Tapadinha, um Desportivo da Cuf a anos-luz da sua bela época de Arnaldo a cem por cento e, por último, a um Boavista que suou as estopinhas perante um parceiro chamado (humilde mas dignamente) União da Madeira.

Lembremos como ficam os desfechos: Sporting, 1-Benfica, 0; Vasco da Gama, 0-Atlético, 0; Almada, 0-União de Lamas, 1 e Leixões, 2-União de Tomar, 2 (todos após prolongamento de meia hora); Vitória de Setúbal, 2-Marítimo, 0; Portimonense, 4-Lusitania (dos Açores), 0; Torres Novas, 2-Salgueiros, 0; Lamego, 1-Beira-Mar, 0; União de Leiria, 0-Sesimbra, 2; Oriental, 2-Paredes, 0; Nacional (da Madeira), 0-Boavista, 1; Vitória de Guimarães, 1-Famalicão, 0; F.C. Porto, 2-Sporting de Braga, 0; Estoril, 4-Farense, 1; Belenses, 2-Académico, 0 e Varzim, 3-Cuf, 0.

A assinalar, para além dos jogos do Restelo e Alvalade (que analisaremos mais em pormenor): a dupla de golos lograda pelo portimonense Juvenal, pelo orientalista Teles, pelo portista Gomes, pelo varzinista Marco Aurélio e, os dois remates certeiros com que o torrejano Carolino fuzilou Joaquim Meirim, a bela actuação (e o par de golos) do veterano Torres (no Estoril), o solitário «tiro» com que Rui Lopes atirou para o cesto os famalicenses e a confirmação de que Porto e Belenses lutam até ao limite das suas forças por uma entrada europeia.

O sorteio da 6.ª eliminatória (para nós, a segunda verdadeira, já que até à ronda n.º 4 estiveram a ser poupados os clubes de maior gabarito teórico) processa-se logo, pelas 18 e 30, na sede federativa. Entretanto, lembramos que Atlético e Vasco da Gama (na Tapadinha) tal como União de Tomar e Leixões (no Nabão) tornam a esgrimir, na quarta-feira, em luta pela continuidade. Dentro da «Taça» estão, já e de pleno direito, Sporting, Vitória de Setúbal, Boavista, F.C. Porto, Belenenses, Vitória de Guimarães e Estoril, clubes da 2.ª divisão (Portimonense, Torres Novas, Sesimbra, Oriental, Varzim e União de Lamas) e um bloco da 3.ª (Sporting de Lamego) faltando saber se haverá nova surpresa por sineenses ou rectificação alcantarense, tal como conhecer quem leva a melhor entre tomarenses e homens de Matosinhos. De qualquer modo, e de uma pasada, foram-se à viola Benfica, Beira-Mar, Sporting de Braga, Cuf, Académico de Coimbra mais o Farense, todos da dilatada divisão principal que, como se nota, só é sobranceira em teoria amorfa, ja que reúne número excessivo de concorrentes, já porque alguns deles não têm «estaleca» para suportar confrontos a duas dimensões.

As notas (deveras aborrecidas) de duas expulsões em Marvila (Carlos Vitor, do Paredes; Mafra, do Oriental), e outra no Porto (Canavarro, de Braga), mais uma mão cheia de cartões amarelos, «penalties» que foram e se marcaram, tal como grandes penalidades que ficaram no tinteiro, tentaram macular a jornada. Tudo isso (porém) foi compensado pelas multidões que preencheram as molduras dos estádios: a resposta, sempre a imediata, a quem vilipendia esse extraordinário espectácub desportivo que se chama futebol.



Lito em acção: o setubalense está um jogador em pleno

Coimbra: arrogância da reserva de combate

Uma sensacional exibição do timorense Pincho mais o prolongamento exercido de pontaria a cargo do paraguaio Gonzalez marcaram (pelo lado belenense) o ascendente face aos conimbricenses, que redundou na eliminação dos visitantes do Restelo de uma competição onde a velha (e saudosa) Académica tinha sempre uma palavra a dizer. Só que, desta feita, na deslocação à beira-Tejo dos sucessores da rapaziada estudante, parece que uma má estrela bateu à porta da turma de Crispim, pois tudo o que era possível e inacreditável se juntou, apostado em não deixar vir até Lisboa o grupo de combate do Mondego. Veja-se só isto, por favor: o brasileiro Joaquim Rocha está lesionado; Camilo ficou a contas com forte ataque de gripe; os drs. Campos (Mário e Vitor) não puderam trocar o serviço para que estavam indicados, no hospital de Coimbra; Araújo anda às voltas com exames importantes; Costa não recuperou de um «toque»; Vala tem problemas intestinais e, por último, até Brasfemes convalesce de uma doença passageira. De qualquer modo, houve um desfalque tremendo nas hostes do centro do País: façam-se as contas e retirem-se, a outros «planteis» mais profissionalizados e rutilantes oito elementos com cátedra firme e veja-se o que pode acontecer a um emblema de futebol, seja ele o Bayern ou o Real Madrid, o Sporting ou o Benfica, o Chaves ou o Arrentela.

Pois, apesar desse depauperamento, o Académico de Coimbra bateu-se com uma galhardia e um aprumo que atinguiram pontos autenticamente **heróicos**, apenas batendo a asa quando a infelicidade de um seu defesa, grudado ao chão, permitiu que se abrisse a lata que Helder, o guardião do Tramagal, fechara com solda dupla. Esse golo, para longo sacrifício dos «azuis», apenas surgiu a 20 minutos do fim, mais consentido pela «azelhice» de Martinho que logrado pela gazela Vasques. Depois, ainda que sem colocar os braços junto ao corpo, o Académico estava rendido: em lugar do empate (que Melo regateou com um punhado de intervenções elásticas, a redimir completamente aquele Melo de outrora, que era bombo de festa para as más-línguas) em lugar do nulo que perseguiam (repetimos) os moços de Coimbra assistiram, impotentes e já vergados, à confirmação do triunfo dos pupilos de Peres Bandeira, na entrada fulguran-

Godinho: um estratega endossa a bola, no Restelo

te de João Cardoso, como que a justificar a sua chamada aos altos voos da selecção número um.

Poderá dizer-se que estaria bem um segundo embate: tal como não haverá a menor nódoa a colocar na mesa do repasto belenense. Somente nos momentos-chave a sorte pendeu para Lisboa: e como se viu, espartilhado em ausências de grande monta, nem o mais fanático academista iria esperar milagre tombado das alturas.

Francisco Lobo deu aquilo que podera chamar-se uma lição de arbitragem, ao nivel da actuação de outros parceiros no espectáculo: Pincho, Godinho, Gonzalez, Melo, Esmoriz, Vasques e, em diferente símbolo, Helder e Paulo Costa, Belo e Jose Freixo, Gregório e Gervásio, mostraram que nas veias corria futebol e não capilé. Numa tarde já a pedir praia, o Restelo foi pausa que refrescou muito boa gente.

OS "TEAMS"

Belenenses: Melo; Sambinha, Quaresma, Esmoriz e João Cardoso (Lima); Pincho, Jose Rocha e Godinho; Vasques (Ramalho), Artur Jorge e Gonzalez.

Académico: Hélder; Martinho, José Freixo, Belo e Paulo Costa; Gervásio (Maia), Freitas, Gregório e Rogério; João Carvalho e Manuel António.

Tentos de Vasques (75m) e João Cardoso (85). Arbitragem de Francisco Lobo, apoiado em Arlindo Rodrigues e Valdemar Nogueira, todos de Setúbal.

OS TRAQUINAS DA AMADORA

É bem certo: no Desporto, como na vida corrente, não existe vencedor antecipado. Não há quem possa, a priori, garantir êxito ou sucesso, sem por ele labutar do primeiro ao derradeiro instante. Foi por isso (entremos no campo do futebol) que os garotos da turma de iniciados do Estrela da Amadora bateram o pé aos moços do Sporting e, por 1-0 (golo de Chico) arrebataram o título lisboeta da categoria. Aqui temos, passeado em ombros de modo estranho, o guarda-redes da Amadora, um «gato» chamado Moreira. Mas, para a história futura, urge que se registem os nomes dos demais defensores do emblema triunfante: Vicente, José Joaquim, Teixeira, Loureiro, Luis «Índio», Carlos, Mario, Valente, Chico, João e «Yazalde». Foram estes traquinas que obrigaram os «leões» a ensarilhar as armas.

Andebol sereno

A ronda n.º 19 do campeonato nacional de andebol de sete não fugiu às cogitações gerais: triunfaram os mais cotados, sofreram os menos fortes. Os cinco primeiros na actual tabela geral, levaram de vencida os competidores, sendo apenas quebra de monotonia o êxito do Campo de Ourique, a permitir-lhe junção ao (Técnico na sacudidela a queda no abismo.

Nos encontros, que, em Lisboa, colocavam em palco Benfica e Sporting (o primeiro face a Académica de S. Mamede e os «leões» perante o Passos Manuel) a diferença que vincou o marcador foi idêntica: 15 golos à melhor, para «águias» e sportinguistas. Isto, enquanto o Belenenses (incontestado «leader» da prova) desfilava 35 tentos nas malhas dos futuros engenheiros, somente permitindo aos contrários 18 remates em boas condições.

Resultados totais da jornada: Benfica, 26-Académica de S. Mamede, 11; Passos Manuel, 8-Sporting, 23; Campo de Ourique-Beira Mar, 28-18; Vitória de Setubal-Boa Hora, 23-18; Belenenses-Técnico, 35-18 e F. C. Porto-Almada, 26-12.

Classificação actual: 1.º Belenenses, 54 pontos; 2.º, Benfica 51; 3.º, F. C. Porto, 49; 4.º Sporting 48; 5.º, V. Setúbal; 41; 6.ª Boa-Hora, Almada e Ac. S. Mamede, 33; 9.º, Beira-Mar, 31; 10.º, Passos Manuel, 29; e 11.ºs Técnico e Campo de Ourique, 26.

Linhas e marcadores nos dois espectáculos do topo do cartaz:

BENFICA: Anaia (Valente); José Manuel (5); Rui Jorge (4), Vasco Vasconcelos (6), Mário Rui (2), Franco (4), Fortes (3), Borges (1), Saraiva e Carlos Costa (1).

AC. S. MAMEDE: Magalhães (Guimarães), Gouveia (5), Pinto (3), Fernandes, Rui Guimarães (1); Ribeiro, Rogério (1), Parada, Poças, Barbedo e José Carlos (1).

SPORTING: Carlos Silva; Perrolas (4), Sacadura, F. Jorge (7); João Manuel (7), Adão (5), Brito, Banha, Xavier e Luis Filipe.

PASSOS MANUEL: Oliveira (Manuel Alberto); Evenor (1), Florêncio, Cruz (1), Martins (2), Ulrich (1), Carvalho (1), Pais (1), Marques (1) e Machado.

Aplausos para a boa aposta do técnico leonino Júlio Matos Moura em três recem-juniores: Luis Filipe, Banha e Xavier. Enquadrados pelos colegas mais experientes, mostraram chama para prolongar a tradição do Sporting no andebol português.

Portugal

BASQUETEBOL

Dois jogos para o campeonato nacional de basquetebol, escalao principal: Figueirense, 101-Académico, 80 e C.D.U.P., 64-Sangalhos, 83. Sporting (Sul) e a dupla F. C. Porto Sangalhos (Norte) comandam as classificações.

A Comissão Central dos Juizes de Basquetebol puniu com 18 meses de suspensão o árbitro José António Ribeiro Gois (de Lisboa) e com 15 dias de afastamento o juiz Joaquim Silva Santos (de Coimbra). Ao mesmo tempo, aceitou os pedidos de demissão apresentados pelos árbitros João Mendes (de Faro) e Henrique Pires Jesus (de Lisboa).

TÉNIS DE MESA

Sucesso das senhoras do Sporting no lisboeta de ténis de mesa: Madalena Gentil, Ana Rebordao e Ana Maria Cruz são as titulares.

ESGRIMA

Jose Noronha (Pupilos do Exercito), Edmundo Cruzeiro (Colegio Militar) e João Pedro Faria (C.D.U.L.) distinguiram-se nas provas de esgrima efectuadas no Colegio Militar.

SPORTING

Êxito de uma formação atlética do Sporting que, em Vigo, triunfou pela 2.ª vez consecutiva na «Volta» à cidade. Integrantes no conjunto português: Alberto Silva, Fernando Fernandes, Armando Aldegalega, Américo Barros, Leonardo Caetano e Bernardo Manuel.

VOLEIBOL

Mais dois embates para o nacional voleibolistico: Leixões, 3-Desportivo da Povoa, 1 e Técnico, 3-Nacional de Ginastica, 1.

TOTOBOLA

Boletim com 13

Sporting - Benfica	X
Varzim - CUF	1
Belenenses - Académico	X
Estoril - Farense	1
Leixões - União Tomar	1
Porto - Braga	1
União Leiria - Sesimbra	2
Sporting - Benfica	X
Varzim - CUF	1
Belenenses - Académico	1
Estoril - Farense	1
Porto - Braga	1
União Leiria - Sesimbra	2

Desporto

Sessenta mil pagantes a largarem dois milhões e tal nas bilheteiras. Cinco bolas a esbarrarem nas madeiras: quatro favoráveis ao Sporting. Dois «penalties» desconhecidos pelo árbitro: um, por falta sobre Chico; outro, no puxão de pés a Jordão, feito pelo nervoso Matos. Vinte e três «cantos»: 12 ganhos pelo Benfica. Camaradas da Imprensa a saírem antes do jogo se concluir e, durante ele, mais preocupados em fazerem registo dos governantes da parada que em fixarem o lento pé-de-bola num Alvalade a pedir praia. Tudo isso e, ainda, 120 minutos de futebol: com o solitário remate de Libânio que despejou da «Taça» o campeão nacional.

A LONGA ESPERA

Comentário por NEVES DE SOUSA

Libânio: da única vez que chutou decidiu o jogo

Para poder saborear o petisco, com ar risonho e feliz, o Sporting fartou-se de sofrer: não é todos os dias que se arremessa a bola, por quatro vezes, contra o branco que emoldura as balizas contrárias. Nem, tampouco, que se assiste a uma pedalada constante de todo um «team», a sentir o esforço desbaratado em todos os minutos do despedimento do «tiro» que parecia fácil. E foi preciso esperar 114 minutos pelo alargar de corações verdes, naquele chuto de raiva do negrinho Libânio, depois do concurso de alça mal calibrada dos colegas mais experientes ter redundado em furos num alvo etéreo.

Quase duas horas: e, nada. Ou (talvez) muito. O patentear de um lento Benfica, quem sabe se propositadamente a abrir mão de um torneio que significaria dispersão em duas frentes dos esforços que têm de ser canalizados para o objectivo maior: daí (entenda-se) um andar a passo, um repousar de lances que (francamente) não é habitual nos blocos da «Águia». Mas, poderá ter sido apenas uma ideia mal colocada no espírito da assistência: e a verdade maior pertencer a um Sporting soberbo de vontade e brio, com esse credo na boca que é o atribulado Matos a obrigar todas as suas hostes a uma intensa actividade de vigilância na retaguarda e brusco lanceamento para a manobra atacante, a tentar aolução da eliminatória num Alvalade a rebentar pelas costuras e imprimindo susto em quem bem atentava no facto, com largas dezenas de *penduras* suspensos das torres de iluminação, num desafio à vida que é espectáculo circense nas tardes da grande euforia colectiva.

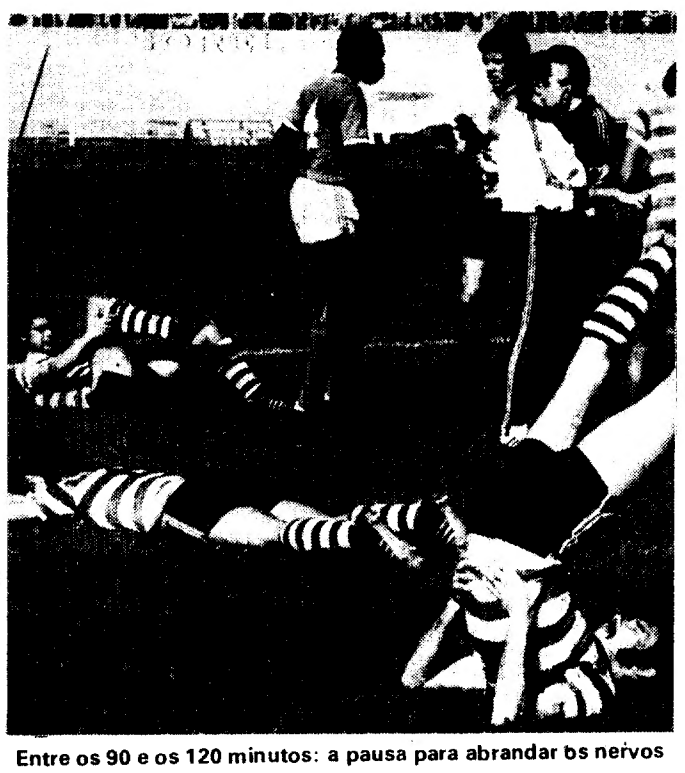
O «show», embora de fraca qualidade técnica e, especialmente por banda benfiquista com algumas renúncias, teve quatro compartimentos, tantos quantos os períodos em que foi legalmente triturado. No primeiro, o espelho do tempo total: Matos, pobre dele, arremessado para uma fornalha em hora cheia de ingratidão, soltava tudo o que lhe vinha ter à mão ou ficava nas viagens aos cruzamentos ou às cabeças do exército adverso. Isto, forçoso será citá-lo, porque nunca tinha havido, por parte dos responsáveis pelo futebol sportinguista, a preocupação de rodar ou exibir nos cotejos de *parada alta* qualquer outro guarda-redes que não fosse Damas, o tão lembrado neste adeus marciano. Assim, sem hábito, sem «calo», que queriam os de Alvalade ver no pobre rapaz da sua baliza?

Aliás, muito já ele fez: para tal valendo, em dose aí a 90 por cento, o companheirismo de colegas muito abnegados (Laranjeira, Mendes e, sobretudo, Da Costa, que cortaram tudo quanto passava ao alcance de pernas ou testa) cientes de que bola esvaída seria novo arranque para a conamina.

No segundo ponto da questão, a réplica dos dirigidos por Fraguito foi de tal calibre que se assistiu a primorosas blocagens de José Henrique, mesmo quando o bombardeamento nas traves era já propiciador de gargalhada, tantos e tão contínuos eram os lances decalcados a papel químico que lançavam o «frisson» na multidão. Mais para o fim, já depois das grandes penalidades abjuradas pelo dúbio critério do árbitro Porém Luís, mesmo após os atropelos à disciplina rubricados por Vítor Baptista, os dois chefes de exército tentaram tudo por tudo: Diamantino e José Domingos nos postos antes defendidos por Nelinho e moinhos; Vítor Gomes a substituir o lesionado Nelson e Libânio a prolongar a velocidade já perdida por Chico, o esgotado. O Santo virou a carta para Juca: faltavam quatro minutos para mais dois mil contos e uma romaria até à Luz. Tinham-se vivido os derradeiros 30 pulos do ponteiro pequeno entre sobressaltos e ais, com as duas faces de meia hora super a atirarem fracotes para a maca, enquanto, noutros ramos de actividade, os amantes de carteiras íam recolhendo proventos da concentração de parceiros no palco verde. «Taça» é isso: manjar para todos os paladares. E lucros ou desgraças.

Houve, apesar da monotonia provocada pelo calor, figuras a comprarem a retina do *pagode:* Da Costa e Laranjeira, José Henrique e Bastos Lopes, Tomé e Mendes, Nelinho e Sheu, o esforçado trio do meio-campo de garras (Baltasar, Fraguito e Nelson) que jamais andou de gatas e sempre tomou o peso à concertina. Apareceu, também, um Toni de braçadeira no braço e um Manuel Fernandes rei do azar. Mais um Marinho de faíscas nas botas e um Jordão a dez à hora. Um Artur que queria complicar o diálogo com o brasileiro da frente: e um Vítor Batista com atitudes de menino mimado, sem doutrina de escola. Uma dupla que esteve entre o **tem-te-não-caias** e o brilho: Barros e Messias, a segurança e a incerteza. Um Nelinho que correu até deitar os bofes pela boca: tal e qual como Chico, da perna virada para o céu. Por fim, no lavar dos cestos, um Diamantino que queria escapulir-se e um José Domingos que não acertava coisa que se visse: enquanto da outra banda chegava Vítor Gomes de dentes em fúria e, especialmente, o homem que ia vergar a balança, Libânio de sua propriedade. Mas, se me derem licença, acho que descobri para quem foi o melhor sabor do êxito: inteirinho para Matos, o jóvem que luta contra uma sombra, sem ter culpa alguma de estar agora na crista da onda.

Quem tem «calções» tem medo



Entre os 90 e os 120 minutos: a pausa para abrandar os nervos

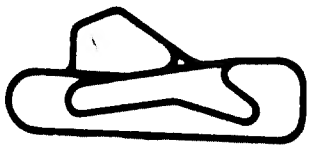
VERGONHA

A validação de um golo ao axadrezado Acácio (que estabeleceria o desfecho final) provocou, no Estádio dos Barreiros (Funchal) uma pequena guerra: invasão de terreno, um pedrada na cabeça de um dos fiscais de linha (Aurélio Marques), murro e cabeçada bravios, apedrejamento à camioneta em que viajavam os jogadores do Boavista, árbitro Ismael Baltasar) a terminar o encontro antes do tempo regulamentar e a fugir, a sete pés, para o aconchego dos balneários...

Esquecia-nos acrescentar um pequeno pormenor: o presidente do clube madeirense (Eurico de Sousa) já declarou que o seu clube (o Nacional) não apresentará protesto na Federação...

AUTOMOBILISMO

Primeiras corridas de 1976 no Autódromo do Estoril



No Autódromo do Estoril, disputaram-se ontem as primeiras provas integradas nos campeonatos nacionais de velocidade de 1976. O programa incluía ainda uma corrida destinada à Copa Renault TS, na qual obviamente só participaram pilotos espanhóis, e que constituiria um ponto alto do espectáculo, embora o vencedor se destacasse bastante cedo.

Clemente Ribeiro da Silva, em Opel Commodore GS venceu a primeira das corridas destinada a carros de Turismo Grupo I, Miguel Correia (Porsche Carrera) ao fim de muitos anos conseguiu uma vitória numa corrida de utomóveis, ganhando o Grupo II a V; em Fórmula Livre, Carlos Santos foi o vencedor num GRD e Chueca impôs-se na Copa TS. Finalmente no Troféu da Europa de Futuro a vitória coube à equipa formada por Domingos Sá Nogueira-Pedro Cortês, que tripularam um Opel Commodore GSE.

As classificações finais foram as seguintes:

GRUPO 1 (nacional) — 1.º, Clemente Ribeiro da Silva (Commodore GSE), 10 voltas, 22 m. 26,13 s.; 2.º, Fernando Belo (Alfa Romeo 2000), 22 m. 32,24 s.; 3.º, Oliveira Simões (Alfa Romeo), 22 m. 32,97 s; 4.º, Fernando Carvalho (Commodore) 23 m. 14.98 s.; 5.º, Luís Sequeira (Alfa Romeo), 23 m. 28.71 s Classificaram-se mais 21 concorrentes.

GRUPOS 2, 3, 4 e 5 — 1.º, Miguel Correia (Porsche Carrera), 10 voltas. 21 m. 15,19 s.; 2.º, Celestino Rodrigues (De Tomaso Pantera), 21 m. 40,42 s.; 3.º, Xavier Moreira (Alfa GTAM), 22 m. 32,040 s.; 4.º, António Onofre (Datsun 1200), 22 m. 41.65 s.; 5.º, José Pinheiro (Datsun 1200), 22 m. 54,62 s.. Classificaram-se mais 13 concorrentes.

FÓRMULA LIVRE — 1.º, Carlos Santos (GRD), 10 voltas, 20 m. 24,96 s.; 2.º, Álvaro Parente (Aurora Porsche), 20 m. 34,03 s.; 3.º, Santos Menhonça (F. F.-Mer-Ivn), 20 m. 34,03 s.; 4.º, Roberto Giannonne (F. F.-Lotus), 20 m. 44 s.; 5.º, Inverno Amaral, (F. F.-Holbay), 21 m. 17,91 s.. Classificaram-se mais cinco concorrentes.

«COPA TS» — 1.º, Chueca, 20 voltas, 49 m. 53,65 s.; 2.º, Juan 50 m. 03.07 s.; 3.º, Sanz, 50 m. 0,3,38 s; 4.º, Sasiambarrena, 50 m. 03,80 s; 5.º, Pena, 50 m. 23,98; s. Classificaram-se mais 23 concorrentes.

TROFEU DA EUROPA DO FUTURO (GRUPO 1) — 1.º, Domingos Sá Nogueira-Pedro Cortês (Commodore GSE), 70 voltas, 24.40,44 m.; 2.º, Fernandes Bello-Bernardo Sá Nogueira (Alfa-Romeo 2000 GTV), 70 voltas, 24.40,44m.; 3.º, Fernando Carvalho-Miguel Correia (Commodore GSE), 68 voltas; 4.º, Prazeres Ferreira-Oliveira Simões (Alfa-Romeo 1300), 68 voltas; 5.º, Parada Leitão-Mello Breyner (Opel 1904 SR), 67 voltas; 6.º, Aguiar Ramos-José Meireles (Capri 3000), 66 voltas; 7.º, Osvaldo Oliveira-José Tigre (Datsun 1200), 66 voltas; 8.º, Eurico Mota Veiga-Santos Almeida (Autobianchi Abarth), 65 voltas; 9.º, Giovanni Salvi (Volkswagen Passat LS), 64 voltas; 10.º, Ribeiro Santos-Vitor Seixas (Autocianchi Abarth), 64 voltas. Classificaram-se mais oito concorrentes.

VITÓRIA DE REGAZZONI NO G. P. DOS ESTADOS UNIDOS

LONG BEACH (CALIFÓRNIA), 29 — O piloto suiço Clay Regazonni obteve uma vitoria no Grande Prémio norte-americano do «Oeste», que se disputou em Long Beach, na Califórnia.

Regazonni comandou a corrida do princípio ao fim, não obstante a aturada perseguição que lhe foi movida pelo seu colega da equipa Ferrari, Niki Lauda, que se classificou em segundo lugar, a 32,3 segundos.

Regazonni, que não conseguiu concluir a prova no Grande Prémio da África do Sul, a primeira da época a contar para o campeonato mundial de «Formula 1», e foi setimo no Brasil, arrancou desta vez na «pole position» da grelha de partida e manteve-a até ao fim da corrida.

Em terceiro e quarto lugar, classificaram-se respectivamente, Patrick Depailler, em «Tyrrel» e o seu compatriota Jacques Laffite, em «Gitanes».

Classificação:

Clay Regazonni, Suiça, Ferrari 312-B3 T1, 137,68 KM/H; 2. Niki Lauda, Áustria, Ferrari 312-B3 T1, 136,74 KM/h; 3. Patrick Depailler, França, Tyrrel 007-Cosworth, 136.65 KM/h; 4. Jacques Lafitte, França, Ligier JS5-Matra, 136,15 KM/h; 5. Jochen Mass, RFA, McLaren M23-Cosworth, 135,95 KM/H, 6. Emerson Fittipaldi, Brasil, Copersucar FD04-Cosworth, 79 voltas; 7. Jean Pierre Jarier, França, Sahdow DN5B-Cosworth, 79; 8. Chris Amon, Nova Zelândia, Ensign NM05, 78; 9. Carlos Pace, Brasil, Brabham BT45-Alfa Romeo, 77; 10. Ronnie Peterson, Suécia, March 761-Cosworth, 77.

Geral

Isenção temporária do imposto sobre veículos

O Ministério das Finanças, através da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, promulgou a portaria que respeita à isenção temporária do imposto sobre veículos e define as condições em que a mesma será considerada.

Assim, ficarão isentos do referido imposto, a título provisório, os seguintes veículos: automóveis novos destinados a venda, aeronaves novas destinadas a venda, automóveis adquiridos para aluguer, e automóveis antigos.

As condições estabelecidas para que aos veículos compreendidos nestas quatro categorias seja concedida a isenção, são as seguintes, respectivamente: quando matriculados ou registados em nome dos importadores, empresas de montagem, agentes ou vendedores de automóveis e sejam exclusivamente utilizados em serviço de experiência ou demonstração ou se desloquem pelos seus próprios meios entre estabelecimentos de venda, e de ou para fábricas de montagem ou oficinas de reparação; desde que matriculadas em nome do construtor, importador ou empresa vendedora e o seu «emprego normal» se limite a demonstração e venda e assim conste do respectivo certificado de matrícula; durante o período que decorrer entre a aquisição do veículo para esse fim e a data da concessão da licença de aluguer; e quando detentores de certificados de autenticidade e de placa de homologação, concedidos pelo Clube Português de Automóveis Antigos, e circulem ocasionalmente para conservação da sua mecânica ou participação em manifestações desportivas ou cortejos.

O condutor de um veículo isento temporariamente de imposto será obrigatoriamente portador da respectiva declaração de isenção.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

cimento sem vingança e sem remédio.

Eles mexiam os lábios mas não ouvimos uma única palavra do que disseram. Compreende-se, não é verdade, estavam lá tão looooooooooonge...

Já, por outro lado, estava muito perto o dr. Freitas do Amaral, que é muito democrático, do C. D. S., que também é muito democrático. Esse mexeu os lábios e percebeu-se tudo o que ele disse. E até se percebeu o que ele não disse.

Falou que, como superiormente fora indicado, não estavam previstas mais nacionalizações. Logo, dizia ele, haverá que revitalizar o sector privado e nós (atenção, nada de confusões, quem fala é o dr. Freitas em nome do C. D. S.) *somos de longe os mais indicados para revitalizar o sector.*

Ora muito bem. O C. D. S. declara que é um partido capitalista. Só que utiliza um sofisma capaz de enganar unicamente os tolos.

Evidentemente que numa perspectiva socialista a iniciativa privada tem um largo papel a desempenhar, mas esse papel só pode ser orientado pelas forças socialistas e não pelas forças capitalistas. O capitalismo do C. D. S. não pode orientar o sector privado numa perspectiva socialista. É óbvio. Logo, no quadro da Constituição Portuguesa, aquele pardo é de facto o menos indicado para formar Governo.

O C. D. S., com outros nomes que usava, teve 50 anos para orientar a economia e a sociedade. Os resultados estão à vista. A moca ao serviço dos agrários e do grande capitalismo, já deu o que tinha a dar. Os portugueses saberão recusá-la.

BARES • BOITES

Restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 261461/164526/264596/ 264621/264946**

Marcha silenciosa de Mirandela

Em 23 de Fevereiro, inserimos no «DL», sob o título «Ainda a marcha silenciosa convocada em Mirandela», uma reportagem em que se dava conta do avanço da direita naquela localidade transmontana.

De acordo com informações que foram prestadas à nossa delegação portuense, afirmava-se na dita reportagem que o sr. Armando Figueiredo Sarmento era elemento reaccionário, tendo até ligações com o E.L.P.

Mas não é assim. Em longa carta que nos enviou, o sr. Armando Figueiredo Sarmento prova que não tem nada a ver com o E.L.P. Aqui fica, pois, o reparo que lhe é devido.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %	–	275$	280$
Cons. 3 %	–	310$	–
Cons. 3 1/2 %	–	350$	–
Centenários	–	810$	–
Tes. 5 %	–	840$	–
Tes. 10 %	545$	545$	550$
Extern. 1.ª - s.	–	450$	–
Extern. 1.ª - c.	–	450$	–
Extern. 3.ª - s.	–	–	–
Extern. 3.ª - c.	–	455$	–
Caut. 3.ª - s.	–	–	–
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	–	750$	–
C.M.L. 5 3/4 %	–	830$	–
C.P. 5 1/2 % — 67	–	720$	–
C.P. 5 1/2 % — 68	–	720$	–
C.P. 5 1/2 % — 69	–	810$	–
Corr. 5 3/4 %	–	800$	–
Metr. 5 3/4 %	–	820$	–
Tur. 5 3/4 %	–	820$	–
C.P. 6 3/4 %	–	–	–
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	–	690$	–
G. 5 % — 59	–	–	690$
G. 5 % — 62	–	–	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	–	–
G. 5 % — 65	–	–	–
G. 6 % — 67	–	–	–
G. 6 % — 69	–	–	–
G. 7 %	–	910$	–
H.E.A.A. 5 %	–	640$	–
H.E.C. 5 %	–	700$	–
H.E.C. 6 %	–	750$	–
H.E.D. 5 %	–	620$	–
H.E.D. 6 %	–	750$	–
H.E.N.P. 5 %	–	710$	–
H.E.S.E. 5 %	–	–	–
H.E.S.E. 6 %	–	750$	–
H.E.Z. 5 % — 57	–	–	–
H.E.Zêz. 6 %	–	–	–
N. Elec. 5 %	–	710$	–
N. Elec. 6 %	–	780$	–
Termoel. 5 %	–	610$	–
U.E.P. 5 % — 60	–	–	780$
U.E.P. 5 % — 63	–	785$	–
U.E.P. 6 %	–	–	–
U.E.P. 7 %	–	800$	–
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	–	720$	–
A.P.T. 5 % — 58	–	700$	–
Lisnave 6 %	–	750$	800$
Nitratos — 60	–	–	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	–	–
Sacor 7 %	–	820$	–
Sacor 5 % — 54	–	–	–
Sacor 5 % — 60	–	850$	–
Sid. 5 % — 2.ª	–	–	–
Sid. 5 % — 3.ª	–	–	–
Sid. 5 % — 4.ª	–	–	750$
Socel 5 %	–	–	–
R. Fabril — 67	–	845$	850$
R. Fabril — 68	–	–	830$
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	–	–	–
Rev. 5 % — 57	–	–	–
Rev. 5 % — 59-60	–	–	–
Moçambique 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	–	–	–
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	–	–	–
F.I.D.E.S.	–	–	–

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento soprava fraco dos Quadrantes Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ANADIA
Máxima ..... 26°
COVILHÃ
Mínima ..... 2,8°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco soprando moderado de Leste na Costa Algarvia

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H.

PORTO	14°
COIMBRA	15°
PORTALEGRE	15°
LISBOA	12°
FARO	16°
FUNCHAL	16°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.24	3,9 m	9.04	1,1 m
15.16	3,8 m	21.17	1,1 m
Dia 30			
4.01	4,0 m	9.35	1,0 m
16.21	3,9 m	21.50	1,0 m
Dia 31			
4.35	4,0 m	10.06	0,9 m
16.54	3,9 m	22.22	1,0 m

AMANHÃ
NASCER ÁS 7.25
OCASO ÁS 19.58
DIA 30 — DIA 7 — DIA 14 — IDA 21

palavras cruzadas

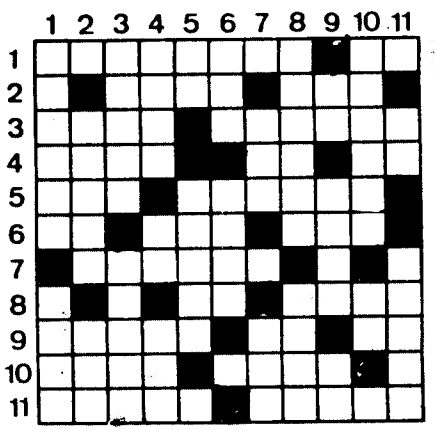
COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11 332

HORIZONTAIS:

1 Carinhosos. Ouro (s.q).
2 Sulco feito pelo arado. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
3 Leve. Assinalar.
4 Usado na expressão: correr Ceca e Meca. Nota musical. Pronome pessoal.
5 Escudeiro. Descerrado.
6 Distar. Falda. Duna na Suécia.
7 Acarreta.
8 Seguia. Tecido de malha para cobrir o pé e a perna ou parte dela.
9 Acto de mondar. Cério (s.q). Nota musical.
10 Cidade da Argélia. Facto.
11 Moradia de família nobre ou importante. Cures.

VERTICAIS:

1 Assaltai. Patrões.
2 Estrada militar romana, de Braga a Astorga. Rezo.
3 Antiga cidade do Epiro. Estreito.
4 Taramela. Autores, Faz doação de.
5 Rei de Basa, gigante que se opunha à passagem dos Israelitas e foi vencido por estes e morto por ordem de Moisés. Descerrava.
6 Ruído. Mão (gir.).
7 Ice. Cabelos brancos.
8 Curara. Móvel sobre o qual se come.
9 Antes de Cristo. Cubra. Sufixo que designa estado.
10 Choupos. Prefixo de negação. Tempo do verbo ser.
11 Criminosa. Antigo vestuário de homem, largo, com fraldas e abas.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

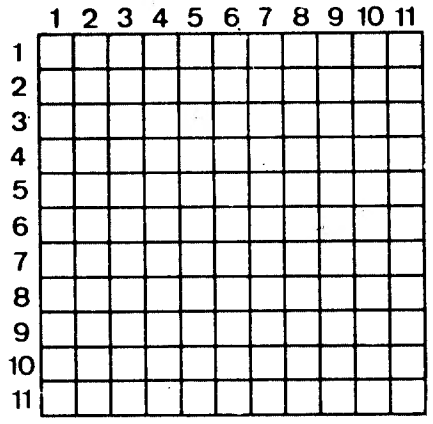
NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7492

HORIZONTAIS:

1 Vila e sede de concelho na ilha de Santo Antão (Cabo Verde). Esgotara.
2 Apelido. Amolgadura.
3 Samario (s.q.). Reprimira.
4 Peça da atafona. Fileira. Pertences.
5 Aneis. Relativo ao Sol.
6 Vê. Chefe etíope.
7 Sofreram em expiação ou compensação de.
8 Peça de vestuário para a mão. Adicionara.
9 Estavas. Fechamos as asas para descer mais depressa.
10 Porco. Comeras à ceia.
11 Brisa. Abreviatura de Santíssimo. Título honorífico na India.

VERTICAIS:

1 Cargo de ministro de Estado. Asa do nariz.
2 Equipar. Fortificou.
3 Interjeição que exprime dor. Pegava.
4 Costuraras.
5 Viúva (abrev.).
6 Rachasses.
7 Meto em mala. Ratavas.
8 -Cor vermelha. coralina. Estimar.
9 Pega. Vila e concelho do distrito de Viseu.
10 Reis. Estava. Nome de flor.
11 Árvore indiana cuja casa é empregada como adstringente. Transpiras.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 331

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Pobre. Parem.	1 PRONOME. Parem.
2 Os. Segara.	2 Eu. Sari.
3 Bem. Amarrar.	3 Dom. Negaram.
4 Ru. Aia. Amo.	4 Ês. Ais. Saba.
5 NINGUÉM.	5 Ain. Mad.
6 Sés. Arroz.	6 Esmagara. NO.
7 Pag. Ara. Pás.	7 Rea. Uras.
8 Aras. Asa. Se.	8 Gr. Er. Anos.
9 Riram. Na.	9 Paramos. Ana.
10 É. Abandonai.	10 Eram. Zás! Ai.
11 Mimado. Sair.	11 Raros. PEDIR.

PROVÉRBIO: Ninguém é pobre no pedir

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7491

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Bote. Sarau.	1 Barrabás. Ês.
2 Armur.	2 Salão. Ela.
3 Rs. Ais. Açor.	3 Ra. Sai. Al.
4 Ras. Içara.	4 Era. Rapsodo.
5 Alar. Áden.	5 Mim. Ás.
6 Baia. Bodes.	6 Sus'! Abrigos.
7 Ao. Par. Inês.	7 Ar. Ido. Samo.
8 Assis. Ano.	8 Acedi. Ser.
9 Elo. Gas. Tl.	9 Alcanena.
10 El. Daomé. Aa.	10 Or. Sentai.
11 Sado. Sorris.	11 Éras. Solas.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1

TODA A NOITE

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Telef. 630944)
ALTO PINA
Ibéria, Rua Barão de Saborosa, 235-A (à Alameda) Telef. 728277)
AMOREIRAS
Britânica, Travessa Legua da Póvoa, 5-B (Telef. 689250)
AREEIRO
Imperial, Avenida Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860)
AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20-22 (Telef. 44995)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Telef. 844361)
BAIXA
Oliveira, Rua da Prata, 240 (Telef. 321415)
BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Telef. 703393)
LAPA
Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 72 (Telef. 661010)
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B (Telef. 790332)
OLIVAIS SUL
Nova dos Olivais, Rua Manhica, lote 469 (Telef. 316402).

TURNO D-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 74 (Telef. 866360)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à Praça Paiva Couceiro) (Telf. 843571)
ALVALADE
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A/B (Telef. 725140); **Cartaxo**, Avenida da Igeja, 21-C (Telef. 717958)
ANJOS
Castro, Avenida Almirante Reis, 76-A (Tel. 821973)
AREEIRO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B/C (à Avenida Sacadura Cabral) Tel. 770776.
AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José 187 (Telef. 326476)
AVENIDAS NOVAS
Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (Telf. 44158)
BELÉM
Ultânica, Rua da Junqueira, 38-4 (Telef. 638132)
BENFICA
Alegria, Estrada de Benfica, 180-A/B (Telef. 780511)
CAMPOLIDE
Rualto L.ª, Alto do Carvalhão, 5-A/B (junto ao Aqueduto das Águas Livres) (telefone 651721)
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua de Infantaria, 28-A (Telef. 688857)
MARVILA
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Telef. 385264)
MOURARIA
Bastos Andrade, Calçada de Santo André, 107-111 (Telef. 860450)
S. BENTO
S. Bento, Rua Poiais de S. Bento, 73 (Telef. 679673).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. C.G.Guerra, 166 (T.2112953)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Até às 22 horas
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Toda a noite
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Ostende, R.de Espinho, 1 (T.260391). Toda a noite
CASCAIS
Cordeiro, Av. C. G. Guerra 40 (T.280170). Até às 22 horas; **A.Costa**, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmele**, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); **Helénica**, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **S.Jorge**, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)
DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)
QUELUZ
Correia, L.do Mercado, 3 (T.950045)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.2942181)
MEM MARTINS
Quimia, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 39 (T.2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T.2073212)
COVA DA PIEDADE
J.Castro Rodrigues, L.5 de Outubro, 62 (T.270121)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Diogo, R.Almirante Reis, 50 (T.2310032)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Soromenho, P.MachadoSantos (T.22691); **Alice**, P.do Quebedo (T.23743)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 7

ATÉ ÀS 22 HORAS

Ameal, R.do Ameal, 1227 **Campo Alegre**, R.do Campo Alegre, 723 **Ferreira da Silva**, R.dos Mártires da Liberdade, 150 **Peninsular**, R.Cha, 100 **Melo Taveira**, R.Alcaide Faria, 77 **S.Roque da Lameira**, R.d S.Roque da Lameira, 1111 **Sá da Bandeira**, R.Sa da Bandeira, 236 **Prelada**, R.Central de Francos, 316 **Martino, Suc.**, P.Marquês de Pombal, 122 **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria, 152 **S.Lázaro**, Av. Rodrigues de Freitas, 297

COIMBRA

Rodrigues da Silva, Rua Ferreira Borges, 32-Telef. 24348; **S. José**, Arcos do Jardim, 41-Telef. 24697.

cinemas

CASTIL
T.530194 — 15.30, 18.30 e 21.15

Int. a men. 18 anos
DELÍCIAS FRANCESAS
Um filme de Jean-Claude Laureaux
2.ª Semana
Hoje ante-estreia às 24.00
Interdito a menores de 18 anos
A JOVEM ASSASSINA

IMPÉRIO
T.555134 — 15.15, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
A SENHORA SABE DA PODA?
com Edwige Fenech e Carlo Guiffrè

POLITEAMA
T.326305 — 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. men. de 18 anos
O HOMEM DE HONG KONG
2.ª Semana de êxito sensacional
Acção expansiva - nível fantástico

VOX
T.720808 — 14,15,16.30,19 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
O HOMEM DE HONG KONG
2.ª Semana de êxito sensacional
Acção explusiva! Nível fantástico!

ROMA
T.727778 — 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
A PRESA
Analia Gade-Jean Sorel

PALÁCIO FOZ
Segunda-feira, 29 de Março de 1976 - 15.00, 18.15 e 21.00

VALAHOL EURÓPÁBAN
(QUALQUER LUGAR NA EUROPA)
Realização de Géza Radványi(1948)
Um pequeno grupo de crianças abandonadas, na Primavera de 1945, durante os últimos dias da Segunda Geurra Mundial...
Versão original com legendas em inglês
Não acons. a menores de 13 anos

CALEIDOSCÓPIO
T.795093 — 14,16.30,19 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
A felicidade é o prazer dos sensatos
A FELICIDADE
Hoje exibição de desenhos infantis das 12 às 14 h

EDEN
T.320768 — 14,16.30,19 e 21.15

Int. a menores de 18 anos
A suprema violência das artes marciais
4 CAVALEIROS DO KUNG FU
um filme de Chang Cheh

ODEON
T.326283 — 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
Enchentes consecutivas!
Uma odisseia que não envergonha as mães solteiras
A OUTRA MULHER
O drama de uma união ilegal
com Maurício Garces e Saby Kamalich

APOLO 70
T.763319 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
A HISTÓRIA DE FERNÃO CAPELO GAIVOTA
13.ª semana
Hoje as 24 H. Grupo D M. 18 anos
LUA DE MEL DE ASSASSINOS

CASINO ESTORIL
T.264621 — 18.15 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
A MOSTARDA SOBE-ME AO NARIZ

S. JORGE
T.54153/4 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
Dustin Heffman é
«LENNY»
2.ª Semana
O Homem, a lenda, o escandalo

RESTELO
T.610375 — 21.00

Não acons. a menores de 13 anos
COM JEITO VAI... NA FARRA!

AVIS
T.47163 — 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
A INSATISFEITA
Patrick Cunny e Pierre Oudry

ESTÚDIO
T.555135 — 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
A INGLESA ROMANTICA
um filme de Joseph Losey
4.ª Semana

ESTÚDIO 444
T.779095 — 14.30,16.45,19 e 21.15

Interdito a men. de 18 anos
DELÍCIAS FRANCESAS
2.ª Semana
Real Jean Claude Laureaux

MUNDIAL
T.538743 — 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
AMOR, NÃO FAÇAS MAL!
Talvez um pouco picante mas pode trazer a família

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 — 21.15

Grupo D. M. de 18 anos
O HOMEM DE KIEV

UNIVERSAL
T.774402 — 15.00, 19.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos
DEUS PÁTRIA AUTORIDADE
de Rui Simões
5.ª semana
4s 17 e 23 h
Para todos
MAO TSÉ TUNG
de Nagira Oshima
Sábado 00.30 N. ac. men.18 anos
A MORTE DUM LENHADOR

CONDES
T.322523 — 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos
COM ENCONTRO MARCADO
c/Richard Conte e Carla Gravina

BERNA
T.776098 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos
Stephan Audran e Mauri Ronet
O ADOLESCENTE
2.ª Semana
Um filme de Claude Lallemand

LONDRES
T.801313 — 14,45, 18.00 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
CENAS DA VIDA CONJUGAL
com Liv Ulhmann e Bibi Anderson

ROXY
T.48560 — 14.15,16.30,18.45 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos
JOGOS PARA CASAIS INFIÉIS
com Pierre Rousseau e Daniel Veaminik

TIVOLI
T.570596 — 15.15, 18.30 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
A CASA DO PARQUE DOS PESADELOS
um filme de Peter Syves

ALVALADE
T.897480 — 15.30, 18.30 e 21.15

Interdito a menoresde 18 anos
GOLPE POR GOLPE
com Henry Yue Younk e Ofelia Yu Wei

PATHÉ
T.821933 — 14.15,16.30,18.45 e 21.15

Não cons. a menores de 18 anos
Ricardo Cucciola, Martine Brochard e Enzo Ceruzio
O CASO DO PERVERTIDO SEXUAL
um filme de Vittorio Salerno

NIMAS
T.574362 — 14.15,16.30,18.45 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
O MONSTRO NA 1.ª PÁGINA
c. Fabio Garriba - Laura Betti

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CASA DA COMEDIA
21.30 (6 anos)
«Os Encantos de Medeia»
A.B.C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Afinal como é?»
ADÓQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Taran-Tan-Tan não Enche Barriga»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

LISBOA/Cinemas

SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«Delícias Turcas»
CINE BOLSO
21.30 (18 anos)
«Prazeres colectivos»
S. LUÍS
21.30 (13 anos)
«Brandos Costumes»
EUROPA
21.15 (13 anos)
O Inspector Martelada»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Chamavam-lhe Espírito Santo»
COLISEU
21.30 (10 anos)
«Grande Noite das Estrelas»
PARIS
21.15 (18 anos)
«Decameron proibido»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«O.K. Patrão»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Kung Fu»
JARDIM
21.00 (18 anos)
«Esquadrão Indomável»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«Heróis do Oeste»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Contos Imorais»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Deram-lhe uma Espingarda»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Aáina»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Revolução Sexual»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«O Rally das Gozonas»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Um Dia de Sol»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Obrigado Avó»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Emilienne»
S.JOÃO
21.15 (18 anos)
«Obrigado Avó»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Coleccionadora»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Camille»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Cenas da Vida Conjugal»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Tão amigos que Nós Éramos»
CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Verdade Interdita»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Mónica e o Amor»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Não Toques na Mulher Branca»
TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Amigos e Amantes»
S.TEOTÓNIO
21.15 (13 anos)
«Festival Joe Cocker»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Morrer em Madrid»

rádio

1.º Programa

15.00: Painel da tarde; **18.00**: Melodias; **18.30**: Temas sobre a condição de retornado; **19.00**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **21.00**: Painel da noite; **00.00**: Último jornal; **00.30**: Retrospectiva; **01.00**: Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta - música na noite; **02.00**: Música na noite.

2.º Programa

16.00: A ópera em dois actos «O Homem na Lua», de Haydn; **17.05**: Música de cravo; **17.15**: Dois poemas sinfónicos; **18.00**: Uma hora com música de Vivaldi; **19.00**: Música sinfónica; **20.00**: Música para dois pianos; **20.31**: Música de bailado; **21.00**: O canto e os seus intèerpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00**: Música sinfónica; **23.00**: Mudança do MF » DE Mono para Estéreo «Noite Transfigurada», op. 4, de Schonberg; **23.30**: Intercâmbio musical; **23.55**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho.

3.º Programa

16.00: Emissão nacional ela por elas casos ao acaso, de Orlando Dias Agudo (repetição); **16.30**: Vamos ao médico, com o dr. José Matildes (repetição); **18.00**: Emissão regional contacto - teatro trágico, dos Parodiantes de Lisboa: **20.15**: Folhetim: «A Queda de um Anjo» (repetição); **21.00**: Muisca, só música: **21.30**: Quando o telefone toca: **23.00**: A música e as vozes.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Jazz; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

Emissão continua Onda Média (Lisboa), **233,2** m **1286** KHz; Modulação de Frequência (Lisboa), **93,2** MHz.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Representantes dos moradores acorreram ao Palácio de Cristal para defender os seus pontos de vista

Quarenta mil moradores contra aumento de rendas no Porto

PORTO, 29 — Foi hoje entregue na Câmara Municipal o caderno reivindicativo dos moradores dos bairros camarários portuenses, aprovado no plenário efectuado anteontem no Palácio de Cristal, que teve como objectivo estudar os processos de actuação capazes de defenderem os interesses de cerca de 40 mil moradores e encontrar as formas de luta para materializar essa disposição, válida para 10.188 fogos de 29 bairros, isto é, cerca de 13 por cento da população portuense.

O caderno reivindicativo a apresentar às autoridades competentes consubstancia algumas das aspirações dos fogos municipais, sobretudo as que até ao momento não foram satisfeitas, designadamente a luta pela revisão ou alteração do regulamento dos bairros camarários, que desde 25 de Abril de 74 vem sendo objecto de contestação.

Os moradores dos 29 bairros em questão manifestam ainda a sua disposição de lutar para que não sejam aumentadas as rendas das casas camarárias por considerarem que tal seria incomportável com a subida «dos preços dos produtos de primeira necessidade que aumentam desenfreadamente (...) no momento exacto em que se tenta entravar os aumentos dos salários dos trabalhadores».

O caderno reivindicativo tem também em conta outros aspectos importantes, nomeadamente as infra-estruturas sanitárias e sociais.

FORÇAS DE INTERVENÇAO

400 agentes equipados para "assegurar a ordem"

Quatrocentos homens especialmente preparados para «assegurar a ordem e a tranquilidade» e «prevenção e repressão à criminalidade» equipados com «G-3» e bastões, capacetes e coletes de amortecimento, além de fardas francesas à prova de fogo, podendo dispor, para transporte imediato e intervenção, de três viaturas «Berliet», e com a possibilidade de utilizar num futuro não muito remoto escudos compridos e coletes à prova de bala, terminaram, sábado, um mês de instrução efectiva e intensiva, com o habitual juramento em parada.

No decorrer da cerimónia, o comandante da força, major Almeida Coimbra, proferiu uma alocução em que salientou as duas principais missões deste corpo de intervenção (Forças de Intervenção): «O prolongamento da actividade desenvolvida pelas forças normais da P.S.P., pelo emprego de maiores efectivos e meios sofisticados no combate à criminalidade comum, e a defesa das liberdades genéricas dos cidadãos, entre as quais avultam as do pensamento, expressão e reunião».

São, três os princípios a que se submeterá todo o agente da nova força (ainda segundo o major António de Almeida Coimbra) «ser respeitador estrito da legalidade; ter humanismo e civismo; e ser técnico da manutenção da ordem».

Todos os elementos desta Força de Intervenção, que poderá já actuar no decorrer da campanha eleitoral foram recrutados em regime de voluntariado e não ganham mais que os outros agentes da P.S.P., quando «em Portugal se vive numa sociedade de transição que se pretende atinjir a democracia plena» (...) e «para que possamos assumir todas as responsabilidades que nos são cometidas» (afirmações do comandante da força durante a cerimónia).

«Sendo toda a população a razão da nossa existência», disse mais adiante o major Coimbra, «é dela que dependemos, é a própria população que nos confere, em última análise, a legalidade de actuação, se necessário pela força, sistema nunca desejado, mas igualmente nunca receado, o que de forma alguma se pode considerar ou designar por repressão.»

Para não atraiçoar a população« que em nós confia», o major Coimbra, já depois de citar o comandante Almeida Costa (que acerca das forças policiais afirmara: «Vocês são os pilares fundamentais sobre os quais assenta a possibilidade de vida democrática do País», caracterizou as atribuições das Forças de Intervenção: ordem das suas formações e atitude digna; disciplina e obediência estrita e imediata aos chefes; calma e sangue frio; e decisão na acção.

Vinte mil "retornados" querem regressar a Angola

Cerca de vinte mil «retornados» de Angola estão preparados para regressar à jovem República Popular, onde tencionam continuar a sua vida. Com a estabilização da situação na ex-colónia, prevê-se que este número aumente substancialmente, rondando a casa das centenas de milhares.

Neste momento, todo o processo de regresso a Angola corre, inicialmente, pelo órgão coordenador do M. P. L. A., instalado na Casa de Angola, em Lisboa, que encaminha os processos para o Ministério angolano dos Assuntos Exteriores, no caso dos portugueses, ou para o Ministério do Interior, no caso dos naturais daquele país. Quanto aos segundos, os seus processos têm corrido com certa rapidez, financiando Portugal as passagens para Angola. No segundo caso, as inscrições, que se estimam em duas dezenas de milhares, encontram-se temporariamente suspensas, não só por o seu número ser de tal modo elevado que causa embaraços à máquina burocrática de Luanda, como também por falta de definição de uma política comum dos dois Governos. Pesam ainda, neste segundo caso, considerações de ordem diversa sobre as pessoas inscritas para regressarem, nomeadamente quanto à sua adaptação à nova realidade.

Prevê-se que, com a abertura de uma representação oficial da República Popular de Angola em Lisboa, decidida durante as conversações efectuadas em Portugal pelo ministro adjunto das Relações Exteriores da R. P. A., Paulo Jorge, todo este processo possa ser simplificado e, automaticamente, acelerado. Da parte de Portugal, aguarda-se uma resposta do Governo angolano quanto a esta representação oficial, conforme acordado nas conversações, devendo em seguida ser definida uma nova orientação por parte do nosso país.

Frelimo desmente "atentado" contra Samora Machel

MAPUTO, 29 — Autoridades moçambicanas desmentiram esta manhã, quando instadas pelo «DL», as notícias veiculadas pela agência noticiosa sul-africana «SAPA» e das quais faz eco pelo menos um matutino lisboeta de hoje, segundo as quais um piloto da companhia aérea moçambicana «DETA» teria sido preso sob suspeita de tentativa de assassinato de Samora Machel.

Fontes oficiais de Maputo classificam tais notícias como «mentiras descaradas», adiantando que desconhecem a existência de qualquer anomalia em que possam ter tido origem.

Quanto a uma greve dos pilotos da «DETA», declarada como gesto de solidariedade para com o seu colega supostamente detido, não se registou qualquer paragem de trabalho e todas carreiras funcionam normalmente. Apenas no sábado estiveram interrompidas por algumas horas as ligações com Tete devido a uma avaria na instalação de rádio da queleaeroporto.

As mesmas fontes, instadas a pronunciarem-se sobre «eventuais divergências na Frelimo que teriam dado origem a uma troca de tiros em Maputo na passada 5.ª feira», revelaram que os tiros ouvidos naquela data na zona periférica da cidade foram disparados como advertência por uma patrulha das FPLM empenhada na captura de um gatuno. Quanto a divergências no seio da Frelimo, «as mesmas só podem ser atribuídas à campanha internacionalmente movida pelo imperialismo para tentar desacreditar a revolução moçambicana e semear a confusão no interior do país».

Partidos chamados a S. Bento

Representantes dos três partidos governamentais, foram esta manhã chamados a S. Bento pelo Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo.

Momentos antes do encontro com as delegações do P.S., P.P.D. e P.C.P., o chefe do Governo disse aos jornalistas que a reunião visava pôr cobro à vaga de desestabilização que se verifica, com tendência a aumentar à medida que se aproxima o período eleitoral.

A primeira delegação a conferenciar com o Primeiro-Ministro, foi a do P.S., constituída por Sottomayor Cardia e Marcelo Curto. À saída, Cardia disse que se tratara de «conservar a coesão governamental e de criar condições para que as forças interessadas na estabilização social e política e até de espírito neste País, prevaleçam sobre as forças que a ela pretendem sobrepor-se». Acrescentou o dirigente do P.S. que «neste momento o que importa é que entre o Primeiro-Ministro e cada partido se forme essa coesão governativa».

Depois, Pinheiro de Azevedo receberia o P.P.D., representado unicamente por Cunha Leal. Abordado igualmente, à saída de S. Bento, o dirigente do P.P.D. disse que não lhe fora proposta nenhuma «mesa-redonda» mas que o Primeiro-Ministro lhe transmitira que gostaria de ter contactos com os vários partidos, por agora separadamente, no sentido de uma maior coesão do Governo. Sobre a posição do P.P.D. face à ideia de uma mesa-redonda com os partidos e o chefe do Governo, Cunha Leal disse que não podia responder, já que não era mais que um representante do partido. E a concluir: «O Primeiro-Ministro expôs-nos alguns pontos de vista e pediu-nos que lhe trouxessemos sugestões».

Dois minutos antes da hora marcada para a entrevista com Pinheiro de Azevedo (12.30) chegou a delegação do P.C.P.: Álvaro Cunhal e Blanqui Teixeira.

Aos jornalistas, Álvaro Cunhal afirmou que desconhecia os motivos da reunião. Instado, ainda assim, a emitir opinião sobre o que se iria passar, disse que, antes, nada poderia dizer. Depois, sim.

Melo-Chissano

Continuação da pág. 1

que levaram ao atraso da reunião, já se terão efectuado durante a sua recente estada no Maputo, de regresso de Nova Iorque. Permanece de pé a hipótese de Argel ser o local escolhido para o encontro, embora este facto pareça não estar assente em definitivo, a despeito de contactos que vêm sendo mantidos entre as duas partes.

Durante as consultas realizadas por Chissano com o seu Governo, foram passadas em revista todas as negociações realizadas até agora com Portugal e em especial as últimas, conduzidas por Gomes Mota (para este «dossier» contribuiu ainda a recente entrevista concedida pelo ex-secretário de Estado ao semanário «Expresso»). Foram ainda focadas as recentes conversações com uma delegação do PCP conduzida por Álvaro Cunhal (uma outra missão do Partido Comunista Português, formada por Carlos Costa e Américo Leal, está também neste momento em Sófia).

Timex protesta no M.T.

Os trabalhadores da Timex decidiram esta manhã, em plenário efectuado nas instalações da empresa, concentrarem-se hoje junto ao edifício do Ministério do Trabalho, para pressionarem as entidades competentes nas negociações que uma representação sua vai tentar iniciar. Assim, à hora a que o nosso jornal começa a circular, os trabalhadores daquela empresa deverão começar a manifestar-se na Praça de Londres.

No plenário efectuado esta manhã, na Timex, com a presença de grande parte dos 2000 trabalhadores da empresa, foi decidido criar dois grupos de luta, um constituído por cinco elementos eleitos pelos trabalhadores, outro por cinco delegados sindicais. Esses grupos têm a missão, já hoje, de contactarem as entidades competentes no Ministério do Trabalho, para que seja tomada qualquer atitude oficial face às perspectivas de encerramento da empresa, por parte da entidade patronal.

Entretanto, foi decidido na mesma reunião, que amanhã os trabalhadores se concentrariam em S. Bento, onde se realizará um Conselho de Ministros.

Recordamos que, em Janeiro, o ministro Tomás Rosa já considerou incorrecta a atitude da empresa ao encerrar, então, temporariamente, a Timex.

Quem viu o GN-98-19?

Ao leitor que, por acaso, reparar num Toyota Corolla, branco, matrícula GN-98-19, agradeciamos que telefonasse para os n.os 606579 ou 788374. É um carro roubado. O proprietário precisa dele para a sua vida profissional.

General preso em Itália

ROMA, 29 — (R) — A Polícia prendeu hoje dois oficiais dos serviços secretos militares em ligação com um atentado bombista, perpetrado por extremistas da direita, em 1969, em que perderam a vida 16 pessoas.

O general Giandelio Maletti e o seu principal colaborador, capitão António La Bruna, são acusados de ajudar um dos suspeitos do atentado a fugir do país, após ter sido passado um mandato de captura contra ele.

A explosão em Milão, o pior acto de violência em Itália, depois da Guerra, foi inicialmente atribuído a anarquistas.

Um jovem anarquista milanês, Pietro Valpreda, passou três anos na cadeia, antes de lhe ser concedida liberdade provisória para aguardar o julgamento. Um segundo anarquista, Giuseppe Pinelli, morreu ao cair de uma janela do quarto andar do edifício do comando da Polícia de Milão quando estava a ser interrogado acerca do atentado bombista.

nota tome

A QUADRATURA DO CÍRCULO

Na revista do «Círculo dos Leitores», para o segundo semestre deste ano, anuncia-se o livro «O meu País e o Mundo», de André Sakharov, prémio Nobel da Paz, e conhecido «dissidente» soviético, que já se celebrizara em Setembro de 1973 com um telegrama de felicitações a Pinochet por este «ter libertado o Chile das garras do comunismo». No pequeno texto do anúncio o «Círculo dos Leitores» parece estar em uníssono com as preocupações que a «liberdade democrática» em Portugal suscita a Sakharov. As preocupações de Sakharov com a nossa democracia, dado o precedente chileno, são de molde a suscitar-nos sérias reservas: estamos mesmo a ver que só um Pinochet português lhe poderá encher as medidas. Esperemos que o «Círculo dos Leitores» nesse caso não aprove a conduta do «notável sábio» que tanto exalta neste momento.

INTERNACIONALISMO

A Companhia Portuguesa de Electricidade é uma empresa nacionalizada. «Nossa!» Mas contrariamente ao que seria natural e de acordo com os interesses económicos do nosso País, opera cambialmente por intermédio de um banco não nacionalizado. No caso, o Banco Inglês.

Internacionalismo?